



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

NATHÁLIA REGINA RODRIGUES ROCHA DE SANTANA

**SUBJETIVAÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL ATRAVÉS DO DISCURSO
RELIGIOSO: ESTRATÉGIAS MODERNAS DE COLONIZAÇÃO**

**RECIFE
2022**

NATHÁLIA REGINA RODRIGUES ROCHA DE SANTANA

**SUBJETIVAÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL ATRAVÉS DO DISCURSO
RELIGIOSO: ESTRATÉGIAS MODERNAS DE COLONIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.
Área de concentração: PSICOLOGIA.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vivian Matias dos Santos

**RECIFE
2022**

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S232s Santana, Nathália Regina Rodrigues Rocha de.
 Subjetivação de gênero no Brasil através do discurso religioso :
 estratégias modernas de colonização / Nathália Regina Rodrigues Rocha
 de Santana. – 2022.
 102 f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora : Vivian Matias dos Santos.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
 CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2022.

 Inclui referências e anexos.

 1. Psicologia. 2. Subjetivação feminina. 3. Configurações católicas
 no Brasil. 4. Epistemologia decolonial. 5. Feminismos. I. Santos, Vivian
 Matias dos (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2023-109)

NATHÁLIA REGINA RODRIGUES ROCHA DE SANTANA

**SUBJETIVAÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL ATRAVÉS DO DISCURSO
RELIGIOSO: ESTRATÉGIAS MODERNAS DE COLONIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.
Área de concentração: PSICOLOGIA.

Aprovada em: 01/08/2022

BANCA EXAMINADORA:

Participação via Videoconferência

Prof^ª Dra. Vivian Matias dos Santos (Presidente/Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^ª Dra. Érika de Sousa Mendonça (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^ª Dra. Maria Lucia Chaves Lima (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Pará

Participação via Videoconferência

Prof^ª Dra. Karla Galvão Adrião (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Molhada... serei fonte
Serei mar, horizonte.
E que meu respingar
Não se perca na frente
De quem quer se molhar,
Ou nadar pra bem longe.

Dedico este trabalho
A todas que nadaram,
A todas que emergiram,
A todas que se afogaram,
A todas que respiram.

Nathália Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Senhor, Tu me olhaste nos olhos
A sorrir, pronunciaste meu nome
Lá na praia, eu larguei o meu barco
Junto a Ti, buscarei outro mar.

É pela graça de poder contemplar as possibilidades, de poder caminhar por outros caminhos e de poder me banhar em outros mares que eu agradeço a Deus, que sempre me guia em passos e mergulhos. Mergulhar neste estudo não foi fácil, mas além de necessário, tem sido incrivelmente desbravador e produtor de saberes, afetos e afetações.

Largando o barco, tentei me proteger com um escafandro que, tendo sido primeiramente pensado como proteção, muitas vezes me privou do banho. Agradeço, deste modo, aos meus pais, Cristiane e Evanesio, que por cuidado me vestiram, mas igualmente por cuidado respeitaram quando eu decidi me despir.

Agradeço a Vivian, minha orientadora, que me apontou os fechos que eu precisava desbloquear para entrar em contato com essas águas, sempre com paciência e disposição, respeitando meu tempo, meus limites e minhas vivências.

Acostumada com as proteções, não foi fácil mergulhar sem esses recursos. Portanto, agradeço à minha irmã, Ana Luz, que como seu próprio nome sugere, tem sido minha luz em todos os momentos da vida, me ajudando a clarear os caminhos e me dando suporte para desbravar os desconhecidos.

Submersa, precisei/preciso de muito fôlego para me manter em imersão e emersão nesses mares de águas turvas. Agradeço, portanto, a todas as pessoas que foram/são meu oxigênio durante esse desbravamento: Ruan, João Carlos, Lídia, Jéssica, Ivane, Jamylle, Luísa e Túlio. Contar com vocês é um presente da vida.

Agradeço a vó (*in memoriam*) e a tia Nice, que são minhas referências de que mulher pode sim! Obrigada por sempre me inspirar a buscar além. Além da igreja, além da faculdade, além da praia, além do barco, além de mim.

Agradeço, por fim, à minha banca, formada por mulheres tão maravilhosas, que me inspiraram a ir mais fundo, mas sem me perder. E ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsi) UFPE, junto ao apoio e fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), que me permitiram todo esse processo de ancorar, mergulhar e produzir um estudo tão significativo para minha vida profissional e pessoal.

“Eu não obedeco porque sou molhada”

(CHAGAS, 2018)

RESUMO

A partir da minha percepção e vivência pessoal em situações de opressão feminina no contexto religioso escolhi olhar para o tema enquanto pesquisadora, uma vez que me senti afetada por experiências frequentes de discursos sexistas segundo padrões patriarcais e cis-heteronormativos, não raramente, fundamentados por argumentos políticos e religiosos. Pensando nisso, esse estudo tem como objetivo evidenciar os processos de subjetivação feminina, provocados e/ou assegurados pelas configurações católicas no Brasil, a partir de suas diferentes configurações de poder, sob o recorte geopolítico de uma cidade do interior de Pernambuco. Para tanto, me proponho a contribuir com o rompimento de uma base epistêmica colonial civilizatória limitante, democratizando, assim, o pensar e o sentir, através da reflexão do si mesmo em contato com o mundo, por meio de uma escrita autobiográfica, amparada pela epistemologia decolonial, a qual se propõe ao rompimento de conceitos estagnados que servem ao sistema de dominação, performando um caráter desobediente e insurgente, que causa inquietação nos dispositivos de controle social como as instituições católicas, mas que vem se alastrando e ganhando espaço nas Universidades, tendo sido desenvolvida principalmente por estudiosos latino-americanos no campo dos feminismos, da Psicologia e outras ciências humanas e sociais. A pesquisa evidencia, por fim, que a adesão da Igreja Católica aos dispositivos midiáticos *on-line* pode ter propiciado ao conservadorismo judaico-cristão configurações de poder ainda mais eficientes para a reprodução da opressão feminina no Brasil, através da propagação e defesa de estereótipos cis-heterossexistas que legitimam e reafirmam as representações sociais do feminino e dos modos de 'Ser Mulher' pautadas pelo determinismo religioso. Espera-se, portanto, que este trabalho possa contribuir para o estímulo de pensamentos e posicionamentos crítico-reflexivo frente à proliferação de imposições sociais até então reproduzidas como naturais.

Palavras-chave: subjetivação feminina; configurações católicas no Brasil; epistemologia decolonial; feminismos; psicologia.

ABSTRACT

From my perception and personal experience with situations of female oppression in the religious context, I chose to look into the topic as a researcher, since I felt affected by frequent experiences of sexist discourses according to patriarchal and cis-heteronormative patterns, not rarely, based on political and religious arguments. With this in mind, this study aims to highlight the processes of female subjectivation, provoked and/or ensured by the Catholic settings in Brazil, from its different power configurations, under the geographical outline of a city in Pernambuco. To do so, I propose to contribute to the disruption of a limiting epistemic colonial civilizing base, democratizing, thus, thinking and feeling, through the reflection of the self in contact with the world, through an autobiographical writing, supported by decolonial epistemology, which proposes the disruption of stagnant concepts that serve the system of domination, It performs a disobedient and insurgent character, which causes uneasiness in the devices of social control such as Catholic institutions, but has been spreading and gaining space in universities, having been developed mainly by Latin American scholars in the field of feminism, psychology and other human and social sciences. The research evidences, finally, that the adhesion of the Catholic Church to online media devices may have propitiated to the Judaic-Christian conservatism power configurations even more efficient for the reproduction of female oppression in Brazil, through the propagation and defense of cis-heterosexist stereotypes that legitimate and reaffirm the social representations of the feminine and of the ways of 'Being Woman' guided by religious determinism. It is hoped, therefore, that this work can contribute to the stimulation of critical-reflexive thoughts and positions in the face of the proliferation of social impositions that have hitherto been reproduced as natural.

Keywords: female subjectivation; catholic settings in Brazil; decolonial epistemology; feminism; psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Andor da Padroeira	21
Figura 2 - Andor de São Sebastião em procissão	22
Figura 3 - Andor de São Sebastião em procissão	23
Figura 4. Transmissão de Celebração em Honra a São Sebastião	24
Figura 5. Lives - Festa de São Sebastião	25
Figura 6. Pedra do Cristo Salvador	26
Figura 7. Cristo Redentor	27
Figura 8. Foto com andor, Nathália - Promessa	28
Figura 9. Foto com andor, Nathália - Promessa	28
Figura 10. Foto com andor, Nathália - Promessa	29
Figura 11 Foto com andor, Nathália - Promessa	29
Figura 12. Foto com andor, Nathália - Promessa	30
Figura 13. Foto com andor, Nathália - Promessa	30
Figura 14. Foto com andor, Nathália - Promessa	31
Figura 15. Foto com andor, Nathália - Promessa	31
Figura 16. Foto com andor, Nathália - Promessa	32
Figura 17. Batismo de Nathália	33
Figura 18. Imagem interna da antiga capela de São Sebastião	34
Figura 19. Primeira Eucaristia - Nathália	35
Figura 20. Vigília - EJC Limoeiro-Centro	40
Figura 21. Colagem - Chamadas do Programa Na verdade da Rede Século 21	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A NAVEGANTE - UM MAPA AFETIVO-REFLEXIVO ENTRE O BARCO E AS ÁGUAS	15
2.1	O CAIS QUE ATRACA A MINHA FÉ - UM RECORTE GEOPOLÍTICO	20
2.2	À PRANCHA OU AO MAR	27
3	DE NAVEGANTE A EXPLORADORA - UM MERGULHO DECOLONIAL	42
3.1	SOB O CAIS	42
3.2	O BARCO, A PRANCHA MODERNA E SUAS APRIMORADAS ESTRATÉGIAS DE COLONIZAÇÃO	46
4	MIDIATIZAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL - O ESTADO COMO PATILHÃO DA EMBARCAÇÃO RELIGIOSA	49
4.1	O CANAL - A GENTE DE BORDO E A DINÂMICA DA EMBARCAÇÃO	50
4.2	O PROGRAMA - NA VERDADE	54
4.3	O EPISÓDIO - A CABINE E SEUS MARINHEIROS	58
4.3.1	Voltemos ao Gênesis - O fundamentalismo e as dicotomias coloniais como promotores das categorias de opressão de gênero, raça e classe	60
4.3.2	Estereótipos de Gênero e Interseccionalidade - A manutenção do ideal feminino em prol da Instituição Familiar Cisheteronormativa Mononuclear Burguesa	64
4.3.3	O Feminismo e a “Mentalidade Revolucionária” - Uma ameaça ao modelo vigente	69
5	EUREKA! PSICOLOGIA, FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE - A INSURGÊNCIA CIENTÍFICA CONTRÁRIA AO EMPUXO	73
6	CONSIDERAÇÕES	79
	REFERÊNCIAS	82
	ANEXO A - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA REDE SÉCULO 21	89
	ANEXO B - EPISÓDIOS DO PROGRAMA “NA VERDADE”	94

1 INTRODUÇÃO

Banhei meus pés
Nas águas do Ser Mulher
Um enfrenta batalhas,
O outro espera na fé.

Banhei meus pés
Nas águas do Ser Mulher
Um com cicatrizes,
O outro já não as quer.

Banhei meus pés
Nas águas do Ser Mulher.

Como posso
Com pés diferentes nadar?
É que as águas do Ser Mulher
São vindas do mesmo mar.

Avassalador, o tsunami da colonização assolou todos os povos que constituíam e engendraram os territórios invadidos. Caminhos plurais afogados e apagados por águas violentas e incessantes que, sem aviso, imergiram culturas, subjetividades e possibilidades de ser.

Comandantes, os colonizadores exibiam suas embarcações civilizatórias, cunhadas por ideais que hoje reconhecemos e denominamos enquanto classistas, racistas e machistas. Com a promessa de uma vaga a bordo rumo à vida eterna e à salvação, esses comandantes aculturaram, evangelizaram, escravizaram e domesticaram os povos que se afogavam em perda e dor.

Foi suprimida, no entanto, a informação de que o lugar a bordo estava limitado a caminhar na prancha. Instável, insegura e condicionada à obediência, a permanência ao lado dos dominadores e seus marinheiros era sinônimo de coação, tortura, castigo, estupro, entre tantas outras características de um cárcere. À prancha ou ao mar: falsa dicotomia do existir.

Enquanto mulher brasileira e nordestina, peguei carona na embarcação da fé e aprendi a ser grata pelo cárcere que me foi designado. Assustada quanto à prancha, mas curiosa sobre o mar, aproveitava a escotilha do conhecimento para poder banhar os pés. Curiosidade, no entanto, não é algo bem visto para uma navegante da fé, o contato com a água, então, é inaceitável. Exposta ao mar, não era bem vinda no barco.

Afundando, encontrei fósseis e tesouros das culturas aniquiladas que resistem à corrosão marítima, galvanizadas pelos saberes de povos que vivem e resistem em seus costumes, crenças e saberes. Afundar, de repente, me pareceu liberdade.

Aprendi, afundando, que posso, para além de nadar, mergulhar. Imergir e emergir no conhecimento de mim mesma, da cultura que me constitui e das que, sufocadas, não puderam me habitar. Me deparo nesse processo com o confronto entre o que a colonialidade faz de mim e o que em mim resiste, evidenciando o que Lugones (2014) chama de "ser-sendo" e "estar-sendo em relação", o que denota o paradoxo de uma subjetividade plural de encarceramento e singular de (re)conhecimento das possibilidades de ser.

Nessa descoberta de mim mesma e das possibilidades de ser, tenho pensado no quanto posso agregar à ciência e viabilizar um processo de construção identitária social para mim e tantas outras mulheres na mesma condição, através da artesanaria entre memória, afeto e afetação de uma mulher que, simultaneamente, pensa e crê. Nesse sentido, reflito: Por que me contentar com a prancha, quando posso nadar?

Ocupar os espaços teoricamente contraditórios da ciência e religião é resistir à limitação de um modelo binário de ser. Me expressar autobiográfica e poeticamente é tecer na malha da modernidade fios de uma experiência singular e plural que coexiste e resiste em um mundo de tantas outras trajetórias e subjetividades, minadas pela regulação dos corpos, das palavras e das vidas.

Abordar a temática Gênero-Religião em um contexto político-social, como o que vivenciamos hoje, de constante afogamento das subjetividades, é um desafio potente e produtor de afetações, muitas vezes dolorosas. Pensando nisso, me proponho neste estudo a contribuir com o rompimento de uma base epistêmica colonial civilizatória limitante, democratizando, assim, o pensar e o sentir, através da reflexão do si mesmo em contato com o mundo.

Considerando as particularidades de viver em um contexto pandêmico¹, esse contato com o mundo precisou ser modificado e ressignificado, outorgando o monopólio da comunicação às configurações cibernéticas. Portanto, esta pesquisa se preocupa em explorar aspectos tanto do mundo material, quanto do espaço virtual, igualmente produtor de subjetividades.

¹ “A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias” (Cf. FIOCRUZ. Impactos Sociais da Pandemia. 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>

É nesse contexto que aponto o desafio no desenvolvimento de metodologias que deem conta do que é proposto, uma vez que se trata de uma desconstrução e simultânea construção de novos modos do fazer-saber, transbordando as limitações dos dualismos, da territorialidade euroamericana, da colonialidade e de uma ciência isenta de afetos e afetações. Sendo assim, o presente estudo evidencia uma escrita de caráter insurgente e de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), através de uma perspectiva autobiográfica que evidencia o meu lugar de fala enquanto mulher cisheteronormativa, branca, católica, cientista e feminista, frente ao conteúdo abordado pelo episódio, reivindicando a legitimidade do que se diz sobre si enquanto potência científica e provocando o desligamento da colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2007), do saber (LANDER, 2005), do crer e do sentir (SILVA e PROCÓPIO, 2019).

Desta forma, esta pesquisa faz parte do processo de imersão e de emersão em um mar de águas turvas, explorando possibilidades e limitações de ser. Na tentativa de conhecer as tramas da colonialidade, tem-se como objetivo geral do estudo evidenciar os processos de subjetivação feminina², provocados e/ou assegurados pelas configurações católicas no Brasil, a partir de suas diferentes configurações de poder, abarcando o mundo material sob o recorte geopolítico de uma cidade do interior de Pernambuco e virtual, a partir da análise do episódio de um programa de uma rede televisiva católica brasileira.

Os objetivos específicos da dissertação são: (1) localizar o contexto sócio-histórico dos discursos religiosos no Brasil; (2) explorar a influência religiosa católica sobre a subjetivação feminina; (3) elucidar o desenvolvimento de mecanismos religiosos para a manutenção do sistema moderno colonial. Para tanto, esta dissertação está dividida em seis capítulos, mais as referências e os anexos.

O primeiro capítulo corresponde à introdução, que apresenta de forma sucinta a temática da pesquisa, bem como seus objetivos, situando recursos teóricos introdutórios que se farão presentes durante toda a discussão.

O segundo capítulo apresenta o recorte geopolítico e o contexto histórico que fundamentam as afetações da pesquisadora, identificando elementos necessários para situar o

² O processo de subjetivação acontece através de todas as práticas (pessoais ou coletivas) em que o indivíduo está inserido, independente de sua forma de participação (ativa ou passiva), que promove a subjetividade e, por conseguinte, desemboca em outros processos de subjetivação de si mesmo e do meio (LE MOS, 2007). A subjetivação feminina, especificamente, acontece sob parâmetros previamente estabelecidos e massivamente validados por instituições de grande valor social que consideram a biologia dos corpos e as relações de poder social com base no gênero.

leitor sobre a temática da subjetivação feminina a partir da vivência no contexto religioso católico e posteriormente,

O terceiro capítulo consiste em uma releitura do segundo, explorando as questões geográfica e histórica agora sob a ótica da epistemologia decolonial, através da imersão e exploração de alguns fenômenos pontuados no capítulo anterior, evocando o referencial teórico que aprofunda e expande a temática. Aprofunda-se, portanto, a discussão sobre as influências coloniais na modernidade e no contexto sócio-histórico-cultural que está sendo explorado.

O quarto capítulo analisa o discurso disseminado pela mídia social da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, de modo a explorar os espaços e configurações de poder da Igreja no Brasil: articulação política, construção e disseminação *on-line* de conteúdos voltados para os fiéis, especificamente no que diz respeito à identidade social e ao papel das mulheres, tomando como referência o episódio intitulado “O feminismo contra a Natureza da Mulher” do programa “Na Verdade” da Rede Século 21³.

O quinto capítulo é destinado à epistemologia elencada para a viabilização da pesquisa, ressaltando sua pertinência e importância para o avanço e consolidação das discussões de gênero a partir dos feminismos e da Psicologia enquanto ciência insubmissa no contexto latino-americano.

Por fim, o sexto e último capítulo diz respeito às considerações. Nele são retomadas as principais reflexões abordadas ao longo da pesquisa, destacando os pontos centrais e direcionando para uma ilação do que foi construído nos capítulos anteriores.

Destarte, há interesse por parte da Psicologia e demais ciências humanas e sociais no que tange às configurações sociais que se estendem desde o colonialismo até a atualidade, bem como suas novas estratégias, configurações de poder e adesão a dispositivos de comunicação em massa, que fundamentam e sustentam uma cultura reprodutora de desigualdades e produtora de sofrimentos. Espera-se, portanto, que este estudo possa contribuir para o estímulo de pensamentos e posicionamentos crítico-reflexivo frente à proliferação de imposições sociais até então reproduzidas como naturais.

Bom mergulho!

³Acessar: O feminismo contra a natureza da mulher - Programa Na Verdade - 19/10/2019. Disponível em:
<<https://www.rs21.com.br/educativos/na-verdade/o-espirito-santo-na-historia-da-igreja-na-verdade-121019/>>

2 A NAVEGANTE - UM MAPA AFETIVO-REFLEXIVO ENTRE O BARCO E AS ÁGUAS

Desde a infância meu contato com a religião foi muito forte.
Filha de pais católicos, neta de avó católica,
Residente em frente à igreja
Que abriga o maior evento da cidade,
Do terraço assistia às missas
Sem muita privacidade.

Sentada na cadeira de balanço,
Desfiando meia com vó,
Conseguia ver e ouvir
Tudo bem ao meu redor:
A movimentação para a demolição da capela e construção da paróquia,
A preparação do andor para a saída da procissão,
A chegada dos fogos para a comemoração
A troca de padres e até a comunhão.

Quando pensava em falar:
“Xiiii! agora ele vai dar a bênção,
tem que prestar atenção pra não ficar feia!”
Era a voz de vó,
Com o olho na meia e o ouvido na ceia.
Quando pensava em cantar:
“Eita que música sem futuro!
Canta pra Jesus que ele ouve até o mudo!”

E assim eu aprendi
A participar das missas até sem querer,
A prestar atenção, a ouvir e obedecer
Porque só quem sabe é Deus o melhor jeito de ser.

Na hora da diversão assistia a desenho bíblico,
Lia sobre Adão e Eva,
Sobre a serpente e o perigo
De ser desobediente,
De ser teimosa e o castigo
Que recebe aquele que cede às tentações do inimigo.

“Orai e vigiai, 24 horas sem cessar”
Dizia painho no sermão bem na hora do jantar,
Quando cansado chegava do dia todo trabalhar,
Se arrumando pra ir pro Terço dos Homens
Pela família orar.

Na saída para a escola:
"Lembre-se de se benzer!",
Na hora de dormir:

“Vá rezar e agradecer!”,
Mãinha sempre dizia
Que era para não esquecer
Da graça que eu era
Em ter podido nascer.

Pensando em engravidar,
Mas três anos sem sucesso,
Ela rezava, chorava:
“Meu Deus, tanto que eu peço!”
Então fez uma promessa
E com 9 meses, o progresso:
05 de janeiro de 1997,
Nathália Regina Rodrigues Rocha de Santana,
Planejada, desejada e já abençoada,
Com o dever de cumprir
A promessa entoada.

“Todo ano, até completar 15 anos,
Você vai tirar foto no andor de São Sebastião,
Porque quando eu precisei
Foi ele que me estendeu a mão”.

Já ia eu com a cara feia,
Com calor, no meio do povo
Sem saber porque eu tinha
Que fazer tudo aquilo de novo
Já que nem fui eu que pedi,
Pagando promessa pros outros.

“Mal agradecida, fazendo coisa de herege”
Sempre acabava de castigo,
Sem pipoca e sem confete
Porque estava questionando
Aquilo que a mim não compete.

Toda noite, às 18 horas:
“Bença mãe, bença pai!”
Era uma hora tão boa,
A hora que a benção se faz:
Toca o sino da igreja,
Os anjos te cheiram a cabeça,
“Deus te abençõe e te proteja,
Que sempre contigo esteja”.

Hora de rezar o terço:
“Vai demorar, vó?”
“Vai, que é pra rezar direito,
Sem carreira e sem alvoroço”
É que para a glória de Deus

Tudo exige esforço.

Aos finais de semana,
Dia de catequese.
Eu só queria que acabasse
“Deus, atendei minha prece”,
Mas tenho que perseverar
Se alguma coisa quiser levar
Dessa força que me rege.

Na igreja participava,
Sempre escolhida para ler,
Os sacramentos colecionava,
Nunca esquecia de me benzer,
Mas fui crescendo e pensando
Que nem tudo que falavam
Estava me agradando.

Comecei a discordar,
A ter pensamento crítico.
Em debates discutia
Que nem tudo era bem visto.
Quando, em exemplo, a igreja
Rechaçava tanto o pobre
E acolhia tanto o rico.

Percebia esse movimento
Nas missas dominicais,
Quando o padre pregava que bêbado
Era o próprio satanás
Porque na porta da igreja
Ele entoava a peleja
De ser salvo pelo Pai.

Enquanto que o mesmo padre
Bebia vinho e fumava
Em festa de muito rico
Que a igreja sustentava.

É nesse mesmo movimento
Que a elite se sustenta,
Entendendo o sacramento
Porque se fala com emblema,
Enquanto o povo da gente
Não entende a homilia
Porque o padre estudado
Fala com muita regalia.

Nos embates já ouvi
Que devia ficar calada

Porque mulher não tem voz,
Tem mesmo que ser sustentada
E que pensando desse jeito
Acaba virando piada.

Remando contra a maré
Meus pais me mandaram estudar,
Mas dentro do barco eu ouvia:
“Mulher estudando?
Tem é que se contentar!”

E mesmo assim eu fui...
“Mulher inteligente não é bom, quer ser mais que a gente”,
Na própria igreja diziam.

Até hoje eu estou aqui,
Fazendo ciência e poema.
Mais inteligente que ninguém,
Mas estudando o sistema.

O mesmo que colocou minha avó no esquecimento.
Ela não era ninguém,
Desfiava meia na calçada,
Preta, gorda,
Feia e descabelada.
Ninguém contou que ela me ensinou a andar,
Segurou minha mão para escrever meu próprio nome,
Já foi dormir sem comer,
Mas nunca me deixou com fome.

E ainda dizem que para falar com saber
Tem que usar palavra bonita,
Quando um monte de vó
Não tem acesso à escrita.
Palavra bonita era vó me chamando para comer,
É a resistência diária.
É sobre sobreviver.

Foi mergulhando no estudo
Que abandonei o barco.
Me sentia tão molhada
Nadar me dava cansaço,
Mas me dava liberdade
De criar um outro marco.

A primeira mulher da família com ensino superior,
Orgulhando minha avó
E quebrando o temor
De que mulher ou pensa ou crê,
Precisando contrapor.

O que agora eu já sei
Que é possível de uma só vez
E eu faço com louvor.

Mas nem sempre foi assim,
A culpa já me doeu:
Será que sendo cientista
Eu esqueço do meu eu?
O eu da obediência,
O eu do não questionar
E agora fazendo ciência
Tudo preciso provar.

Já questioneei a fé
Já questioneei a igreja
Já questioneei até a Deus,
Aquele que me flameja.

Me sentindo suja,
Me sentindo errada,
Em outros tempos, eu sei,
Seria uma bruxa
Queimada.

Ainda na faculdade,
Uma experiência de fé,
Quando em uma vigília,
Deus me pegou pelo pé,
Foi através de sua mãe,
Maria de Nazaré.

Eu já tinha me esquecido
Como era o colo dela
Porque tinha aprendido
Que pecando
Eu era Eva.

Voltei a participar,
Experiência tão boa,
Lembrei de como rezar,
Me senti outra pessoa:
Posso crer e discordar do preconceito de raça,
Posso crer e não querer viver sob ameaça
Posso crer e defender que machismo aqui não passa.

Penso em Deus e o enxergo
Como sempre aprendi:
Aquele que ama e acolhe,
Não aquele que maldiz
Só porque não me agrada

Dentro da minha limitação,
 Esquecendo que o Cristo
 Pregou a compaixão:
 Não matar e nem julgar
 Os que de mim diferem,
 Acolher e bendizer
 Para que assim todos prosperem.

2.1 O CAIS QUE ATRACA A MINHA FÉ - UM RECORTE GEOPOLÍTICO

Refletindo sobre a constituição da minha identidade, um recorte geográfico se sobressai: a cidade de Limoeiro/PE, onde estou atracada junto à minha embarcação de fé. Iniciar a minha escrita através desse cenário evoca memórias, afetos e “afetações estruturais” e fundantes da mulher que sou hoje.

Localizada no nordeste brasileiro, a 89 km da capital pernambucana, Limoeiro é um município da mesorregião do agreste, com uma população estimada em 56.149 pessoas (IBGE, 2021)⁴ e tem como uma de suas principais marcas a tradição da fé. A cidade, que tem como padroeira Nossa Senhora da Apresentação, é ainda cenário de uma tradicional procissão em honra a São Sebastião, o mártir de Cristo.

Os relatos populares contam que Limoeiro era uma aldeia de índios tupis em uma região com abundância de pés de limão, o que fundamenta o nome da cidade. Segundo a tradição e os contos dos fiéis, a escolha da padroeira se deu a partir da história de uma imagem da santa que era propriedade de um português chamado Alexandre Moura, residente de um povoado circunvizinho, Poço do Pau. O português percebeu que a imagem da santa atraía os índios e viu nesse atrativo a possibilidade de catequização dos mesmos, erguendo uma capela para que fossem celebradas missas e outros ritos em homenagem à santa em questão, mas curiosamente a imagem sempre desaparecia da capela de Poço do Pau e aparecia em um determinado local do, até então, povoado de Limoeiro. Nesse contexto, o padre Ponciano Coelho, responsável do clero pela catequização dos indígenas na região, interpretou os insistentes aparecimentos da santa como um sinal para que fosse erguida uma igreja em sua homenagem e assim o povoado passasse a ser cidade, uma graça alcançada através da Mãe de Jesus, em sua titulação de Nossa Senhora da Apresentação⁵, aquela que se apresenta.

⁴ Acessar: POPULAÇÃO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/limoeiro/panorama>>

⁵ A devoção à Virgem Maria se sobressai na Igreja Católica sob as mais diversas titulações. Esse fato se dá a partir de três princípios: 1. Aparições - Por todo o mundo há relatos e testemunhos de aparições de Nossa Senhora que se apresenta a seus fiéis, como é o caso de Nossa Senhora de Fátima que apareceu aos três pastorinhos na cidade de Fátima, em Portugal; 2. Dogmas e Feitos - Nesse

A igreja de Nossa Senhora da Apresentação (Figura 1) está localizada no Centro, onde acontece todo o comércio e maior movimentação do município e é, portanto, o marco da fundação da cidade de Limoeiro, sendo assim, nossa Igreja Matriz. É na matriz onde acontecem alguns dos maiores ritos e movimentos religiosos do município, como a festa da padroeira, as primeiras edições do Encontro de Jovens com Cristo (EJC)⁶ na cidade, movimento do qual faço parte, bem como o serviço de evangelização da família promovido pelo Encontro de Casais com Cristo (ECC), do qual meus pais fazem parte, entre tantos outros serviços pastorais. Comportando, desta forma, um alto número de fiéis em suas celebrações, movimentos e cerimônias.

Figura 1. Andor da Padroeira



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação em Limoeiro/PE, 2020.

Foto: Humberto Mota. Disponível em: <https://www.instagram.com/humbertonetpoint/>

pressuposto é levado em consideração as características atribuídas à Maria, como por exemplo “Nossa Senhora da Imaculada Conceição” e também “Nossa Senhora da Apresentação” que nasceu em comemoração à apresentação de Maria ao templo por seus pais, Joaquim e Ana; e 3. Devoção Popular - Nesse caso, os fiéis designam à Nossa Senhora algumas atribuições e atribuem títulos a mesma, relacionados às tarefas, como é o caso da titulação de “Nossa Senhora do Bom Parto”, invocada para auxiliar e interceder na gestação e parto das mulheres.

⁶ O Encontro de Jovens com Cristo foi criado pelo Pe. Alfonso Pastore (também criador do ECC - Encontro de Casais com Cristo) em São Paulo e tem como alvo principal os jovens inseridos territorialmente na paróquia, procurando despertá-los para sua verdadeira vocação de cristão (EJC - ESTATUTO, 2021).

Conforme a tradição Cristã de fé foi se propagando pela região, outros acontecimentos foram fundando novas festividades e celebrações católicas, como é o caso da tradicional Festa de São Sebastião, evento de grande porte que há 131 anos atrai fiéis de toda a região. Essa tradição teve origem a partir de um outro conto central para a cidade, que fala sobre o português de nome Avelino, o qual, segundo relatos, no ano de 1891 prometeu realizar anualmente uma novena em honra a São Sebastião, protetor contra a peste, fome e guerra, caso suas filhas fossem curadas da varíola que assolava toda a população. Tendo alcançado a graça, o português cumpriu sua promessa e teve o apoio de muitas outras pessoas que se inspiraram em sua promessa, objetivando a aniquilação da varíola e a cura dos que sofriam com o vírus. Com o desenvolvimento de Limoeiro, essa festa vem crescendo a cada ano e acontece na Paróquia de São Sebastião, localizada no bairro de mesmo nome. Já há alguns anos a festividade é subdividida em cristã e profana.

No âmbito cristão, a organização paroquial promove uma trezena noturna (13 noites) de festa litúrgica, iniciando no dia 7 de janeiro e findando no dia 20, quando a igreja católica soleniza a memória litúrgica do Santo, contando com celebrações na Igreja e sorteios, leilões, doações, venda de lanches e artesanatos, em prol do desenvolvimento da paróquia e da confraternização da comunidade, que acontece no pátio de acesso à Igreja. Encerrando a trezena, acontece a tradicional procissão, que se inicia com a missa na paróquia de São Sebastião – embora a igreja não comporte a quantidade de fiéis aderentes –, continua com a contemplação do andor, onde as pessoas param para tirar fotos e cumprir suas promessas, segue com a procissão, que passa por uma das principais ruas da cidade, com destino à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, onde acontece mais uma missa, considerando que nem todas as pessoas puderam participar da anterior. No dia seguinte, o andor de São Sebastião retorna à igreja-sede da imagem seguido por seus fiéis em motos, carros e bicicletas, e encerra-se a festividade com a celebração da missa solene (Figuras 2 e 3).

Figura 2. Andor de São Sebastião em procissão



Foto: Pastoral da Comunicação (Pascom) da Paróquia de São Sebastião. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/paroquiasaosebastiaolimoeiro/photos/?ref=page_internal

Figura 3. Andor de São Sebastião em procissão



Foto: Pastoral da Comunicação (Pascom) da Paróquia de São Sebastião. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/paroquiasaosebastiaolimoeiro/photos/?ref=page_internal

Considerando o atrativo turístico, a gestão municipal promove o que a igreja denomina de festa profana, disponibilizando ao longo das noites entretenimentos como parques de diversão; movimentações culturais como roda de coco, ciranda e show de calouros, que acontecem por toda extensão da avenida que dá acesso à Igreja Matriz; e apresentações de bandas de grande porte no conhecido pátio da feira, que comporta o palco principal e uma maior quantidade de pessoas. Deste modo, a cidade inicia o ano já com uma boa movimentação no comércio local e, para os fiéis, a certeza de mais um ano protegida pela intercessão de São Sebastião.

Nos últimos dois anos, assim como toda a dinâmica social, a festa de São Sebastião precisou ser reconfigurada para se adequar aos protocolos estabelecidos em decorrência da pandemia da COVID-19, o que não diminuiu a adesão dos fiéis. No contexto religioso, as missas e celebrações já vinham se estendendo para o pátio da igreja a fim de comportar mais pessoas, nesses anos atípicos a ideia tem se mantido, possibilitando também o distanciamento social. Uma nova característica adotada em virtude da Pandemia foi que todos os ritos tiveram a cobertura da Pastoral da Comunicação (Pascom), que transmitiu tudo ao vivo pelas redes sociais da paróquia (Figura 4), continuando com a tradicional procissão, mas dessa vez com a indicação e recomendação dos padres responsáveis de acontecer apenas de forma motorizada, o que não foi ferrenhamente respeitado pelos fiéis, e encerrando com a bênção do santíssimo em frente à igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

Figura 4. Transmissão de Celebração em Honra a São Sebastião



Paróquia de São Sebastião em Limoeiro/PE, 2022. Foto: PASCOS São Sebastião. Disponível em:
<https://www.facebook.com/paroquiasaosebastiaoлимоеiro/photos/pcb.3172232069771026/3172224673105099>

No contexto profano, a prefeitura junto à secretaria de cultura promoveu 10 noites de *lives* com shows e outras apresentações culturais, tendo um alcance de mais de dezoito mil pessoas, segundo dados divulgados pelo secretário executivo de Imprensa e Comunicação da prefeitura da cidade, Kadu Ferraz⁷ (Figura 5) .

⁷ Acessar: FERRAZ, Kadu. Tradição de 130 anos em Limoeiro, Festa de São Sebastião acontece por meio de *lives*. 2021. Disponível em:
<<https://www.limoeiro.pe.gov.br/2021/tradicao-de-130-anos-em-limoeiro-festa-de-sao-sebastiao-acontece-por-meio-de-lives/>>

Figura 5. Lives - Festa de São Sebastião



Foto: Prefeitura de Limoeiro. 2020. Disponível em:
<https://www.limoeiro.pe.gov.br/2021/tradicao-de-130-anos-em-limoeiro-festa-de-sao-sebastiao-acontece-por-meio-de-lives/>

Excepcionalmente no ano de 2021, mais uma história de fé marca a cidade de Limoeiro: a imagem de São Sebastião, que havia sido enviada para restauração, retorna para sua sede no dia 20 de janeiro, dia dedicado à memória de São Sebastião e a data prevista também para o início da vacinação na cidade de Limoeiro. Esse fato foi noticiado no site da prefeitura⁸ e logo interpretado pelos fiéis como um ato de renovação da aliança firmada há 130 anos.

A tradição de Fé de Limoeiro, no entanto, não se restringe a esses dois enfoques, considerando, inclusive, que os pontos turísticos da cidade são também espaços de contemplação religiosa, como é o caso da Pedra do Cristo Salvador (Figura 6), de onde pode-se ter uma visão ampla de contemplação da cidade e do céu, conhecida por ilustrar muitas fotos da Lua na cidade. Antes conhecida como Pedra do Urubu, devido a histórias populares de desova de cadáveres na região, teve o nome recentemente modificado, visando o turismo e a desmistificação do lugar como espaço de violência. Sendo assim, é hoje cenário de via-sacras durante a páscoa, e de caminhadas matinais durante todo o ano.

⁸ Acessar: ELIAS, Jefferson. Limoeiro se organiza para vacinação contra Covid-19. 2021. Disponível em: <<https://www.limoeiro.pe.gov.br/2021/limoeiro-se-organiza-para-vacinacao-contra-covid-19/>>

Figura 6. Pedra do Cristo Salvador



Foto: Humberto Moura. 2021. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2211847425527797&set=a.1815297401849470>

E, ainda, o Cristo Redentor (Figura 7), uma característica estátua elevada por um lance único de 670 degraus, localizada em uma região marginalizada da cidade, mas facilmente acessada por pontos centrais e usualmente frequentada por turistas e grupos de crossfit. É na capela do Cristo Redentor que acontecem a procissão de 1º de janeiro e da Sexta-feira Santa, às 04:00 horas da manhã. Do Cristo Redentor pode-se ter uma vista panorâmica da cidade, bem como é facilmente visto dos pontos principais do município e, portanto, é nele que são postos recados de “Feliz Natal”, “Feliz ano novo”, “Viva São Sebastião”, entre outros.

É a partir desses símbolos que Limoeiro inscreve em seus habitantes e turistas uma cultura religiosa centenária, arraigada na sapiência popular e sustentada pelo tradicionalismo religioso que embasa não só a formação e consolidação do município, mas que sustenta e mantém as vidas e a economia local através da barganha entre proteção divina e desenvolvimento social.

Figura 7. Cristo Redentor

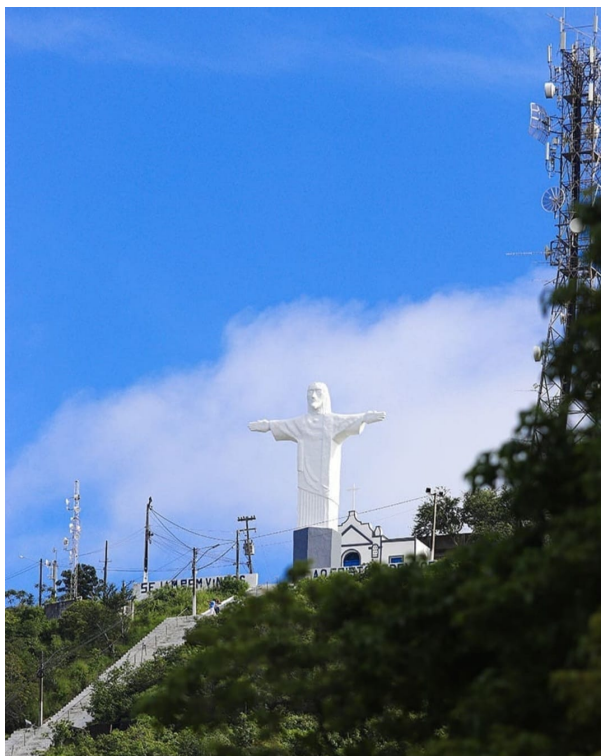


Foto: Wilker Matos. 2021.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQEZacsM5LU/>

2.2 À PRANCHA OU AO MAR

Habitando esse espaço de fé e tradição cristã que ultrapassa o contexto público e se intensifica no privado (HENNING e MOREÍ, 2009), sempre me foi caro o cuidado em me sentir amada e vista por Deus, buscando, assim, preservar minhas raízes e avivar o meu fazer católico através de ações e participações ativas e efetivas nas proposições da paróquia.

Ao longo de meus 25 anos de idade, muitos foram os engajamentos que tive e tenho dentro do contexto religioso, sendo eles voluntários ou não. Antes mesmo de nascer me foi incumbida a tarefa de pagar uma promessa feita pela minha mãe que, muito desejosa pela maternidade, recorreu às forças divinas para realizar o seu sonho, pedindo a São Sebastião que intercedesse ao Pai em razão dessa graça. Tendo o pedido sido concedido, a promessa deveria ser paga e eu tirei foto no andor do santo por 15 anos consecutivos, conforme figuras (8 a 18).

Sem escolha, nem sempre tirava as fotos de bom gosto, como pode ser visto em algumas das figuras a seguir. Por esse mesmo motivo, a coleção de registros não está

completa no arquivo pessoal da família, considerando que, em momentos de expressão da minha vontade real, rasguei ou danifiquei algumas fotos da coleção da minha mãe.

Figura 8. Foto com andor, Nathália - Promessa



2 anos - 1999. Fotos Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 9. Foto com andor, Nathália - Promessa



3 anos - 2000. Foto: Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 10. Foto com andor, Nathália - Promessa



4 anos - 2001. Fotos Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 11. Foto com andor, Nathália - Promessa



5 anos - 2002. Foto: Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 12. Foto com andor, Nathália - Promessa



6 anos - 2003. Fotos Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 13. Foto com andor, Nathália - Promessa



7 anos - 2004. Foto: Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 14. Foto com andor, Nathália - Promessa



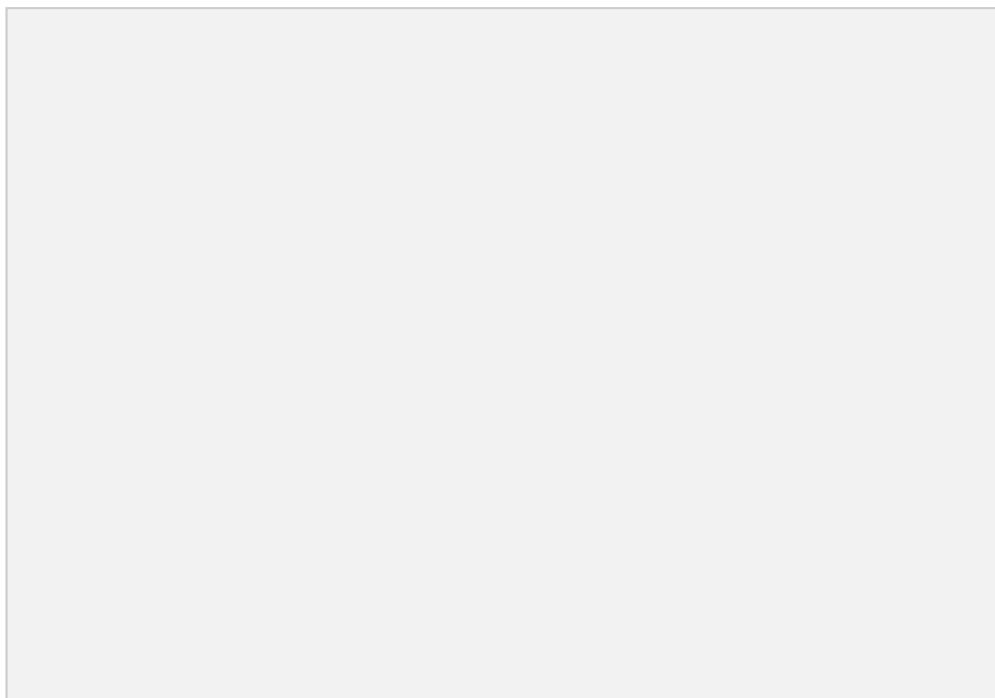
10 anos - 2007. Fotos Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 15. Foto com andor, Nathália - Promessa



11 anos - 2008. Foto: Cristiane Regina.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 16. Foto com andor, Nathália - Promessa



12 anos - 2009. Foto: Cristiane Regina. Fonte: Arquivo Pessoal.

Já no primeiro ano de vida participei, também de forma involuntária, do sacramento⁹ do batismo, considerado pelo Cânon 849 do Código de Direito Canônico¹⁰ a

[...] porta dos sacramentos, necessário na realidade ou ao menos em desejo para a salvação, e pelo qual os homens se libertam do pecado, se regeneram tornando-se filhos de Deus e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo mediante caráter indelével.

Sem saber o que estava acontecendo ou o que significava, iniciava minha vida cristã, banhada por água benta e palavras de unção, bem na então capela de São Sebastião, assistida por familiares, padrinhos e madrinhas (Figura 19) que, através do sacramento, se tornariam familiares de fé, corresponsáveis pela minha permanência no catolicismo e no desenvolvimento da minha vida de or(ação)¹¹.

⁹São 7 os sacramentos católicos, os quais, segundo o Parágrafo 1123 do Catecismo da Igreja Católica, “[...] estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do corpo de Cristo e, por fim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos *da fé*”

¹⁰Conjunto de normas (cânones) que orientam a disciplina eclesiástica, definem a hierarquia administrativa, os direitos e deveres dos fiéis católicos, os sacramentos e possíveis sanções por transgressão das normas. (Cf. Significado de canônico. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/canonico/>>)

¹¹ Considerando a proposição de caminhar na fé cristã, a oração para a fé católica denota o encontro do ser humano com Deus, estabelecendo, assim, uma relação pessoal com o criador. Nesse contexto,

Figura 17. Batismo de Nathália

Foto: João Costa. 1998. Fonte: Arquivo Pessoal

Seguindo esse preceito, me foi ensinado a rezar, proferindo orações próprias do catolicismo, bem como agradecimentos íntimos usando minhas próprias palavras, ao amanhecer, ao comer, ao brincar e ao dormir. Lembro com muito carinho que, antes mesmo de aprender a ler, aprendi a rezar o terço com minha avó materna, com quem passava muito tempo. Mulher de fé e caminhada cristã, devota de Nossa Senhora, sempre fez questão de me aproximar da mãe de Jesus, me incentivando a tê-la como exemplo a partir da or(ação): todas as noites, às 18 horas rezávamos o terço juntas, às 19:00 era hora de pedir esmolas para os mais necessitados e todas as semanas, às quintas-feiras, levávamos a imagem da mãe rainha para a próxima família¹², em longas caminhadas pelo bairro, regada por cânticos que até hoje me lembram de duas amadas mães: vó Maria e Maria de Nazaré. Nesse sentido, Amatuzzi (2000) aponta que essas vivências, dotadas de um significado maior de afetividade, se consolidam na vida do indivíduo como fundantes e tradicionalmente permanentes, uma vez que "Todo sistema de sentido é capaz de elaborar racionalidade que fundamente a orientação de suas ações" (THOMPSON, 1995, p. 12).

fala-se em orar+ação, que acontece através da profissão de palavras, conversas íntimas ou jaculatórias, junto a comportamentos e ações de solidariedade cristã.

¹² Campanha tradicional e método de apostolado de origem alemã que se estendeu por diversos países do mundo, através do qual a imagem de Nossa Senhora, em sua titulação de "Mãe Rainha" ou "Mãe Peregrina" passa pelas casas das famílias da comunidade adeptas à campanha, promovendo a catequização das famílias que se prostam diante da imagem, fazendo suas orações, pedidos e renovações de votos para com a mãe de Deus.

Morando em frente à igreja (Figura 20), neta de Maria José e participante assídua dos ritos e celebrações, era conhecida por todas as senhorinhas da igreja, sacristãos e padres, sendo sempre cotada, escolhida e convidada para conduzir os terços, proclamar as leituras na missa, cantar no coral, ajudar a entregar a sopa, entre tantas outras atividades pastorais que me aproximavam do fazer católico, através do que o Papa Francisco chama de “Atividade que Santifica”, em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*¹³ (2018).

A tua identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construíres, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos. O próprio Cristo quer vivê-lo contigo em todos os esforços ou renúncias que isso implique e também nas alegrias e na fecundidade que te proporcione. Por isso, não te santificarás sem te entregares de corpo e alma, dando o melhor de ti neste compromisso.

Figura 18. Imagem interna da antiga capela de São Sebastião



Ao fundo, a casa da minha avó. [s.d.]. Autoria desconhecida. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCyeWcNhoHj/>

Causando admiração por, ainda tão pequena, ter trilhado uma caminhada cristã, desejava sempre ocupar mais espaço. Ansiosa em receber a sagrada comunhão, não via a hora

¹³ “*Gaudete et Exsultate*” ou “Alegrai-vos e Exultai”, uma referência ao texto bíblico em Mateus 5, 12, é a terceira exortação apostólica do atual pontificado, um documento de teor catequético que propõe a “A chamada à santidade no mundo atual”. (Cf. FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do Santo Padre Francisco. 2018)

de completar a idade para me matricular na catequese eucarística¹⁴, alcançaria meu segundo sacramento, dessa vez, consciente de mim mesma, eu costumava pensar.

Aos 11 anos de idade, já no processo de catequização, participava com prazer das discussões em sala e torcia para que chegassem os sábados. Quanta felicidade eu senti em participar de mais esse rito religioso (Figura 21), podendo comungar pela primeira vez, recebendo o corpo do Cristo vivo em ceia junto à toda a comunidade. A vontade de participar da ceia do Senhor só aumentava.

Figura 19. Primeira Eucaristia - Nathália



Na foto, minha mãe, pai, irmã e o Padre Luís Cecchin. Foto: Maria Isabel. 2010
Fonte: Arquivo Pessoal.

¹⁴ Para receber a Comunhão o fiel deve estar plenamente incorporado à Igreja Católica, ou seja, ter conhecimento de seus ensinamentos e de seu catecismo, a fim de entender do que se trata o ritual eucarístico. Portanto, as crianças com idade mínima de 11 anos devem ser matriculadas por seus pais ou padrinhos na catequese eucarística, que consiste em encontros semanais ao longo de dois anos, onde são discutidos a importância da caminhada cristã e o significado dos sacramentos, através de ensinamentos advindos da Bíblia e do Catecismo da Igreja Católica.

Logo que pude comungar comecei a participar das reuniões vicentinas¹⁵ junto a meu pai e minha madrinha, carinhosamente chamada de “Pequena”, outra beata da igreja que assumiu e desempenhou com louvor seu papel de me conduzir à fé. Lembro do espanto que houve quando comecei a frequentar as reuniões vicentinas, pois na cidade esse grupo é característico pela participação de pessoas idosas. Hoje penso como era importante para mim causar essa impressão nas outras pessoas. Nesse contexto, Timasheff (1971, p. 149) aponta que “[...] a participação na ordem sagrada, por exemplo, nos rituais ou cerimônias, dá um prestígio social especial, ilustrando uma das funções sociais da religião”: dicotomizar questões de prestígio e questões de repúdio ou marginalização, fundamentando, por exemplo, as relações de classe.

Não demorou muito para que eu me tornasse a segunda mulher presidente da Conferência São Vicente de Paulo da comunidade de São Sebastião, sem dúvidas, uma conquista para mim e para meu pai que, orgulhoso, me ajudava a desbravar cada vez mais espaços religiosos, sociais e políticos. Esse desbravamento, no entanto, nem sempre fora bem visto por algumas personalidades da igreja, principalmente homens mais velhos que não aceitavam ser presididos por uma menina de 13 anos de idade. Muitos eram os elogios, mas também o olhar atento por eu ser tão nova e inexperiente, segundo as próprias palavras das pessoas mais velhas que frequentemente me aconselhavam a buscar ocupar outros espaços, “mais jovens” e “mais femininos”, para que eu não me sentisse tão só ou sobrecarregada.

Conforme ascendia em cargos e responsabilidades, sentia o peso de uma vida feminina em um ambiente cristão majoritariamente masculino, mas era sempre inspirada por meus pais a continuar, pois como sempre pontuavam, “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Lc 10,2). Importante ressaltar que por todo esse percurso, há um fator em comum: a presença, o apoio e o incentivo da minha família que, característica do modelo mononuclear burguês, me conferia créditos para o alcance dessas atribuições, uma vez que a valorização desse modelo no contexto religioso católico é o passaporte para uma vida estruturada, digna e permanente nos caminhos e ensinamentos de Cristo. Nesse contexto, Paiva (2013) aponta a ideia de que o vínculo religioso da criança depende da intensidade dos vínculos e relações familiares, influenciando, portanto, na formação de valores e crenças durante a infância que se estenderão até a vida adulta.

¹⁵ Fundado por Antônio Frederico Ozanam, o movimento vicentino se inspira na pessoa de São Vicente de Paulo, que dedicou sua vida ao cuidado dos pobres e doentes. As reuniões vicentinas acontecem com o objetivo de inspirar seus participantes leigos ao cuidado de sua comunidade, promovendo ações de assistência, visitas e evangelização de famílias carentes.

Em contraponto, fatores como a maturação, a individualidade e autonomia despertam o desenvolvimento da subjetividade e o desprendimento de valores e tradições cultivados em função da criação de novos costumes e crenças (PAIVA e GRANATO, 2014). Nesse contexto, eu começava a me interessar por leituras para além dos textos bíblicos. Lembro, inclusive, da primeira vez que tive contato com livros de autores antes listados no *Index Librorum Prohibitorum*¹⁶, como Gustave Flaubert, Immanuel Kant, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, e logo me senti culpada. Sentia que precisava me confessar, mesmo não estando arrependida de buscar conhecimento além dos muros e ensinamentos da igreja, eu era compelida ao sacramento da confissão.

Curiosa, insatisfeita com as recomendações de não seguir com as leituras, lia escondida, já temendo o castigo celeste, temendo a represália de um Deus que agora eu pensava não ser só amor, mas também justiça. Sendo a justiça do contexto coercitivo católico sinônimo de castigo e repressão, situações como não passar no vestibular e/ou não alcançar quaisquer que fossem meus objetivos pessoais eram punições justas que eu conseguia pensar para mim, pois mesmo que escondida no quarto para não desapontar os professantes da fé que me rodeavam, Deus ainda estava vendo. Infringia contra mim mesma um movimento de coação moral embasado por discursos religiosos que eu tanto ouvia e reproduzia.

Considerando a idade, chegava a hora de me inscrever para a catequese de preparação para o Crisma, considerado pelo Cânon 879 do Código de Direito Canônico (1987)

O sacramento da confirmação, que imprime caráter, e pelo qual os batizados, continuando o caminho da iniciação cristã, são enriquecidos com o dom do Espírito Santo e vinculados mais perfeitamente à Igreja, fortalece-os e mais estritamente os obriga a serem testemunhas de Cristo pela palavra e ação e a difundirem e defenderem a fé.

Tentava me convencer de que era essa a minha vontade, que eu queria confirmar minha fé e que queria tornar voluntário o que havia sido involuntário no batismo. Mas que sacrifício era ir aos encontros aos sábados, já não participava tanto, já não fazia as tarefas, não tinha frequência regular nas aulas, nas missas e nas reuniões vicentinas, não colocava meu nome para as leituras. Por esse motivo não tenho fotos desse momento cristão específico, não

¹⁶ “*Index Librorum Prohibitorum*” ou “Índice dos livros proibidos” em português, é um livro histórico adotado no quinto Concílio de Latrão, em 1515, e confirmada no Concílio de Trento, em 1546, que pretendia oferecer resistência a uma lista de obras publicadas que a igreja considerava ser um atentado violento à Santa Fé. A lista de livros oficiais proibidos pela Igreja Católica somente foi suprimida no ano de 1965 por Paulo VI, embora informalmente ainda haja a não indicação de alguns desses livros pelas instituições religiosas católicas (Cf. PEREIRA, I. da R. Notas Históricas acerca de Índices de livros Proibidos e Bibliografia sobre a Inquisição. Destinado aos alunos da Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa: 1976. p. 11-16)

me era caro registrar mais um momento involuntário. Não me parecia certo frequentar esses espaços enquanto sentia que pecava por molhar meus pés na escotilha do conhecimento, acessando além do que me era permitido, afinal “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convém” (Cor 6, 12). Esse versículo me massacrava.

Lembro de como ficava imersa em um paradoxo ensurdecedor: “Como é possível obter conhecimento se o conhecimento me é limitado pela fé?”, sempre tentando buscar possibilidades que me permitissem transitar nesses contextos sem me sentir culpada por um ou outro. Foi nesse movimento que comecei a questionar alguns posicionamentos, ideias e pregações, pesando o que me era satisfatório e o que não era. Participar de movimentos, ritos e celebrações que, ao meu ver, estavam mais preocupadas com a roupa que as mulheres vestiam que com a comida que os pobres não tinham, não me alimentava a alma, não preenchia o espaço espiritual que havia sido criado e cultivado em mim.

E eu, que achava ter um assento no barco, percebi que o tempo todo andava na prancha, sempre condicionada a escolhas que agora eu entendo que não eram tão escolhas assim. Lançada ao mar do conhecimento, através de leituras, me afastei dos movimentos e pastorais dos quais participava, sempre com a desculpa de não ter tempo, em virtude dos compromissos dos estudos, o que era minimamente aceitável, pois eu tinha alcançado um nível de escolaridade antes não alcançado por nenhuma pessoa da família, motivo de admiração para uns e repreensão para outros, pois não era de bom tom uma menina menor de idade ir morar sozinha em uma outra cidade, principalmente em um contexto universitário, marcado por um estigma de irresponsabilidade.

Tendo entrado para a Universidade precisei morar em outra cidade e, sem a presença dos meus pais, me vi frente a uma realidade diferente, pois saí do contexto de uma família mononuclear burguesa reconhecida pela comunidade onde cresci, portanto, privilegiada e adentrei em um universo onde precisava dar conta de questões que até então não precisara: o choque de realidade em lidar com pessoas, personalidades e opiniões diferentes em relação ao meu posicionamento religioso e em me aproximar de temáticas abominadas pelas pregações na igreja como a não-monogamia, as relações homoafetivas, entre outros, me fizeram imergir em culturas plurais até então desconhecidas ou estigmatizadas por mim e pelo meu antigo círculo social, veladas pela naturalização do cristianismo, da cisheteronormatividade, do racismo, da monogamia (alicerçada na lógica cisheteropatriarcal) e de tantas outras categorias de opressão.

Foi no contexto da graduação que pude ter contato com ciências, filosofias e experiências que se desprendem e desafiam moralidades religiosas, me apresentando

realidades e alternativas apartadas de demarcações sociais baseadas em ideais hegemônicos, que me apresentavam um leque de possibilidades de ser, estar e existir no mundo com os outros.

Por um tempo, que eu achava ser definitivo na época, me afastei do contexto religioso, mas não demorou muito para que me sentisse culpada, sempre questionando a mim mesma sobre a pessoa que eu era, que eu estava sendo e que eu queria ser. Me questionava se seria possível amar a Deus sem precisar temer aos homens, na condição de mulher; ter um pensamento crítico sem desafiar as proposições religiosas que me foram ensinadas; rezar sem sentir que estava apenas proferindo palavras vazias; ser mulher, abraçar Maria como mãe e não querer me tornar esposa ou mãe. Impossível. Segundo o que eu aprendi a minha vida toda, eu estava na condição de Eva, pecadora e exilada do barco que habitei por tanto tempo.

Foi nesse período de questionamentos e culpa que me inscrevi no Encontro de Jovens com Cristo (EJC), objetivando uma reconexão com a figura de Jesus, que eu sempre admirei. A comoção dos jovens que participavam desse movimento era notória em Limoeiro, o que me fez ter esperança de conseguir me reconectar com os princípios da fé, considerando que dessa vez estaria junto a pessoas da minha faixa etária e teria experiências e uma linguagem da fé contextualizada às minhas vivências enquanto jovem. Através dessa participação pude me sentir novamente pertencente ao grupo religioso do qual havia me afastado, através da identificação com tantas outras pessoas participantes, com histórias e afetações parecidas, me reinserindo, desta forma, no contexto de religiosidade cristã, através de uma lógica identitária que enxerga a “identidade como processo dialógico e dinâmico, assegurando o espaço das práticas sociais na compreensão dos processos de identificação” (MENEZES, 2015, p. 79).

Durante esse período de participação em eventos do EJC me deparei com a situação de adoecimento da minha avó e, em busca de um conforto espiritual, participei de uma vigília promovida pelo movimento (Figura 23) onde pude experienciar um momento pessoal de fé e renascimento cristão que me possibilitou um re-encontro com símbolos espirituais que tanto estiveram presentes em minha vida, dessa vez sob uma versão crítica e politizada de mim mesma, não me permitindo invadir pela contaminação de um modelo carcerário, mas fortalecida pela subjetividade de uma mulher que já não só aceita, mas questiona e constrói a si mesma e ao mundo ao seu redor. Nesse sentido, Jung (2011) considera que todo símbolo é dotado de valores sentimentais atribuídos em um momento de necessidade, esses valores ainda podem ser percebidos mesmo que na ausência do símbolo ou na inserção de outros fatores simbólicos, como foi o meu caso, legitimando um espaço portador e criador de novos sentidos.

Figura 20. Vigília - EJC Limoeiro-Centro



Foto: Pastoral da Comunicação do EJC. 2018. Fonte: Arquivo Pessoal.

Embasada pela construção de novas formas de ser e estar no mundo, me vejo em um movimento de imersão e emersão nesse mar que me permite transitar no barco, ainda me sentindo culpada por molhá-lo. Me ponho, portanto, em um exercício de aprimoramento e legitimação de uma subjetividade e identidade social que me permitam trilhar espaços teoricamente contraditórios, reafirmando minhas possibilidades de ser, estar e existir no mundo, para além da permanência na prancha que coage ou do afogamento em um mar que me sufoque. Nesse contexto, a subjetividade é responsável por grande parte da produção de sentido de uma pessoa, estando em constante constituição, independente de uma suposta essência comum a todos, embora influenciada pela cultura. Sendo assim, essa atribuição subjetiva de novos sentidos depende da integração de emoções, contexto, história própria e processos simbólicos que podem ser expressas de maneira distinta em indivíduos e contextos distintos (REY, 2009).

Com isso, performo hoje uma configuração religiosa que ultrapassa os preceitos dogmáticos do catolicismo, cultuando a Deus através de um movimento subjetivo (BRANDÃO, 2004) que busca se desprender de moralismos e critérios pré-estabelecidos, respeitando o que me constitui enquanto mulher, cidadã, cientista, feminista e cristã dentro de parâmetros desenvolvidos por minha própria experiência, no movimento de mergulhar no conhecimento de mim mesma e do meu meio, embasada por uma visão crítico-reflexiva e decolonial dos afetos, afetações e produção de sentidos.

Disposta neste exercício subjetivo de fé e re-conhecimento, percebo a dispensável polarização entre fé e conhecimento, religião e ciência, sagrado e profano, dicotomias que desafiam e deslegitimam minha liberdade em transitar entre os espaços e possibilidades. É, portanto, amparada por esse olhar autobiográfico que proponho a seguir a análise de cenários responsáveis por minhas afetações, agora banhada por uma perspectiva crítica de base decolonial.

3 DE NAVEGANTE A EXPLORADORA - UM MERGULHO DECOLONIAL

Em biologia, colônia diz respeito à relação harmônica entre indivíduos de uma mesma espécie que exercem diferentes funções para o bem comum. No campo político-social, colônia traduz relações de poder entre indivíduos, também de uma mesma espécie, mas que visam a dominação de um povo sobre o outro. Foi a partir do segundo conceito que a Europa, enquanto grupo colonizador, instaurou os preceitos de modernidade e civilização, doravante à conquista e colonização de Abya Ayala¹⁷, nomeada por eles América.

Colonialmente influenciada por ideais europeus de hierarquização, a sociedade brasileira fundou-se sob um modelo de "[...] distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas" (CARLOTO, 2001, p.3), modelo que segue a estruturação operada pelo *establishment* Igreja-Estado, que, através do advento da colonização, garante a hegemonia eurocêntrica-católica e legitima seus ideais civilizatórios¹⁸ de ajustamento social sobre as colônias, firmando a soberania religiosa ainda no contexto atual onde suas configurações de poder são travestidas de preocupação e cuidado.

3.1 SOB O CAIS

Considerando que o cais é uma estrutura firmada ao longo de um curso de água, impedindo transbordamentos e servindo como acostamento de barcos e navios, bem como para embarque e desembarque de cargas e passageiros, percebo a cidade de Limoeiro como uma dessas estruturas a serviço e manutenção da embarcação religiosa católica, encobrindo, por sua vez, muitas águas sufocadas.

São nessas águas, por exemplo, que se encontra o conhecimento também popular de uma versão mais cética da inauguração da cidade que especula que o padre Ponciano Coelho era responsável por mandar que roubassem a imagem de Nossa Senhora da Apresentação de seu lugar original, em Poço do Pau, e a pusessem sempre onde ele pretendia erguer sua igreja,

¹⁷ "Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América expressão que, embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wakdseemüller, só se consagra a partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX por meio das elites crioulas para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus no bojo do processo de independência" (Cf. PORTO-GONÇALVES, C. W. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 26. 2009).

¹⁸ Normas e costumes que orientam as relações sociais a nível individual e grupal, considerados pelo grupo dominante (europeu) corretos e essenciais para o convívio e o desenvolvimento social.

forjando, assim, um milagre. Versão encoberta e desacreditada pela tradição local, sendo considerada, inclusive, desrespeitosa.

Nesse contexto, a história da cidade segue um modelo de imposição hierárquica de influência europeia que impõe a fé e a crença religiosa sobre quaisquer outros saberes e conhecimentos, inaugurando um ideal de ajustamento social baseado em noções dicotômicas como criador x criatura, certo x errado, céu x inferno, sagrado x profano, que naturalizam ideais, crenças e dogmatismos produzindo subjetividades coagidas e encarceradas.

Um outro exemplo desse encarceramento é o sacramento do batismo que, para além do sentido religioso, carrega um significado histórico de coação, uma vez que, ainda no contexto de colônia, este sacramento era o responsável não só pelo reconhecimento cristão, mas também pelo reconhecimento civil.

Por meio dele, o indivíduo passava a ser socialmente reconhecido como participante da "cidade dos homens" e da "cidade de Deus", ambas indissolúvelmente ligadas no mundo cultural e político português, condicionado que era pela adesão oficial dos governantes ao catolicismo romano (SILVA, 2004, p. 105).

Desta forma, era imposto a povos de culturas e crenças diferentes da civilização portuguesa católica a adesão a um sacramento que, espiritualmente, nada lhes acrescentava senão o encarceramento em seguir dogmas alheios, enquanto que no âmbito social legitimava sua existência. Ainda nesse contexto, Silva (2004) aponta que a seleção dos padrinhos precisava ser pensada com um caráter estratégico, objetivando o estabelecimento de relacionamentos interpessoais entre pessoas de camadas diferentes da sociedade para que assim fosse possível o acesso dos menos favorecidos a contextos e situações que lhes proporcionassem o que a autora chama de “oportunidades de vida”, o que não está muito longe da realidade atual, considerando a estratificação social.

Ressalta-se, no entanto, que essas oportunidades estavam sempre limitadas ao lugar do desigual na sociedade, sendo impossível, por exemplo, que um indivíduo escravizado alcançasse quaisquer lugares de prestígio social. No contexto atual, esse episódio pode ser ilustrado por um movimento característico de cidades do interior, como é o caso de Limoeiro, onde o apadrinhamento ainda é feito em troca de votos políticos e/ou oferta de empregos. Um claro exemplo da falsa dicotomia que é estar na prancha da embarcação civilizatória que funde os ideais religiosos aos estatais.

Desta forma, percebe-se que ainda que hoje, sob o regime de governo da República, o Brasil seja, teoricamente, considerado um Estado Laico, politicamente separado dos interesses religiosos e descentralizado do poder dogmático católico, as influências coloniais de

dominação religiosa não foram apagadas ou deixaram de existir, mas assumiram novas configurações e estratégias de dominação que asseguram a manutenção do sistema colonial¹⁹ de opressão.

Esse cenário fica evidente no recorte geopolítico apresentado anteriormente, uma vez que as características fundantes e as figuras de destaque da cidade de Limoeiro estão sempre relacionadas ao contexto religioso cristão, através de contos, costumes e até feriados²⁰ que asseguram o direito de expressão da fé católica, marginalizando outros contos populares e outros tipos de manifestações religiosas, como é o caso das religiões afro brasileiras, configuradas pela fusão do catolicismo e das crenças de matriz africana — sincretismo —, que efetivou-se devido à catequização forçada dos povos escravizados.

No contexto limoeirense é evidente o preconceito latente contra essas religiões, uma vez que as mesmas são tidas no imaginário social como manifestações demoníacas e, portanto, não reconhecidas enquanto religião, evidenciando o ideal céu x inferno pregado pela lógica dicotômica cristã europeia. Essa marginalização perpassa o imaginário da sociedade e engendra o plano material, visto que, para além da ausência de figuras de referência na cidade e em sua constituição histórica, seus locais de encontro estão sempre nos bairros mais pobres e periféricos do município, bem como seus cultos e manifestações não configuram nenhum ponto central e/ou tradicional da cultura local, sendo frequentemente denunciadas e reprimidas.

Um fator interessante é que, tido como ponto turístico e central, as comunidades do Redentor e todas ao seu entorno, como é o caso da Pedra do Cristo Salvador, abrigam as populações mais pobres da cidade, marcada por violências e marginalização. Aponto, nesse sentido, a mudança do nome da antiga “Pedra do Urubu”²¹ como mais uma tentativa de apagamento da história, travestida de um cuidado que invisibiliza a violência e mascara a história de um povo que socialmente não tem valor. Nesse sentido, o turismo gerado pela visitação a esses lugares remete à espetacularização da pobreza que, mascarada pelo turismo religioso, se torna invisível pela violência do olhar elitizado de um povo imerso nos ideais de

¹⁹ Aqui destaco a diferença entre os conceitos de Colonialismo e Colonialidade. Sendo o colonialismo o marco histórico que impõe o processo civilizatório europeu de dominação direta, econômica e cultural e a colonialidade, a continuidade e perpetuação dos estabelecimentos que não desapareceu com a “independência”, suposta descolonização (QUIJANO, 1997).

²⁰ É comum o estabelecimento de feriados de origem católica no Brasil, consequência de costumes e tradição de uma colônia que por mais de 400 anos teve a Igreja Católica como religião oficial e que extra oficialmente se mantém na linha tênue entre igreja e estado (SARLET e NETO, 2020).

²¹ Nome atribuído por populares, considerando a constante presença de urubus que rodeavam o local marcado por marginalização e desova de cadáveres.

classe e raça, o mesmo que produz e reproduz imagens e fotografias capazes de apagar a própria população. Sendo assim,

No contexto da produção imagética exacerbada que pauta as interações há a supremacia do olhar. Mas apesar desse sentido ser requerido, o indivíduo não consegue o principal através da visão: dar-se conta da dimensão espetacular do que observa (GOULD e FELIX, 2019, p. 55).

Legado colonial, a invisibilização da violência aponta suas raízes já nos contos populares de fundação da cidade, quando, forçadamente catequizada, a população indígena era aculturada, desterritorializada e destruída em prol da conversão que simbolizava o sucesso dos aldeamentos e da instauração religiosa. Nota-se, desta forma, que, nos contos populares, as figuras centrais e, portanto, patrimônio histórico imaterial da cultura limoeirense, são homens portugueses tidos como heróis. Nesse sentido, as figuras dos portugueses Alexandre Moura e Avelino, bem como do Padre Ponciano Coelho, recebem o mérito pela destruição de uma cultura em detrimento da instauração de outra.

Ainda no que tange às figuras centrais da história limoeirense, percebe-se a invisibilidade do protagonismo feminino, uma vez que, considerando a gama de contos populares que permeia o legado da cidade, nenhum é protagonizado por mulheres. A desigualdade de gênero é, portanto, mais um aspecto fundante do município de Limoeiro e perpassa esferas distintas das relações humanas, uma vez que este fenômeno é responsável por fatores que versam desde a subjetivação dos indivíduos até o estabelecimento e sustentação da dinâmica social em que estamos inseridos, evidenciando aspectos como: a baixa participação da mulher em cargos de chefia no mercado de trabalho e a pouca representação política, como é a realidade da cidade em questão onde dentre os 49 governantes que ocuparam a prefeitura até agora, nenhum é mulher ou, ainda, a realidade da câmara municipal de vereadores que, em sua constituição de 15 membros, 14 são homens que performam uma cisheterossexualidade e apenas uma é mulher (2022).

Deste modo, ainda que se tenha estabelecido constitucionalmente a separação das entidades Igreja e Estado, é estruturalmente impossível que os ideais de tais instituições sejam dissociados, uma vez que o Brasil República ainda performa configurações aprimoradas do relacionamento entre as referidas instituições de poder social, que pode ser ilustrado por fatores como a crescente atuação político-partidária de instituições religiosas “[...] através da organização de bancadas e frentes parlamentares voltadas para a defesa de valores institucionais” (CAVALCANTE e PASSOS, 2014, p.233), assegurando e facilitando, por exemplo, o alcance das tradições judaico-cristãs à toda população e o fenômeno de midiática religiosa que acontece “[...] quando as instituições passam a fazer uso das

lógicas e estratégias da mídia para a consecução de seus objetivos” (ZANOTTI e CAMARGO, 2018, p.230), se adaptando aos cenários sociais e garantindo que os ritos devocionais como missas, reflexões, comemorações litúrgicas, dentre outros, alcancem os adeptos da doutrina também em seus espaços domésticos.

3.2 O BARCO, A PRANCHA MODERNA E SUAS APRIMORADAS ESTRATÉGIAS DE COLONIZAÇÃO

Dogmático, portanto, indiscutível, o engendramento religioso na criação e desenvolvimento da estrutura social, tal qual conhecemos hoje, abomina a flexibilização de seus preceitos e prega a cristalização de modos de existir naturalizados pela lógica hegemônica binária civilizatória, evidenciando o que Maldonado-Torres (2007) denomina de colonialidade do ser, ou seja, o aprisionamento das possibilidades de Ser-no-mundo, com base em um sistema de opressões que manipula os comportamentos e encarcera as subjetividades em uma falsa dicotomia entre o que é certo e errado, sagrado e profano.

Esse discurso opressivo fica evidente tanto no contexto social quanto em ambientes virtuais de pregação. O fato é que, se durante o colonialismo essas opressões eram da ordem das imposições, hoje, na modernidade capitalista, o mesmo sistema de opressões opera sob formas e configurações da ordem do convencimento, o que não o torna menos violento, como aponta Galeano (2020, p.157):

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser.

Nesse sentido, a configuração social contemporânea dispõe de diversos meios, modos e possibilidades de agenciamento do poder, através de dispositivos²² como a mídia e os meios de comunicação tecnológicos que conduzem as relações humanas a um estado multidimensional, onde o contato físico já não é o único ou principal meio de estabelecimento das relações sociais. Deste modo, as instituições de poder social se apoderam da dimensão midiática, reforçando a demarcação de estruturas sociais já existentes no âmbito físico e promovendo a manutenção e regulação da lógica vigente também no âmbito tecnológico,

²²Dispositivo é "[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (FOUCAULT 2000, p. 244).

utilizando-se de uma linguagem própria e característica, "[...] com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito" (AGAMBEM, 2005), a normatização.

Diante disso, a linguagem midiática age como um dispositivo de poder e construção identitária que constitui e transforma o mundo, uma vez que esse sistema de comunicação simbólica só pode ser compreendido em um contexto que o reconheça, a partir da identidade cultural já construída e pré-estabelecida pelos processos civilizatórios de subjetivação.

Visando a manutenção do *status quo*, as instituições de poder social dispõem de dispositivos modernos de dominação, dentre os quais o meio cibernético tem ganhado força, principalmente entre os anos de 2020 e 2021, quando o acometimento da Pandemia da Covid-19 trouxe para o mundo uma dinâmica de relacionamento atípica, caracterizada pelo isolamento social, impossibilitando ou diminuindo o acesso a ambientes físicos corriqueiros na dinâmica das relações humanas e promovendo o aumento entre 40% e 50% do uso da Internet no Brasil, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)²³.

Como todas as outras instituições de poder, a Igreja Católica tem se disposto a adaptações aos novos modos de convivência e explorado cada vez mais as plataformas on-line de comunicação, tendo instituído, inclusive, o Dia Mundial das Comunicações Sociais (1967), solicitado pelo Concílio Vaticano II (1961), que reconhece a necessidade e a importância dos meios de comunicação para a propagação da fé Católica, salientando sempre a necessidade de ajustamentos das condições evangélicas midiáticas através das considerações dos Papas Conciliares²⁴.

Nesse sentido, as mídias de transmissão da fé Católica têm despendido cada vez mais esforços para garantir que os ritos devocionais como missas, grupos de oração, entre outros, alcancem os adeptos da doutrina na “segurança” de suas casas²⁵, compartilhando também sua programação televisiva em *streamings* como o *YouTube* e redes sociais de canais católicos.

Considerando que as mídias religiosas têm feito parte de meu fazer católico, frente à nova realidade, tenho me sentido diretamente afetada por suas produções também no

²³ Acessar: ANATEL, Agência nacional de Telecomunicações; Relatório de Delegação nº 6/2020/AIN. Disponível em: <https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?eEP-wqk1skrd8hSlk5Z3rN4EVg9uLJqrLYJw_9INcO5T3W0qstB5F9RkPmymXvIRy9WkH7UU7eI19W1_TqgBkmieDEcwEoXoM0l6e0xMTLk5s5kbkisGOLFgJZK0Gonh>.

²⁴ Pontífices participantes-eleitores do Concílio Vaticano II.

²⁵ Aqui me refiro à segurança que a casa, enquanto lar, deveria proporcionar, em relação ao isolamento demandado pelo contexto da Pandemia. No entanto, reconheço que não são todas as pessoas que podem usufruir dessa segurança, levando em consideração os fatores de gênero, raça e classe que impedem a viabilização de um lar minimamente seguro para todos, a partir de aspectos como construções em situações de risco e o acometimento de violências domésticas que se intensifica com a presença de agressores e vítimas no mesmo espaço.

ambiente virtual, me vendo novamente dentro do barco que segue viagem a todo vapor, e diante de uma nova prancha, que ultrapassa a bolha da presença física em espaços de contemplação religiosa e se faz presente na fluidez de um acesso rápido à internet ou de um momento de lazer frente à programação televisiva, apontando o rápido e efetivo alcance da programação religiosa por pessoas em todo lugar do mundo.

Sendo assim, a partir de minha participação ativa também no ambiente católico cibernético, me proponho no próximo capítulo à análise do episódio intitulado “O feminismo contra a Natureza da Mulher” do Programa Na Verdade da Rede Século 21, embasada por uma perspectiva crítico-afetiva e ético-política, considerando a esfera biopsicossocial dos discursos e da elaboração imagética produzida e reproduzida pela igreja católica em sua atuação midiática, através do recorte do episódio em questão.

4 MUDIATIZAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL - O ESTADO COMO PATILHÃO DA EMBARCAÇÃO RELIGIOSA

O patilhão é, em náutica, um “apêndice do casco de veleiros, constituído por um perfil alinhado com o eixo longitudinal da embarcação e que lhe confere estabilidade e resistência ao abatimento quando navega contra o vento”²⁶. É dessa sustentação desempenhada pelas conjunturas estatais que as configurações religiosas deterministas precisam para se manter firmes frente aos ventos da criticidade, do reconhecimento e da pluralidade subjetiva dos indivíduos que mergulham em busca de si.

No Brasil atestamos e reafirmamos essa sustentação recentemente, quando matérias jornalísticas revelaram uma reunião por videoconferência onde representantes de canais midiáticos católicos barganhavam com o Presidente Jair Bolsonaro, oferecendo-o “mídia positiva” em troca de benefícios como concessão de anúncios estatais e outorgas para expansão das redes de comunicação do ramo católico (FRAZÃO, 2020), evidenciando, tanto a marketização da fé (ALVES, 2000) quanto o alinhamento dos interesses de ajustamento religioso aos interesses normativos político-partidários do atual governo do país. Participaram da reunião representantes da Rede Vida, Século 21, Canção Nova, TV Aparecida, Pai Eterno e Evangelizar²⁷.

Embora tenha ganhado destaque no cenário pandêmico, a potência da coalizão religião-política-mídia no Brasil já vem sendo elucidada há algum tempo, tendo sido bastante realçada também no contexto das eleições de 2018, caracterizada pela crescente disseminação das chamadas *fake news* que, alcançando boa parte da população, foi um fator determinante para o favoritismo e eleição de governantes preconceituosos, conservadores e fundamentalistas, principalmente no que diz respeito aos aspectos de identidade de gênero, diversidade sexual e expressões de gênero, como ilustrado pela propagação do termo “Ideologia de Gênero”, utilizado para distorcer as possibilidades de ser-no-mundo e demonizar as identidades consideradas sexo-gênero dissidentes, uma vez que a palavra ideologia nesse contexto assume o significado de “[...] um conjunto de crenças e ideias que

²⁶ Acessar: "Patilhão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/patilh%C3%A3o>>

²⁷ Acessar: FRAZÃO, F. Por verbas, TVs católicas oferecem a Bolsonaro apoio ao governo. 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,por-verbas-tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-apoio-ao-governo,70003326526>>

falseia a realidade” (MACHADO, 2018, p.4), deslegitimando os estudos acerca das teorias de gênero e suas possibilidades.

Tais posicionamentos salientam, portanto, as limitações heteronormativas, classistas e racistas das dicotomias coloniais que desumanizam os corpos, a partir de suas características fenotípicas e das atribuições socialmente imputadas por aqueles que conduzem o leme da desigualdade: homens, brancos, burgueses, cisheterossexuais. Essa realidade será ilustrada a seguir, através da análise do episódio de título sugestivo “O feminismo contra a natureza da mulher” exibido em um Programa de título não só sugestivo, mas também pretensioso “Na verdade”, da Rede Século 21, representado na reunião com o presidente Jair Bolsonaro, através da pessoa do Padre Eduardo Dougherty, seu fundador.

4.1 O CANAL - A GENTE DE BORDO E A DINÂMICA DA EMBARCAÇÃO

Para que um barco funcione é preciso contar com os trabalhos da Gente de bordo, termo que refere-se à guarnição que opera junto ao comandante, portanto, antes de explanar o episódio proposto, é importante ressaltar o contexto macro que propicia discussões de temáticas nesse contexto, a fim de que não haja o risco de que a análise pareça descontextualizada ou uma mera militância vazia, como costumam “argumentar” os defensores ferrenhos do fundamentalismo religioso associado às ideologias político-partidárias cristãs que impedem a laicidade do Estado.

Deste modo, estaremos a bordo do canal que viabiliza o episódio escolhido, a fim de conhecermos desde o seu criador até a própria criatura e suas produções. Para tanto, explorei o site da Rede Século 21 e da Associação do Senhor Jesus (ASJ), “uma instituição ligada à Igreja Católica Apostólica Romana, que trabalha com a formação, informação, entretenimento e a evangelização através dos meios de comunicação”²⁸, a qual é mantenedora da Rede Televisiva supracitada. No âmbito televisivo, a Rede Século 21 está disponível via sinal aberto, contemplando 8 Estados e 104 municípios; via TV a cabo, contemplando 23 Estados e 183 municípios; e via Antena parabólica, que alcança qualquer parte do Brasil²⁹. Além disso, as regiões não cobertas pelo sinal televisivo podem ter acesso à programação através do

²⁸Acessar: QUEM SOMOS. Associação do Senhor Jesus. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/site/asj/sobre-nos/quem-somos/>>

²⁹Acessar: ONDE ASSISTIR. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/area-de-cobertura/parabolica/>>

próprio site da emissora, a partir do ícone “Tv Ao Vivo”³⁰; ou ainda através do seu canal no *YouTube*³¹, que conta com mais de 1 milhão de inscritos; e dos aplicativos³², disponíveis para os sistemas operacionais iOS e Android.

Tanto a instituição quando a Rede Século 21 foram fundadas pelo Padre Eduardo Dougherty, um jesuíta de origem norte-americana que afirma que “As novas tecnologias são para a maior glória de Deus”³³, um discurso que fundamenta o processo de midiatização católica em todo o mundo. É a partir desse processo que as narrativas e doutrinas católicas são comunicados em massa com base em estratégias de marketing aplicado à religião, como evidenciado pelo Instituto Brasileiro de Marketing Católico (IBMC), o qual se propõe em seu site a “[...] evangelizar por meio de modernas técnicas de Marketing e Comunicação, sem perder a sintonia com os evangelhos nem a essência da fé”³⁴. Deste modo, o discurso da igreja católica na modernidade migra do caráter religioso para religioso-midiático, o qual abriga interesses que vão além da pregação e disseminação da fé, adentrando, também, em uma esfera de comercialização.

Assim como os interesses e regras do marketing regem a mídia, há segmentos religiosos, entre os quais, setores da Igreja Católica, cuja prática comunicacional não está sendo mais regida por fundamentos como a visão crítica e dialógica, sempre defendidos pela Igreja Católica em seus documentos sobre o tema, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, mas por uma visão midiática cuja metodologia e fim é a “venda”, seja de produtos tangíveis como CDs, livros, viagens, entre outros, seja de valores (os produtos intangíveis) como a própria salvação eterna (MARQUES, 2017, p. 31).

Para ilustrar esse fato, podemos evocar a própria grade de programação da Rede que oferece 24 horas de programação e propõe combinar as esferas de entretenimento, espiritualidade e jornalismo. Nesse contexto, foram contabilizados 36 programas componentes, segundo informações obtidas no site da Rede³⁵, dentre os quais 6 foram dispostos na categoria “Jornalismo”, 7 dispostos na categoria “Entretenimento”, 22 na categoria “Espiritualidade” e 1 não teve a categoria definida (Anexo 1). Ressalta-se, no

³⁰ Acessar: ONDE ASSISTIR. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/cat/area-de-cobertura/>>

³¹ Acessar: REDE SÉCULO 21. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCGm27Ndv8a-0yUJFVpRwkDQ>>

³² Acessar: APLICATIVOS. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/site/aplicativos/>>

³³ Acessar: NOTÍCIAS. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/noticias/rede-seculo-21-estreia-em-21-capitais-brasileiras/>>

³⁴ Acessar: QUEM SOMOS. Instituto Brasileiro de Marketing Católico IBMC. Disponível em: <<https://www.ibmc.com.br/o-ibmc/quem-somos>>

³⁵ Acessar: PROGRAMA. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/cat/programacao/domingo/>>

entanto, que, ainda que o maior número de programas esteja concentrado na categoria “Espiritualidade”, o programa mais recorrente da programação é o único que não teve a categoria definida, a saber: “Shopping Católico”, o qual aparece 64 vezes na grade de programação semanal, com duração que varia entre 5 e 25 minutos e trata-se de “[...] uma vitrine onde você encontra os melhores produtos para o seu crescimento nos mais variados aspectos da vida: pessoal, social, emocional, espiritual e saúde”, segundo a descrição do próprio site³⁶, evidenciando, deste modo, a potência do caráter comercial da Instituição religiosa católica no Brasil.

Surge, também nesse cenário, a comercialização de produtos voltados especificamente para o público feminino, visando a manipulação de um ideal que atenda o “destino natural” da mãe, esposa e dona de casa, como é o caso do lançamento da moda feminina católica, mercado em ascensão entre as fiéis, que comercializa as roupas “adequadas” para vestir a “Mulher de Deus”, ou da programação “especial” para mulheres que conta, em sua maioria, com programas voltados à culinária, à arrumação da casa e ao artesanato, tudo isso embasado por um único fundamento “A mulher sábia edifica o lar, mas a insensata o destrói com as próprias mãos” (PROVÉRBO, 14:1).

Nesse contexto, podemos destacar que entre os 36 programas exibidos, 18 são apresentados apenas por homens, 1 tem a apresentação compartilhada entre um homem e uma mulher, 11 não tiveram seus/suas apresentadores ou apresentadoras identificados/identificadas, 1 é apresentado por fantoches não identificados e apenas 5 são apresentados exclusivamente por mulheres. Nesse contexto, a Rede Século 21 conta com um time de 28 homens brancos³⁷, 1 homem negro e 8 mulheres brancas para dar conta de sua programação. A ausência representativa do corpo negro na midiática católica brasileira reafirma a estruturação de uma imagem do divino que habita o corpo euroamericano, prejudicando a estruturação da autoimagem e a desvalorização socio-histórico-cultural das populações negra e indígena.

³⁶Acessar: SHOPPING CATÓLICO. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/programas/shopping-catolico/>>

³⁷É importante ressaltar que a declaração étnico-racial é definida a partir do método da autodeclaração, que se baseia na declaração espontânea do indivíduo e foi ratificado na Declaração de Durban, Relatório da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância (2001). Utilizo, no entanto, uma análise interpretativa das figuras que aparecem na programação, a partir da ótica da representatividade, que considera que nosso corpo funciona como instrumento de representatividade e afeto. Nesse caso, aponto a supervalorização de pessoas com característica fenotípicas europeias, tornando incompatíveis os corpos que não se encaixam no padrão estabelecido (VERGNE *et al.* 2015).

Dentre os 5 programas apresentados por mulheres, 2 são da categoria jornalismo, 1 da categoria espiritualidade e 2 da categoria entretenimento. Em relação à categoria “Jornalismo”, o programa “Na verdade” apresentado por Viviani Berton Chaves; Mercedes Figueroa e Isabella Mantovani tem uma duração estimada em torno de 45 minutos e acontece duas vezes na semana, e o programa “Século News” apresentado por Renata Moretto tem uma duração média de 30 minutos e tem uma edição de segunda a sexta-feira. Quanto à categoria “Entretenimento”, o programa “Mulher.com” apresentado por Rita Maria tem duração média de 1 hora e 30 minutos e o programa “Bom dia Sócio” tem duração estimada em 57 minutos, ambos são exibidos em uma única edição de segunda a sexta-feira. Em relação à categoria “Espiritualidade”, o programa “Dai-nos a benção”, apresentado pela Irmã Luiza, tem duração de apenas 2 minutos e é exibido 11 vezes na semana, totalizando 22 minutos semanais, o que é bem menos que uma única edição de outras exposições. Ressalta-se, no entanto, que durante o tempo de pesquisa e escrita deste estudo, o programa “Na verdade” foi cancelado e restaram 4 programas apresentados por mulheres em toda a Rede, entre os quais 2 não têm informações aprofundadas sobre a proposta do programa ou sobre suas respectivas apresentadoras, diferente dos demais, que trazem de forma minuciosa a biografia de cada apresentador, majoritariamente homens, brancos e sacerdotes católicos.

Para além da baixa representatividade feminina na programação, a distribuição nessas categorias denuncia também a visão de incapacidade e impropriedade que a igreja tem e dissemina sobre mulheres mediando a relação do humano com o divino (ROSADO-NUNES, 2008), uma vez que apenas 1 entre os 22 programas da categoria “Espiritualidade” está sob o comando de uma mulher, com uma duração incipiente, apontando para a cautela no contato do feminino com o plano espiritual e atestando não só a soberania do olhar e intercessão masculina, mas também a elegibilidade sacerdotal direcionada apenas aos homens, como afirma João Paulo II (1994) em sua carta apostólica “*Ordinatio Sacerdotalis*”³⁸ ou “Ordenação Sacerdotal”, em português, “A ordenação sacerdotal, pela qual se transmite a missão, que Cristo confiou aos seus Apóstolos, de ensinar, santificar e governar os fiéis, foi na Igreja Católica, desde o início e sempre, exclusivamente reservada aos homens”, delimitando, deste modo, o que é o papel feminino e o masculino não só na igreja, mas também no mundo.

Ainda nesse contexto, um fato interessante é que quando acessada a página do programa “Dai-nos a benção”, não há um registro categórico dos episódios, apenas três links que direcionam aos vídeos: “Aprenda a lidar com diferentes personalidades da família”;

³⁸ Documentos Pontifícios 268. *Sacerdócio de mulheres?* Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.

“alfineteiro lili” e “Pintura em tecido”³⁹, temáticas construídas relacionadas aos papéis e atribuições sociais direcionadas às mulheres, que também podem ser ilustradas pelo programa “Mulher.com”, o qual traz em sua proposta “[...] dicas de culinária, artesanato, orientações sobre saúde, prestação de serviços, educação, direitos do consumidor, dicas de moda e beleza, decoração, música e curiosidades”⁴⁰. Evidencia-se, portanto, dois princípios básicos da Divisão sexual do trabalho, elencados por Hirata e Kergoat (2008): 1. Separação, que determina o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, que pode ser observado a partir da distribuição de temáticas estereotipadas para a apresentação dos programas e 2. Hierarquia, supervalorizando o trabalho masculino e marginalizando o trabalho feminino, ao passo que os programas comandados por homens são mais recorrentes e têm maior tempo de duração, bem como representam a maioria absoluta em toda a programação.

Percebe-se, nesse sentido, que o cenário católico nesse recorte de atuação midiática corrobora para a reprodução de uma doutrina que diminui a presença e a competência feminina e invisibiliza o corpo, a fala e o posicionamento negro, indígena, LGBTQIA+, entre tantas outras possibilidades de ser e estar no mundo, não representadas, não abordadas e não contempladas, seja pela não atuação direta nos cenários, seja pela falta de propostas e produções que deem conta das múltiplas formas de existência, a partir da instauração e reprodução de uma verdade construída e legitimada por um poder secular que ganha cada vez mais forças e que é capaz de se vestir com novas roupagens.

4.2 O PROGRAMA - NA VERDADE

Conservando a proposta do Canal, o Programa “‘Na Verdade’ tem como objetivo levar o público a uma consciência mais aprofundada sobre as riquezas da Igreja, além de passar uma visão católica sobre o mundo atual”. Percebe-se já neste trecho descritivo do programa, a parcialidade de uma crítica dogmática a questões biopsicossociais que ultrapassam a bolha da doutrina judaico-cristã, a partir de um objetivo que trata a realidade por uma ótica determinista, considerada pelas personagens “A verdade” indelével sobre o mundo, as pessoas e as configurações e relações sociais.

³⁹Acessar: DAI-NOS A BÊNÇÃO. Rede Século 21. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/sem-categoria/dai-nos-a-bencao/>>

⁴⁰Acessar: MULHER.COM. Rede Século 21. Disponível em : <<https://www.rs21.com.br/mulherpontocom/>>

“O título do programa sugere a busca de estar sempre com aquele que é a Verdade: Jesus Cristo”, deslegitimando, por sua vez, as possibilidades do que é real e verdadeiro para aqueles que não creem em uma verdade cristã, pondo-se, desta forma, em um patamar de superioridade social. O ponto é que a “Verdade religiosa é assim: fundamenta-se em convicções, não em provas científicas” (BRAKEMEIER, 2002, p.41), e essas convicções são piamente delimitadas por ideais civilizatórios excludentes que respondem a um padrão euroamericano incabível para a pluralidade humana e implausível para a diversidade brasileira.

“Conscientização política e análises de situações da vida atual sob o ponto de vista católico também entram no foco do programa, além de entretenimento, peculiaridades do universo feminino, moral católica, recortes da vida de santos e muito mais”. Neste recorte atestamos a coalizão religião-política-mídia, através da união de três grandes potências institucionais, utilizando-se de estratégias sensacionalistas para atrair o interesse dos internautas e coagir os fiéis com base em expressões deterministas, como é o caso do episódio intitulado “O feminismo contra a natureza da mulher” do Programa “Na verdade” da Rede Século 21, exibido em 10 de outubro de 2019 ou ainda do episódio “Os perigos dos anticoncepcionais e os pecados da contracepção”, exibido em 27 de julho de 2020.

Um fato importante é que, para além das titulações sensacionalistas, os episódios são sempre fragmentados e postados no *YouTube*, o que sugere a utilização de uma estratégia de alto alcance, visando atingir os objetivos de “informação” rápida e pontual dos e das internautas, como aponta a pesquisa “Youtube: estudos e desinformação: dilemas dos estudantes universitários” (NAGUMO, 2022), que revela o interesse das pessoas em encontrar conteúdos resumidos dos assuntos, a partir de vídeos curtos, visando otimizar o tempo e sanar dúvidas específicas. Nesse sentido, o que parece ser uma simples segmentação do episódio, já promove um recorte religioso dogmático, raso e tendencioso sobre temáticas de cunho biopsicossocial.

“A apresentação está a cargo de três mulheres de fé: Viviani Berton Chaves, Mercedes Figueroa e Isabella Mantovani. Além das três apresentadoras, o programa recebe convidados relacionados ao tema; pessoas que nos inspiram por sua trajetória e profissionais especializados na área”⁴¹, conforme descrito no site. Por fim, a apresentação do programa aborda de forma categórica a importância de trazer personalidades nas quais os telespectadores e internautas possam se inspirar. Nesse sentido, o mesmo realmente manteve o padrão da emissora e contabilizou a presença de 25 homens brancos e 15 mulheres brancas ao longo dos 49 episódios disponibilizados no site, todos seguindo também o padrão de uma

⁴¹ Acessar: O PROGRAMA. Rede Século 21. Disponível em: <https://www.rs21.com.br/na-verdade-o-programa/>

performance cisheteronormativa e de um estilo de vida que compreende e contempla as exigências judaico-cristãs, uma vez que a maioria dos e das participantes trazem seus posicionamentos em relação à família, comportamento e “fórmulas” religiosas para lidar com cenários como “Infertilidade”, “Aborto, bioética e defesa da vida”, entre outros listados no Anexo 2.

Em relação à construção imagética, pensamos a partir dos estudos estilísticos propostos por autores como Butler (2010) e Mittel (2004), que entendem que a interpretação do texto ou narrativa em um contexto televisual é influenciado pelas configurações visuais e comportamentais das personagens. Denunciando a lacuna existente no contexto brasileiro, no que tange ao desenvolvimento de metodologias que abarque essa proposta, os autores de referência são de origem euro norte americana. Entretanto, no esforço de valorizarmos a ciência latinoamericana, esta análise se dá a partir de Rocha (2016), pesquisadora brasileira e organizadora do livro “Estilo televisivo: e sua pertinência para a TV como prática cultural”.

O cenário do programa traz uma ideia de organização doméstica, a partir de uma estética que remete à ideia de “feminilidade” pregada pelo discurso religioso, a partir da utilização de quadros e ornamentos como flores, que elucidam a ideia da delicadeza e socialmente carregam a fantasia do que é puro, doce e inocente, comumente associado às mulheres ou ao que a figura da mulher deve representar, segundo o discurso católico. Evidencia-se também o comportamento das apresentadoras, que seguem o que tem sido proposto pelas instituições religiosas atualmente, a partir de um modelo que elenca “Nove virtudes da mulher que agrada o coração de Deus”, como proposto no site da TV Canção Nova⁴².

Nesse sentido, as mesmas expressam em seus discursos os valores da Paciência, da Bondade, da Amabilidade e da Humildade, com falas mansas e dóceis e expressões corporais contidas que sugerem essas virtudes. Outro ponto observado foi a ideia de Castidade, expressa a partir de suas vestimentas, que mantém um padrão do que é proposto no texto bíblico de Timóteo “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.” (1 Timóteo 2, 9-10).

Considerando, ainda, o aspecto físico dessas mulheres, infere-se a ideia do valor da Temperança, que nesse contexto diz respeito ao autocontrole, principalmente no que tange os aspectos alimentícios, opondo-se, portanto, à gula, como apontado no site de formação da Canção Nova “A temperança opõe-se à gula. É a mulher que tem autocontrole e vive com

⁴² Acessar: FORMAÇÃO. Nove virtudes da mulher que agrada o coração de Deus. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/afetividade-e-sexualidade/nove-virtudes-da-mulher-que-agrada-o-co-racao-de-deus/>

moderação. Não é fácil ter equilíbrio em todos os aspectos da vida, porém é essencial lutar para tê-los. As mortificações, penitências e jejuns são de suma importância nesse quesito”. Observa-se, também, a ilustração da virtude da Fidelidade, uma vez que as três se colocam em uma posição de seguir a verdade de Cristo sendo fiéis aos ensinamentos da Igreja, mesmo diante do que chamam de “relativismos do mundo atual”, como aponta a sinopse do Episódio que será analisado a seguir.

Desta forma, a imagem da mulher magra e “bem vestida” é associada à ideia da mulher trabalhadora, como exposto pelas biografias das apresentadoras, disponíveis no site⁴³, que denotam a ideia de ocupação do tempo com “coisas de Deus”: família, “trabalho digno” e evangelização. Considera-se, portanto, que esses elementos podem “[...] denotar, expressar, simbolizar, decorar, persuadir, chamar ou interpelar, diferenciar, significar ao vivo” (ROCHA, 2016, p. 32) a imagem que se propõe a passar do que é certo, do que é ser uma “Mulher de Deus”, e que durante o programa também é comunicado através dos discursos, como perceberemos a seguir.

⁴³ Acessar: APRESENTAÇÃO. Na verdade. Disponível em: <https://www.rs21.com.br/na-verdade-apresentacao/>

4.3 O EPISÓDIO - A CABINE E SEUS MARINHEIROS

A escolha do episódio aconteceu a partir da digitação no *YouTube* de um conceito-chave, elencado pela pesquisadora, visando alcançar o proposto pelos objetivos da pesquisa, a saber: “o feminismo e a igreja católica”. Um fato que chamou atenção foi que os 4 primeiros resultados da busca remetiam ao mesmo vídeo “O feminismo contra a natureza da mulher” postado pelo Programa Na verdade da Rede Século 21.

Através de uma pesquisa mais apurada no *streaming* identifiquei que o episódio, além de ter sido postado na íntegra, com uma subdivisão em dois blocos, separados por comerciais televisivos, foi também subdividido em trechos específicos que abordam questões como feminilidade, a “natureza da mulher” e a crítica ao feminismo e à mentalidade revolucionária, com títulos sensacionalistas que despertam a atenção do internauta, atendo-se à uma duração de até 5 minutos (Figura 23).

Figura 21. Colagem - Chamadas do Programa Na verdade da Rede Século 21

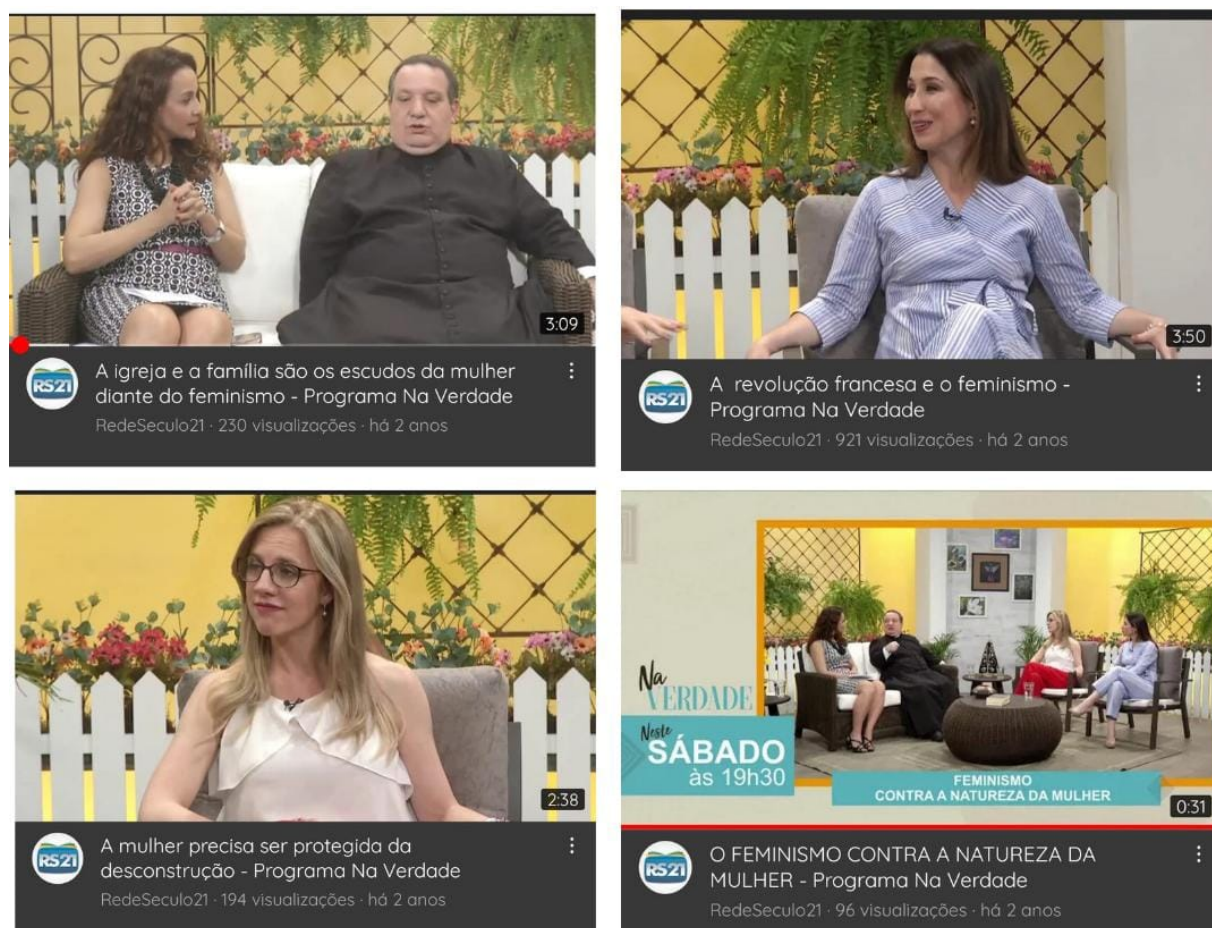




Foto: Nathália Rodrigues. 2020. Fonte: Prints do canal da Rede Século 21 no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/RedeSeculo21>

Preocupada em não enviesar a discussão, a partir da discussão sobre recortes já enviesados, a análise do episódio aconteceu a partir da disposição da pesquisadora em assistir aos dois blocos na íntegra e transcrever as falas das apresentadoras e do padre entrevistado. Após a primeira leitura da transcrição dos dois blocos, os trechos foram organizados de modo a promover uma maior compreensão da pesquisadora sobre os aspectos tratados ao longo das discursividades das personagens, a saber: 1) Dicotomias coloniais; 2) Cisheterossexismo e Estereótipos de Gênero e 3) Feminismo x Feminino.

Visando não podar a manifestação das memórias e/ou afetações, favorecendo sempre a liberdade de expressão e as possibilidades de ser, essa análise não está livre de afetações pessoais e do reavivamento de memórias por parte da pesquisadora, uma vez que “A vivacidade do texto está justamente no ir e vir, propiciando uma cadência e sintonia com o interlocutor/leitor” (MARQUES e SATRIANO, 2017, p. 11).

A partir disso, cabe a compreensão de que na hora da análise, a protagonista é a vivência. A leitura e interpretação do acontecimento e das produções são feitas à luz dos pressupostos que sustentam o posicionamento afetivo-reflexivo da pesquisadora, bem como as teorias pelas quais se norteia. Nesse sentido, esta pesquisa se fundamentou a partir da epistemologia feminista decolonial, a qual se propõe ao rompimento de conceitos estagnados que servem ao sistema de dominação, não se atendo a “falar sobre”, mas legitimando o “falar com” (FIGUEIREDO, 2020) a própria subjetividade que vive, sente e produz.

Comprometido em reavaliar as imposições — sejam socioculturais, sejam biológicas — que retroalimentam o *status quo*, esse modelo epistemológico diz respeito ao lidar com, e não ao convencimento, pois convencer é subtrair a alteridade, é estabelecer um padrão. Desta forma, conta, também, com a insurgência da Interseccionalidade como categoria de análise, uma vez que a mesma, enquanto “[...] episteme intrínseca à modernidade e seus projetos libertadores” (ESPINOSA-MIÑOSO, 2014, p. 12), busca fazer uma análise em rede dos diversos fenômenos sociais que atravessam, simultaneamente, as vivências e experiências do ser humano, buscando refletir a respeito do que é comunicado e como isso reverbera na constituição subjetiva e social de quem assiste.

Portanto, ao considerar que “[...] a identidade é o que somos, em decorrência da introjeção de valores culturais, de símbolos éticos e de significados religiosos que nos são transmitidos, pelo sistema linguístico, através de pessoas com quem nos relacionamos” (LIBERAL, 2004, p.14), entendo que a análise do episódio me atravessa e será atravessado por mim como mulher católica cientista e feminista, em constante movimento de desconstrução e simultânea construção de mim mesma.

4.3.1 Voltemos ao Gênesis - O fundamentalismo e as dicotomias coloniais como promotores das categorias de opressão de gênero, raça e classe.

O primeiro ponto, que eu acredito que é importante resgatar o Gênesis, eu tenho falado nas minhas conversas com os meus filhos espirituais, com o pessoal na paróquia que a gente precisa trazer de

*volta o gênesis com muita autoridade. O gênesis é o querer de Deus, é uma revelação do propósito de Deus sobre e o homem e a mulher (Padre Wander Maia).*⁴⁴

E Deus disse: “Que a terra faça sair seres vivos por espécies, animais domésticos, bichinhos e feras da terra por espécies”. E assim foi. Deus fez as feras da terra por espécies, os animais domésticos por espécies e os bichinhos do solo por espécies. E Deus viu que era bom. E Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e toda a terra e também os bichinhos que se remexem sob a terra” (GÊNESIS, 1, 24-26).

O texto bíblico da criação aponta veementemente a delimitação entre as espécies e a hierarquização do ser humano, enquanto superior e dominador das existências não humanas. Esse apontamento fundamenta a concepção teo-antropocêntrica que decreta o indivíduo pensante e racional como única espécie detentora de direitos, superior por sua semelhança ao criador, figura central na criação divina, e, por isso, conhecedora e detentora da verdade, “[...] a única criatura que traz o *nephesh*⁴⁵ de Deus é o homem, a mulher, o ser humano. De tal maneira que Deus criou, viu que era bom, colocou o ser humano no centro da criação” (Padre Wander Maia).

Fundamenta-se, nesse sentido, uma lógica especista que, transposta das escrituras para a vida em sociedade, embasa desigualdades sociais e sistemas de opressão, como o processo de racialização⁴⁶ durante a colonização das américas, uma vez que, ao se reconhecer enquanto detentor do saber e, portanto, do poder, o colonizador, crente de sua soberania e conhecimento da verdade (judaico-cristã), desumaniza os povos colonizados e escravizados e inaugura a estrutura hierárquica social, tal qual conhecemos hoje, evidenciando o que Lugones (2014) chama de dicotomia central da modernidade colonial, ou seja a categorização das existências enquanto humanas e não-humanas, e sua consequente atribuição de papéis sociais, enquanto dominadores *versus* dominados, salvos *versus* condenados, certos *versus* errados, nos fazendo questionar o fazer social que desempenhamos e a mim, particularmente, os lugares que ocupo, enquanto mulher atravessada pela culpa da dicotomia cientista *versus* cristã.

⁴⁴ As falas das personagens do Episódio serão representadas aqui sempre em itálico, visando diferenciar as citações teórico-científicas dos discursos das mesmas.

⁴⁵ Alma em hebraico.

⁴⁶ Raça, racialização e racismo são conceitos diferentes. O primeiro diz respeito à categoria mental da modernidade colonial com base na classificação social (QUIJANO, 2005). O segundo refere-se ao processo histórico de classificação social dos povos colonizados, impondo a estes o lugar da não humanidade. Enquanto o terceiro, é o preconceito e discriminação entre pessoas de raças diferentes. Todos são produtos do colonialismo (ALMEIDA, 2020).

Nesse contexto de dominação, já em sua chegada em Pindorama⁴⁷, os colonizadores se apossaram não só do espaço geográfico, mas também das subjetividades e expressões culturais divergentes do marco civilizatório europeu, promovendo a supressão de comportamentos, religiões e costumes considerados pagãos, através das práticas de escravidão, aculturação, exploração e alienação (SOLIDADE e HOGEMANN, 2016) dos povos nativos e africanos. Deste modo, as relações de dominação de um povo (europeu ocidental) sobre os outros (indígenas e africanos), denota a estruturação hierárquica entre os povos que, por sua vez, legitimou e permanece legitimando os marcadores sociais de classe e raça enquanto categorias de opressão, mais tarde codificadas pela cor da pele, característica fenotípica essencial na demarcação das descendências (QUIJANO, 2005).

Nesse sentido, a lógica civilizatória situa na esfera humana os homens brancos europeus, cisheterossexuais e burgueses que ditam a dinâmica do funcionamento social, e as mulheres brancas europeias, cisheterossexuais e burguesas que, embora performem uma existência passiva, contribuem para a reprodução do *status quo*, firmando, assim, o marcador social de gênero e suas atribuições baseadas na caracterização biológica dos corpos. Essa configuração é perpetuada ainda hoje e pode ser atestada pela imagética do episódio quando três mulheres brancas, com comportamento dócil e um posicionamento considerado feminino são postas para apresentar um programa de televisão que se propõe a apresentar “a verdade” a toda uma população, amparadas pela figura de um padre, autoridade masculina clerical que socialmente confere veracidade à discussão.

Recorre-se, portanto, à figura da mulher que comunica sobre a própria mulher, um apelo para o reconhecimento de quem recebe a informação para com quem informa, visando alcançar a igualdade formal⁴⁸, mas esbarrando na desigualdade real (CUNHA, 2019) e denunciando a interseccionalidade que atravessa a heterogeneidade humana. Nesse contexto, a mulher cis, branca, de classe média põe-se no lugar de comunicar as atribuições da mulher em sociedade, tomando suas experiências como referência e disseminando um discurso unilateral, desconsiderando, assim, as particularidades das vivências de mulheres pobres, pretas, indígenas e LGBTQIA+, como ilustrado pela fala da apresentadora Viviani Berton Chaves “[...] muitas vezes nós caímos meio que no conto do vigário com essas conversinhas

⁴⁷ Denominação Tupi para o território brasileiro antes da chegada dos colonizadores. Ler: BARCELOS, V. e MADERS, S. Habitantes de Pindorama - De nativos a estrangeiros. Revista Pedagógica UNOCHAPECÓ. Ano 15, n. 28, v. 01, jan-jun, 2012.

⁴⁸ Art. 5º da Constituição Federal que diz “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”

desses coletivos, dessas defesas de minorias, da mulher pobre, da mulher pobre e negra, do trans, eles vêm sempre com discurso muito sedutor [...]”.

Desta forma, os sentidos que a apresentadora manifesta partem de um contexto discursivo beneficiado pela estrutura social que viabiliza o lugar de fala de indivíduos munidos por características socialmente consideradas influentes (RIBEIRO, 2017), nesse caso: a branquitude, a cisheteronormatividade e a classe social. Sendo assim, acontecem impactos sociais através do seu discurso que se articulam com a sociedade e com o público heterogêneo alcançado (GREGOLIN, 2001), acarretando em modos de subjetivação danosos como o não reconhecimento de si no modelo ideal de sociedade, a diminuição de seu valor social frente ao discurso irreal, e a perpetuação de discursos exclusivos, mesmo que isso signifique ser “exclutor de si mesmo”⁴⁹.

É nesse movimento de exclusão que foram enquadrados na esfera não-humana os povos colonizados, domesticados, explorados e escravizados e são enquadradas ainda hoje quaisquer existências que escapem às normatividades naturalizadas pela hegemonia eurocêntrica-religiosa, desumanizando mulheres trans, travestis e lésbicas, bem como homens trans e gays que não performam ou não se identificam com o aprisionamento das atribuições de gênero requeridas pelos pressupostos em discussão, como ilustra o padre Wander Maia:

[...] quem normalmente tem a ferida e a... a dolorosa ferida da homossexualidade tem que ser amado, cuidado, acompanhado, apoiado, pra romper e pra vencer, pra viver o novo de Deus e é possível chegar-se a isso no seu viver com os apoios clínicos, humanos, espirituais, médicos e tudo que é possível pra vencer isso, mas o que que você tem? você não tem um homem feminilizado, você tem um homem efeminado, caricaturizado de feminino porque ele não tem, não adianta... olha... o andar singelo, elegante da mulher.

Nesse contexto, viver o novo de Deus seria tornar-se humano, ou seja, submeter-se à cura da subjetividade, da expressão de um modo de ser no mundo, que no episódio em questão foi tratado como uma “ferida”, propondo uma ideia de ciência que está a favor dos interesses religiosos. Atribui-se, portanto, o ideal científico e social de um modelo de identidade estável e universal, a partir da concepção do sujeito uno e indissolúvel (PEREIRA, 2016), aquele que desempenha as atribuições socialmente construídas que, por muito tempo, vêm sendo travestidas pelo discurso da naturalização e do cuidado, mas tendo sido sempre pautado por determinismos estereotipados.

⁴⁹ Refiro-me, nesse contexto, à supressão de comportamentos e possibilidades de ser emergentes no eu, que dão lugar a proposições dogmáticas, visando o enquadramento dos sentimentos, comportamentos e dos corpos nos sistemas de opressão socialmente estabelecidos.

4.3.2 Estereótipos de Gênero e Interseccionalidade - A manutenção do ideal feminino em prol da Instituição Familiar Cisheteronormativa Mononuclear Burguesa

Então Javé Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente [...] Mas, para o homem mesmo, não encontrou companhia que lhe fosse recíproca [...] Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem e ele dormiu. Em seguida, tirou um dos lados do homem fechando o lugar com carne. Depois, do lado que havia tirado do homem, Javé Deus formou uma mulher e a levou para o homem (GÊNESIS, 2-7, 20 a 22).

Na narrativa, Deus criou o homem e a mulher de formas diferentes e a propósitos diferentes: enquanto o homem recebeu diretamente de Deus o sopro de vida através de suas narinas, a criação da mulher aconteceu por extensão. Nesse contexto, as mulheres performam uma existência passiva, fundamentada desde sua criação, o que embasa socialmente o fenômeno da desigualdade de gênero, a partir do estabelecimento de preceitos biologizantes que demarcam a determinação de atribuições sociais para Mulheres e Homens, com base nos sistemas sexual e reprodutivo, atribuindo aos homens uma performance masculinizada e o desempenho da chefia e às mulheres a docilidade e o lugar de ajuda e companhia, demarcando, assim, uma hierarquia, agora entre indivíduos da mesma espécie, configurada pela constituição anatômica, enquanto macho x fêmea, um pressuposto piamente criticado pelos feminismos, causando comoção entre os adeptos do fundamentalismo. Tanto do ponto de vista do biológico, das performances e características comportamentais:

O feminismo tenta acabar com o que é masculino também, efeminando o masculino, não feminilizando, não dá para feminilizar o masculino, não tem como porque não tem o fenótipo, que não tem estrutura física, psíquica, para ser feminilizado, você não tem como criar um feminino dentro daquilo que não é possível, que não recebe, que não aceita essa... mas tem como caricaturizar, efeminar. (Padre Wander Maia).

Deus encheu a mulher... Pio XII tem uma audiência dele com casais recém casados e São Pedro, ele diz “A mulher é o Sol, é luminosa e com todas as qualidades com as quais Deus adotou, a sua ternura, a sua feminilidade, a sua... a sua afetividade própria, as suas qualidades psíquicas, a sua dimensão espiritual sempre” (Padre Wander Maia).

Quanto dos papéis e atribuições sociais:

[...] Deus criou-a pra ser, acima de tudo, esposa e mãe né? Na própria identidade da mulher, já está pressuposto o que? A maternidade, a sua biophysis, a sua compressão física, a sua natureza já pressupõe... lhe foi dada uma natureza pra ser mãe (Padre Wander Maia).

Eu fico pensando também que o homem, ele tem aquela coisa de proteção da família como um todo, dos perigos de fora né? Do mal, que nós não temos né? O nosso olhar é ali oh, ali dentro, daquele concreto. O homem, ele vai, ele tem aquele olhar mais amplo. E a gente vê que o homem hoje, ele tá muito confuso com isso. O feminismo, ele não só busca acabar com o feminino, mas também com o masculino né, padre? (Viviani Berton Chaves).

Percebemos, portanto, um modelo social “[...] com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência” (ALVES, 2009, p.4) que durante o colonialismo, sustentava-se através da concessão aos filhos homens primogênitos do direito de chefiar a família na ausência do pai, bem como o direito sobre todos os seus bens, enquanto que às meninas, eram ensinados “bons costumes” e “boa educação” a fim de que as mesmas pudessem ser cogitadas para a instituição do casamento.

Segundo Silva (2010), a educação das meninas objetivava tornar claros os papéis da mulher em sociedade e em família, tais como: cozinhar, lavar, passar e cuidar do marido e dos filhos e era providenciada principalmente pelos conventos. Sendo assim, a “[...] ida para conventos do Reino implicava em uma alfabetização, mesmo que diminuta, uma vez que a cultura letrada conventual era marcada pela leitura de devoção” (TOMÉ, QUADROS e MACHADO, 2012, p. 7). Deste modo, os conventos não só eram tangíveis para a educação ou para mulheres com vocação religiosa, mas também eram vistos como prisões (RIBEIRO, 2000), uma escapatória para situações adversas, como afirma Miranda (2014, p.8):

A vocação religiosa não era um dos motivos mais importantes para se mandar uma mulher para um convento em Portugal e no Brasil, nos séculos XVII e XVIII. A rebeldia, a sensualidade, o interesse intelectual, uma personalidade excessivamente romântica e apaixonada, um corpo demasiado atraente faziam com que se encarcerassem moças nas celas úmidas dos mosteiros. Os homens mandavam para lá suas bastardas, suas amantes; também as filhas que perdiam a virgindade, as estupradas, as que se apaixonavam por um homem de condição inferior ou de má reputação.

Com isso, percebe-se a sujeição da mulher e de sua vida às escolhas e direcionamentos de outrem, legitimados e reafirmados por instituições de poder social (SANTOS e AMÂNCIO, 2010), como era o caso dos conventos, tornando a sociedade um espaço propício para que as imposições em relação à mulher, enquanto indivíduo inferior a ser domesticado, fossem reproduzidas e perpetuadas. E pode ser visto ainda hoje na própria configuração do canal, que subjuga a mulher e sua competência, a partir de uma programação que enaltece o masculino e evidencia a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2008), e do programa que apresenta um ideal de mulher pré-moldado, inclusive, na própria configuração do episódio em questão, onde as apresentadoras assumem um papel de aprendizado em

relação à figura do padre convidado, aspecto que pode ser aqui observado dado a pouca participação das mesmas em relação ao significativo protagonismo do padre, que detém o maior tempo e espaço de fala, sendo sempre colocado em um lugar de atestar os pensamentos, corrigir possíveis erros e ensinar às mulheres sobre a vida das próprias mulheres.

Esse movimento da mulher manipulável é um elemento sustentado inclusive pelas escrituras, como aponta a apresentadora Isabella Mantovani: “[...] *quando a gente volta pro gênesis também ali tem uma imagem muito forte de como a serpente seduz Eva e é através de Eva que ela atinge Adão*”. Percebe-se ainda nesse trecho a demonização da mulher, pregada por uma visão que culpabiliza o comportamento advindo do corpo feminino, tomando como exemplo Eva e sua responsabilidade pela expulsão do paraíso, uma vez que ao transcender as condições necessárias para uma boa convivência no paraíso — não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal — a mesma sentencia toda a espécie humana à morte, através da persuasão de Adão. Nesse sentido, “A natureza essencialmente pecaminosa de Eva é, pois, transposta para as mulheres. Verifica-se, assim, uma transferência de conceitos de ordem teológica para o social” (MOTA-RIBEIRO, 2000, p.3), como ilustrado pelas colocações da mesma apresentadora:

[...] Porque a serpente, ela coloca uma imagem errada em Eva em relação a Deus né? porque ela faz Eva questionar e querer ser como Deus né? E aí, com essa imagem, pronto, aí me vem muito o que a Vivi tá falando que o movimento feminista ele colo... começa a colocar imagens no nosso coração, na mulher, que quando a mulher enfrenta um problema em casa, daí já não é mais... ela não busca uma solução de como ela pode levar aquilo pra Deus, mas ela começa a se sentir oprimida, ela começa a se sentir... mas isso tudo porque tá mexendo lá na imagem que ela tem né? E esse já foi o movimento da serpente né? de satanás, e que em Cristo, com Nsa Sra, a plenitude da mulher e depois o movimento feminista vem e não quer deixar a mulher ser mulher né? Então eu fiquei pensando isso, Padre.

Por outro lado, seguindo as escrituras e os marcos históricos do cristianismo, o catolicismo apresenta à mulher a oportunidade de se redimir através da figura da Virgem Maria, Mãe de Jesus, que, submetendo-se à austeridade divina, torna-se um exemplo de virtude, modelo para suas semelhantes, a partir do estereótipo da representação feminina ideal: a mulher virgem, branca⁵⁰, mãe e submissa, como exposto pelo Padre Wander Maia:

⁵⁰Embora as escrituras não explicitem nenhuma descrição física sobre suas personagens, por séculos, essa representação vem sendo feita sob um ponto de vista eurocêntrico que atribui às figuras centrais do catolicismo traços semelhantes ao de seu povo, como a cor da pele e dos olhos, o tipo físico e os cabelos. Deste modo, a representação humana da figura divina confere aos seus semelhantes (literalmente) uma maior apropriação dos direitos em sociedade e justifica sua posição hierárquica sobre os demais povos.

Olha o papel, o papel da mulher biblicamente falando, Nossa Senhora, Virgem Santíssima, Maria, Maria Santíssima, Nossa Senhora é o ápice, claro que ela é a coroação, ela é a coroação de tudo que Deus pensou, sonhou e quis sobre a mulher. Ela é a plenitude, ela é o espécime final, quer dizer, cada um de nós, quanto mais semelhantes formos a ela, e a mulher aqui naquilo que lhe é próprio, mais santa e perfeita o será .

Desta forma, inscreve-se socialmente no corpo feminino a representação de tentação e imoralidade da espécie humana, passível de remição ao aceitar as condições de culpa e submissão (GEVEHR e SOUZA, 2014). Nesse sentido, o Cristianismo vale-se da dicotomização dos modos de Ser Mulher apresentando duas extremidades possíveis à existência feminina: Ser o que se é, por natureza (Eva) e almejar o que se deveria Ser (Maria)⁵¹. Essa forqueadura exprime, portanto, características que definem em qual extremidade as mulheres se encaixam, alocando na primeira aquelas desobedientes às imposições sociais intrinsecamente patriarcais que, segundo a lógica católica, reproduzem o pecado, e na segunda as submissas ao androcentrismo que, por sua vez, reproduzem a naturalização da desigualdade de gênero.

No Brasil colônia, a dicotomização da existência feminina⁵² podia ser feita ainda pela categórica divisão das mulheres dentre escravas e senhoras: enquanto as escravas, mulheres pretas de origem africana e servas ocupavam o lugar da demonização por serem insubmissas às instituições europeias de crenças, comportamentos e características fenotípicas; as senhoras, mulheres brancas europeias e esposas ocupavam o lugar da possibilidade de redenção por se enquadrarem nas exigências dos preceitos religiosos, culturais e fenotípicos de seu próprio povo, o colonizador.

Nesse contexto, aponta-se uma das maiores características da sociedade colonial: a família heteronormativa mononuclear burguesa, dentro da qual a constituição social da mulher delimita-se enquanto sujeito da falta, que nasce biologicamente determinado para um propósito: ser mãe. O ideal de prover um outro ser para alcançar a completude, determina a mulher como um corpo com vagina e útero, que abriga expectativas sociais de reprodução, desconsiderando a história e a subjetividade do indivíduo e anulando suas possibilidades de expressão do Eu, a partir de pré estabelecimentos sobre seu futuro enquanto esposa e mãe. Desta forma, ao considerar o objetivo final da formação familiar e do ato sexual

⁵¹ Ler: Mota-Ribeiro, S. (2000) ‘Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo’, comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de Abril.

⁵²Embora as mulheres escravizadas se encaixem na categorização das existências não humanas, segundo a Dicotomia Central da Modernidade Colonial pensada por Lugones, a dicotomia dos determinismos biológicos enquadra na categoria “Mulher” e/ou “Feminino” os corpos com vagina, ovários e útero que abrigam expectativas sociais de reprodução.

cisheteronormativo — a procriação —, Pereira (2015) aponta a maternidade como o requisito fundante da heterossexualidade compulsória⁵³, que se institui socialmente como uma norma, naturalizada e assegurada pelo regime Igreja-Estado, abonando, inclusive, práticas como o casamento forçado e o estupro (RICH, 1980).

Destaca-se, ainda, a característica monogâmica da família nuclear, que confere ao parceiro/à parceira o direito sobre o corpo e as relações afetivo-sexual do outro/da outra. O fato é que, em mais essa categorização, as imposições morais de monogamia, além de aprisionar as possibilidades de expressão afetivo-assexual, privilegiam o homem branco cisheteronormativo que, enquanto detentor do poder patriarcal e proprietário de todos os bens — incluem-se na categoria “bens” os corpos escravizados — podia usufruir dos corpos das mulheres escravizadas sem que sofresse qualquer penalidade, uma vez que, na condição de servas, as mesmas estavam à mercê de seu senhor em qualquer situação.

Ressalta-se, no entanto, que o contato sexual do corpo masculino branco com o corpo feminino preto, nesse contexto, limita-se à objetificação e hiperssexualização do 'corpo-feminino-preto-não-humano', enquanto depósito do desejo, mantido apenas em situações não reveladas, não sociais e em circunstâncias não oficiais de uma relação ilegítima, não raramente produzindo frutos considerados bastardos, ante à oficialidade do corpo branco europeu da mulher humana, que ocupa o lugar de esposa e mãe do filho legítimo, em um relacionamento aceito socialmente.

A identidade diaspórica da mulher negra constrói-se, portanto, a partir das mais diversas formas de objetificação, aculturação e violência, demandando destas novas formas de ser, pensar e agir no mundo, que pressupõe o ajustamento aos determinismos eurocêntricos. Na luta pela sobrevivência, essas mulheres resistiram a estupros, açoites e outros tipos de tortura, sendo, inclusive, “[...] descritas na literatura como prostitutas, amantes, levianas e sem caráter” (VARGAS, 2016, p.4), mácula que perdura até hoje, denunciando o que a autora feminista negra norte-americana Patrícia Hill Collins (2019) chama de “imagens de controle”, estereótipos construídos sobre a mulher negra que limitam suas possibilidades de existência no mundo, denotando o estigma da insubmissão, hiperssexualização e resistência às

⁵³Legitimação da relação heterossexual enquanto normal e socialmente aceitável, uma vez que foi criado um sexo oposto para que o homem alcançasse sua completude, com o objetivo final da fecundação, procriação e povoação da terra, prática não cabível em relações homoafetivas, considerando a estrutura anatômico-biológica dos corpos. Pensamento também autenticado pelas escrituras bíblicas “E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e a submetam [...]’” (Gênesis, 1:28)

violências, quando, em contrapartida, sustenta-se o imaginário de fragilidade e castidade da mulher branca.

Entrelaçam-se, desta forma, as opressões estruturalmente indissociáveis de gênero, raça e classe, fenômeno denominado por Quijano (2005) de “colonialidade do poder”, ou seja, a articulação entre sistemas de opressão instituídos pelo marco civilizatório europeu que embasam a dinâmica social hierárquica-colonial, estabelecendo relações sociais que constroem-se sobre um histórico de “[...] múltiplas formas de discriminação social [...], em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo [...]” (CARNEIRO, 2002, p. 2).

É esse fenômeno que ainda hoje sustenta a marginalização de mulheres, especialmente pretas, indígenas e pobres que constantemente protagonizam situações de crescente desemprego, desigualdade salarial, grandes números de violência e baixa escolarização, evidenciando a “[...] inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Portanto, se no período colonial o cárcere era descaradamente físico, na modernidade colonial a prisão é mental, é a coação disseminada por vários mecanismos, ainda sustentados por instituições de poder social como o Estado e as Igrejas, que se apoderam de recursos como os meios de comunicação, a fim de alcançar seu objetivo de apreensão das possibilidades, a partir de discussões sensacionalistas e tendenciosas, demonizando quaisquer movimentos e/ou pensamentos que proponham a subversão dos dogmatismos e fundamentalismos por eles defendidos e pregados, como é o caso dos movimentos feministas.

4.3.3 O Feminismo e a “Mentalidade Revolucionária” - Uma ameaça ao modelo vigente

Qual que é a luta da mente revolucionária hoje, de forma assim descarada? não é mais nem velada, é descarada. É atacar a família e aí se desdobra em mil coisas: é a ideologia de gênero, é a fomentação das legislações mundo afora a pró dissolução da família, pró divórcio, pró... pró aborto, agora nós vamos ver essa batalha em nossa terra cada vez mais claramente e daí isso tudo vai se desdobrando (Padre Wander Maia).

Emergente do contexto sexista socialmente construído, o feminismo surge como o movimento (europeu-americano, portanto civilizatório) de libertação das mulheres da opressão patriarcal, apontando, principalmente, a distribuição desigual de papéis baseada nos sexos. O mero surgimento de um pensamento revolucionário que questiona a estrutura social naturalizada e difundida provoca nas instituições dominadoras, como a Igreja Católica, um

posicionamento de combate e repressão, legitimando, portanto, mais uma dicotomia: feminismo x feminino:

O feminino é o antídoto, por excelência, ao feminismo. Quanto mais mulher a mulher for, ou seja, quanto mais ela for aquilo que Deus a criou pra ser, mais certo é que o mal, que o vírus, que o ebola, que é o feminismo, sem chances vai ter de entrar e de fazer o seu estrago ne? É exatamente por isso. Porque um é o original, o outro é a cópia falsificada (Padre Wander Maia).

Percebe-se neste discurso, a clara desinformação do conceito de feminismo, tomando-o como um movimento contrário ao machismo e que propõe a sujeição dos homens às mulheres, em inversão ao modelo social vigente, o que não se sustenta, uma vez que o feminismo, enquanto filosofia política, diz respeito à “[...] tomada de consciência das mulheres como coletivo humano [...]” (GARCIA, 2015, p.6), despertando-nos o anseio por um contexto que, de fato, nos considere força ativa em nossas próprias vidas e na organização política, culminando na prática social de um movimento de caráter emancipatório que se propõe a romper com o autoritarismo e caracteriza-se essencialmente pela busca de direitos que promovam a equidade de gênero, atendendo desde a esfera das vivências subjetivas até as relações interpessoais e a organização política social (ALVES e PITANGUY, 2017).

O fato é que essa tomada de consciência das mulheres promove o desvelamento da naturalização do que fora socialmente construído com base na desigualdade, impulsionando-nos a uma postura ética que se dá conta das relações de poder impostas e perpetuadas diariamente, dos micromachismos e das manipulações minuciosas, apeteendo, assim, nossa consciência crítica em prol da liberdade de expressão e da atitude emancipatória, características do feminismo que rompem com o androcentrismo e “[...] encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal” (GARCIA, 2015, p.7). Desta forma, o discurso religioso dissemina um pensamento que coloca a mulher feminista em uma posição de vingança e consequente perda de suas características da feminilidade abordadas como naturais, mas que são fundadas por um imaginário cultural e atualmente sustentadas pelo discurso midiático, como abordado por Simone de Beauvoir em seu texto de 1947, “O Combate Feminista: a feminilidade, uma armadilha”.

Sendo a igreja um dos (senão o) principais pilares da colonização, era de se esperar sua profunda afetação, negação e repreensão dos ideais deste movimento, marginalizando (ainda mais) as mulheres adeptas à causa. No próprio contexto do episódio, atestamos as pregações e recortes que reforçam o estereótipo da mulher ideal enquanto cisgênero, heterossexual, delicada, esposa e mãe, utilizando-se de intitulações que travam uma guerra

declarada a movimentos considerados revolucionários, como é o caso dos recortes do Episódio em questão: “O feminismo não se preocupa com você mulher”; “O feminismo contra a natureza da mulher”; “O feminismo faz parte da mentalidade revolucionária”; “A mulher no feminismo é apenas uma mercadoria”; “A igreja e a família são escudos da mulher diante do feminismo”; “Voltemos ao gênesis e a natureza da mulher”; “A mulher precisa ser protegida da desconstrução”.

Olha a situação da falácia, é a falácia do pensamento revolucionário, olha a situação da mulher na idade média e olha a situação da mulher na idade atual e olha qual das duas indiscutivelmente é pior: se alguém me disser que a situação da mulher na idade média era pior do que é hoje: não tem nem uma noção da realidade, precisa começar a ter lucidez, um pouquinho de honestidade consigo mesmo e com os fatos. A mulher hoje ficou instrumentalizada, ficou esvaziada da sua beleza e da sua interioridade, ficou traduzida, quando muito, a uma vaga casca ou uma vaga experiência daquilo que ela pode produzir materialmente falando, no mundo, esvaziada dos seus caracteres, da sua beleza, torno a dizer, humana, interior, e acima de tudo, se quando está em Cristo e trilha um caminho de perfeição, da sua beleza espiritual [...] (Padre Wander Maia).

Foi exatamente na Idade Média que

A “tensão” entre um corpo feminino “diabolizado” e um corpo masculino “endeusado” ficaria latente [...] Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade” (ROIZ, 2009, p. 408).

Foi também na Idade Média que deu-se início à Inquisição, sustentando a hostilização da figura feminina, repreendida, reprimida e assassinada, queimada publicamente na fogueiras como um exemplo do que acontece com quem dispõe de atos de expressão subversiva, que chamavam de bruxaria e ao que hoje o padre se refere como instrumentalização, ou seja, a autonomia em reger seu próprio corpo e sua própria vida, através de aspectos como a produção científica, a inserção no mercado de trabalho e na vida política. Atualmente, essa fogueira é acesa nos lares brasileiros e queima mulheres todos os dias, com as lenhas do feminicídio e um combustor muito conhecido: o ideal de propriedade do corpo masculino viril sobre o corpo feminino talhável.

Entende-se, portanto, que a ideia de “melhor x pior” aparente no discurso do Padre Wander Maia refere-se ao que é melhor para a manutenção do poder da igreja sobre a sociedade e não de fato para a existência feminina, como tentam transparecer. É a partir dessa crítica que hoje os movimentos feministas engajam discussões contrárias às imposições fundamentalistas, inclusive, dentro da própria Igreja Católica, com movimentos autodeclarados feminismo católico, como é o caso da Organização não-governamental “Católicas pelo Direito de Decidir”, vigente no Brasil desde 1993, o qual, segundo

informações disponíveis em seu próprio site, se “[...] propõe um questionamento sobre determinadas leis eclesiais da instituição, em especial aquelas relacionadas ao aborto, direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre o próprio corpo”⁵⁴.

Foi a partir dessa insurgência feminina que aconteceu a inserção das mulheres em contextos de discussão política que outras pautas foram agregando as discussões e os movimentos feministas, principalmente da década de 1970, quando mulheres negras norte-americanas exploraram reflexões com base em suas vivências e experiências, enquanto mulheres negras, inserindo na discussão de gênero a categoria raça.

Assim, com a formulação do Feminismo Negro, organizou-se, na década de 1980, o Movimento de Mulheres Negras no Brasil, por mulheres negras que já estavam inseridas em organizações de movimentos sociais, principalmente, do Movimento Negro e do Movimento Feminista. (CARVALHO e ROCHA, 2012, p.3).

Nesse mesmo sentido de avanços, outras categorias vão sendo agregadas à discussão dos feminismos, fundando também o feminismo insurgente decolonial que “[...] se volta para os problemas gerados pelas relações coloniais (em que se inserem a escravidão e seus efeitos deletérios) e também para as imaginações emancipatórias elaboradas neste mundo em que a questão de raça se impôs de forma visceral” (VERGÈS, 2020, p. 4), atestando a pluralidade nas discussões sociais de gênero, raça e classe que transbordam os limites da embarcação religiosa e encontram as águas da alteridade.

⁵⁴ Acessar: SOBRE NÓS. Católicas pelo Direito de Decidir. Disponível em: <<https://catolicas.org.br/>>

5 EUREKA! PSICOLOGIA, FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE - A INSURGÊNCIA CIENTÍFICA CONTRÁRIA AO EMPUXO

Há muitos anos um italiano chamado Arquimedes descobriu que se o peso do barco for igual à força vertical exercida pela água, que ele chamou de empuxo, o barco não vai afundar, pois ele se equilibra pela própria força da pressão que recebe da água. Em contrapartida, se o peso do barco for maior que a força vertical da água, ele afunda.

No fluxo brasileiro, a configuração social de desigualdade explicita altos índices de violência, principalmente contra as mulheres, os jovens, as pessoas pretas ou pardas e a população de menor rendimento, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019⁵⁵, apontando para um percentual de 19,4% de mulheres ante 17,0% de homens. Entre jovens de 18 a 29 anos, o percentual chega a 27,0%, enquanto é de 20,4% na faixa de 30 a 39 anos; 16,5% entre os adultos de 40 a 59 anos e 10,1% entre os de 60 anos ou mais. As pessoas pretas (20,6%) e pardas (19,3%) sofreram mais com a violência do que as pessoas brancas (16,6%). Em 2020, 237 LGBTQIA+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da LGBTQfobia: 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%), segundo o relatório do Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil⁵⁶. Em relação à intolerância religiosa, no tocante às Religiões Afro-brasileiras, a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), pelo Disque 100, informa que os números aumentaram 41,2% no primeiro semestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019⁵⁷.

Nesse sentido, os dados corroboram o legado da dominação civilizatória europeia católica, cisheteronormativa e patriarcal que legitima a lógica de inferioridade das existências “desreguladas” e o consequente caráter punitivista-violento às transgressões e à mentalidade revolucionária. Ressalta-se, no entanto, que, embora estatisticamente mensuráveis, os dados revelam incalculáveis danos, existências ceifadas, subjetividades aprisionadas e vozes caladas, não se reduzindo a momentos ou fatos históricos isolados, mas denotando um

⁵⁵Acessar: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNS 2019: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil. <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil>>

⁵⁶ Acessar: Mott L, Michels E. Relatório 2018: Assassinatos de LGBT no Brasil. Brasil: Grupo Gay da Bahia - GGB; 2019. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>.

⁵⁷Acessar: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Painel de dados da ONDH. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh>>

processo de caracterização sócio-cultural que se mantém por séculos, desde o advento da colonização.

Percebemos ao longo da escrita que, por uma perspectiva social, essas práticas repressivas são assegurada por um sistema governamental atrelado à ideais religiosos, constituído majoritariamente por homens brancos cisheterossexuais que legislam segundo seus próprios interesses de classe e crenças e impõem sobre os corpos e modos de Ser-no-mundo determinações de limitação e servidão, censurando, inclusive, o direito básico da autonomia sobre os corpos, às manifestações culturais-religiosas e à dignidade, ressaltando os ideais de "normalização", normatização e adaptação dos indivíduos "destoantes" do que a sociedade civilizatória requer, em prol da manutenção de um *status quo* incongruente com a diversidade humana, especialmente em conjunturas de ascensão dos ideais fascistas, como temos vivenciado nos últimos anos no Brasil.

Por uma perspectiva intelectual, de atuação profissional e produção de conhecimento científico, essas desigualdades se sustentam a partir de um modelo clínico classificatório e elitista, onde a legitimação do saber científico sustenta a relação vertical entre aquele que sabe — também representado pela figura do homem branco e do pensamento euroamericano — e aquele que se submete ao saber do outro, fenômeno denominado “colonialidade do saber” (LANDER, 2005), a partir do qual, o indivíduo não acadêmico — principalmente pessoas marginalizadas e privadas do contato com a educação, sobre as quais produz-se estudos, mas não é alcançada pelas propostas — precisa se adequar aos padrões estabelecidos pela comunidade acadêmica, teoricamente mais instruída, que dita as classificações daquilo que é certo, normal e/ou aceitável.

As técnicas em psicologia, como em muitos outros campos, surgem, portanto, a partir de teorias e servem para integrar um conjunto de saberes cristalizados na interpretação dos fenômenos. Isso significa que muitas vezes ela carrega um valor já atestado, advindo do que podemos chamar de Colonização Epistêmica, considerando que as teorias que embasam o fazer dos e das profissionais têm origem euroamericana. A técnica moderna é, desta forma, operada sob uma ótica civilizatória, que pressupõe uma realidade estática e é utilizada para legitimar a vontade de quem a domina, ou seja, está a serviço dos grupos e discursos hegemônicos, a partir da utilização de métodos engessados que contribuem para a manutenção de estratégias de dominação e aprisionamento do ser e do saber, marginalizando metodologias contra-hegemônicas que propõem um olhar crítico e desobediente às conformidades civilizatórias.

No entanto, é a partir das emergências de cunho social e das configurações culturais aqui expostas que a Psicologia e outras ciências humanas e sociais, vêm ocupando-se de questões político-sociais “[...] atravessada pelo olhar da política pública, politicamente engajada, com força de consciência e preocupada em enfrentar os vieses da repressão e do autoritarismo, tão comuns durante o extenso período da ditadura militar brasileira” (STUCKY, 2019). É a força de consciência e o reconhecimento dos aprisionamentos e colonizações que aponta para a necessidade do desenvolvimento de Epistemologias insubmissas, que promovam a descentralização do saber imposto, a partir de propostas e produções que questionem e se rebelem contra o modelo eurocêntrico. Para tanto, propõe-se a descentralização, a feminilização, o enegrecimento e o enviadamento das ciências, com a promoção de políticas públicas específicas e reparadoras que proporcionem o acesso dos indivíduos incubidos de Lugar de Fala para produzir conhecimento sobre suas próprias experiências e de tantos outros que ocupam as margens da sociedade higienista.

É esse posicionamento ético-político que fertiliza as raízes da Epistemologia decolonial no Brasil, embora nem sempre denominada como tal, tendo sido influenciada por áreas como a Psicologia Política e pensamentos e teorias como a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1968). Mas, o que seria um posicionamento Decolonial senão um posicionamento Ético-Político-Crítico? Nesse contexto, o pensamento decolonial é desobediente e insurgente e vem sendo desenvolvido principalmente por estudiosos latino-americanos, que contrapõem a lógica de uma ciência euroamericanocentrada, forçando a entrada de outras águas nos barcos coloniais civilizatórios, como explicita o quadro a seguir, formulado por Dias e Abreu (2020), com base em Ballestrin (2013):

Tabela 1 – Integrantes da Rede M/C

INTEGRANTE	PAÍS DE ORIGEM	ÁREA	VÍNCULO
Aníbal Quijano	Peru	Sociologia	Universidad Nacional de San Marco (Peru)
Enrique Dussel	Argentina	Filosofia	Universidad Nacional Autónoma de México (México)
Walter Mignolo	Argentina	Semiótica	Duke University (EUA)
Immanuel Wallestein	EUA	Sociologia	Yale University (EUA)

Santiago Castro-Gómez	Colômbia	Filosofia	Pontificia Universidad Javeriana (Colômbia)
Nelson Maldonado-Torres	Porto Rico	Filosofia	University of California, Berkeley (EUA)
Ramón Grosfoguel	Porto Rico	Sociologia	University of California, Berkeley (EUA)
Edgardo Lander	Venezuela	Sociologia	Universidad Central de Venezuela (Venezuela)
Arturo Escobar	Colômbia	Antropologia	University of North Carolina (EUA)
Fernando Coronil	Venezuela	Antropologia	University of New York (EUA)
Catherine Walsh	EUA	Linguística	Universidad Andina Simón Bolívar (Equador)
Boaventura Santos	Portugal	Direito	Universidade de Coimbra (Portugal)
Zulma Palermo	Argentina	Semiótica	Universidad Nacional de Salta (Argentina)

Fonte: Ballestrin (2013, p. 98).

O quadro explicita, ainda, a diversidade de áreas que integram a chamada Rede Modernidade/Colonialidade, caracterizada por uma articulação entre estudiosos que revisitam pressupostos e repensam imposições acadêmicas e sociais, “[...] à luz da categoria colonialidade como o reverso da modernidade” (QUINTERO, FIGUEIRA e ELIZALDE, 2019, p. 3). Essa configuração em rede, sustenta, ainda, o ideal da heterogeneidade e diversidade na produção científica, a fim de romper com a característica de escrita soberana no tocante à localização geopolítica de cientistas e suas áreas de conhecimento.

Sustenta-se também a esperança de que a heterogeneidade seja expandida no que tange o marcador social de gênero, uma vez que o próprio quadro explicita a, ainda, baixa representatividade de personalidades femininas e/ou abertamente sexo-gênero dissidente. E, ainda, de outros marcadores sociais como a raça e a classe, considerando o acesso escasso e dificultado de pessoas pretas e pobres aos ambientes de produção científica, devido à estrutura social elitista de nosso país, que, em tempo, vem sendo constantemente reforçada através dos cortes em programas sociais e de políticas públicas. Ressalta-se, portanto, a questão da

interseccionalidade, que abrange as personalidades estigmatizadas pelos marcadores supracitados e que vêm sendo alocadas no lugar do não saber, não pensar e não falar.

Deste modo, a epistemologia decolonial não tem o objetivo de enquadrar os discursos, encontrar uma solução ou estabelecer concepções dicotômicas de certo x errado, saber x não saber, mas tem a finalidade de promover reflexões e interpretações político-críticas sobre os fenômenos emergentes a partir de vários ângulos e pontos de vista (LUGONES, 2018), ou seja, a pesquisa decolonial se faz no encontro com o fenômeno e não com a teorização e categorização de um objeto de estudo, estando interessada no desenvolvimento de pensamentos crítico-reflexivos e não a uma mera aplicação de técnica, o que propõe um rompimento com a “colonialidade do saber” e seus métodos categóricos (SEGATO, 2015).

Essa configuração, denota, portanto, perspectivas de grande avanço nos contextos sociais e acadêmicos, uma vez que a mesma vem conquistando espaço nas produções brasileiras dos últimos anos, inclusive no último quadriênio do PPGPsi UFPE, a partir do desenvolvimento de pesquisas insurgentes que buscam explorar as configurações sociais, subjetividades e alteridades marginalizadas, a partir de temáticas recorrentes sobre as categorias de opressão de gênero, raça e classe, bem como metodologias inovadoras que não se atém à mera explicação dos conceitos, mas lançam mão de epistemologias capazes de explorar uma visão crítica, ética e política sobre tais fenômenos. Em contrapartida, observa-se também o desvelamento de desafios como o desenvolvimento de metodologias que deem conta do que é proposto, uma vez que trata-se de uma desconstrução e simultânea construção de novos modos do fazer-saber, transbordando as limitações dos dualismos, da territorialidade euroamericana e da colonialidade, sendo esta uma questão que atravessou veementemente o percurso de pesquisa e escrita deste estudo.

Aponto, ainda nesse sentido, produções científicas do último quadriênio do PPGPsi UFPE, que viabilizam essas discussões e que servem como força contrária ao fluxo da repressão, como “Redes de ódio: um estudo sobre homofobia no Facebook” (SILVA, 2018); “‘Feministas, teclas e tapas’: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM” (BARROS, 2019); “Mulheres rurais chefes de família: demandas, redes e relações de gênero no Sertão pernambucano” (LIMA, 2019); “Estratégias de resistência à heterossexualidade compulsória utilizadas por mulheres que mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres em contexto interiorano” (CRUZ, 2019); “‘Como fazer sexo com homens trans: arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de youtubers” (KICH, 2020), entre outras, todas abordando a temática gênero e cisheteronormatividade compulsória, seja no contexto físico ou nos ambientes on-line, aspecto que só pode ser posto em cheque a partir de uma visão crítica

decolonial.

Com base no exposto, considerando o método utilizado ao curso de toda a escrita deste estudo, desde a proposição autobiográfica, até o mergulho na configuração cibernética católica, atestamos a força não apenas do chamado “pensamento revolucionário”, que se firma no meu fazer pessoal, científico, profissional e social, mas de um movimento de caráter anticolonial e sua importância para a movimentação da estrutura social estática e, portanto, desfavorável a toda uma população que sofre com a cristalização e dogmatização de preceitos sociais dinâmicos.

6 CONSIDERAÇÕES

Apoiado por todo um aparato de vivência pessoal exposto anteriormente e ilustrado por um contexto social em que a própria mídia denuncia as estratégias de encarceramento subjetivo religioso através da mídia, o presente estudo considera o alinhamento entre os interesses religiosos, os interesses midiáticos e os interesses político-partidários um longo fio da tecitura social de desigualdades e sistemas de opressão tal qual conhecemos hoje, considerando, desta forma, que os determinismos religiosos foram e continuam sendo legitimados por um contexto sócio-histórico-cultural de dominação masculina, supremacia branca, interesses de classe e repressão estatal que hoje encontra nos dispositivos midiáticos um aliado à manutenção desses sistemas de opressão.

Com base no exposto, percebe-se que os modos de relações sociais que vivenciamos foram construídos ao longo da história e criaram raízes na sociedade, através da cristalização de valores dogmáticos que se alimentam da fraqueza, humilhação e subjugação de indivíduos culturalmente considerados inferiores. É, portanto, a partir da projeção dos preceitos religiosos judaico-cristãos para a dinâmica de funcionamento social que o catolicismo, apoiado por suas aprimoradas configurações de poder, transpõe os dogmatismos religiosos diretamente de seus escritos para a vivência em sociedade, ao passo que o Estado, enquanto ordem jurídica soberana, legitima esse movimento com base em “um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 3), tecendo símbolos, crenças e valores de ordem cultural na malha da natureza humana e mantendo representações sociais estereotipadas que sustentam as desigualdades de gênero, raça e classe, através de discursos da naturalização cristã dicotômica e hierárquica, fenômeno denominado por Lander (2005) como colonialidade do saber.

Por muito tempo as mulheres estiveram submissas e crentes em lógicas soberanas que ditavam suas possibilidades de ser e estar no mundo, respeitando-as sem proferir quaisquer questionamentos ou subversão. A partir disso, o sistema hegemônico católico patriarcal se empenhou (e se empenha) em desenvolver novos meios de dominação - ainda que mais sutis (ou não) - a fim de promover a manutenção do seu próprio poder. Baseados nos mesmos discursos de cuidado e amor, ainda hoje os discursos católico e político vêm tentando manter a dominação sobre as mulheres via intimidação, coação e estabelecimento de padrões inalcançáveis, a partir de preleções que mascaram a violência e subordinação das mulheres,

restringindo-as a espaços de poucas relações sociais e sugerindo (ou impondo) regras que violam sua liberdade e autonomia.

Nesse sentido, atestamos neste estudo toda uma construção social que fez e faz com que mulheres aprendam e reafirmem entre si um modo de se relacionar socialmente onde a culpa, o medo e a coação estejam acima de princípios como respeito, qualidade de vida, autonomia, desenvolvimento e autovalorização. Desta forma, ao considerar que “O monopólio da comunicação exercido pelas corporações da mídia tem consequências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade” (ARBEX, 2012, p. 385), entendo que a adesão da Igreja Católica aos dispositivos midiáticos *on-line* propiciou ao conservadorismo religioso configurações de poder ainda mais eficientes para a reprodução da opressão de gênero no Brasil, que já existia e existe nos espaços sociais, através da propagação e defesa de estereótipos cis-heterossexistas que legitimam e reafirmam as representações sociais do feminino e dos modos de 'Ser Mulher' pautadas pela lógica da biologização dos corpos.

Por esse motivo, as lembranças que aqui relato nesse processo de ida e vinda, memórias afetivas do meu processo subjetivo, evidenciam circunstâncias que me fazem ter, inclusive, uma certa dificuldade em rememorar tudo que foi relatado sem me sentir temerosa ou desrespeitosa às minhas crenças e tudo que me constitui, me provocando um misto de sentimentos e sensações que se confundem entre liberdade, culpa, conhecimento e re-conhecimento de mim mesma, do mundo que habito e dos espaços que ocupo. Nesse sentido, a partir da apropriação de novas conquistas, especialmente no campo do conhecimento científico descentralizado, da psicologia insurgente e das discussões de gênero, esses sentimentos têm me propiciado um processo crítico-afetivo-reflexivo que promove o desejo de subversão ao sistema vigente, me conduzindo a reivindicar o direito sobre mim mesma e meus desejos, através da possibilidade de ser-sendo eu mesma, uma mulher que pensa, crê, se afoga, respira e vê ao mesmo tempo, sem precisar dicotomizar a vida, que acontece na lucidez dos mistérios e na confusão das certezas.

Ressalto, no entanto, que a articulação desses ideais subversivos perpassa ambientes institucionais como as Universidades que, embora continuem precisando de aperfeiçoamento constante, se constroem da força da insubmissão feminina na participação ativa e afetiva dos escritos científicos que, nesse contexto, se estabelecem como um agenciador de propagação de novas possibilidades de ser. Diante disso, fica evidente a importância de discussões que provoquem a reflexão e promovam a resistência, visando contar a “história que a história não

conta”⁵⁸ e oferecer um aparato científico-afetivo para tantas mulheres que se encontram em situação de encarceramento subjetivo. Proponho, desta forma, o desenvolvimento de novos estudos no que tange os aspectos do feminino no contexto religioso católico, a fim de compreender as experiências e afetações de mulheres em suas diversas possibilidades de ser e estar no mundo.

Em tempo, a escrita desse estudo se finda imersa em um contexto político-eleitoral brasileiro, em que direitos das mulheres se veem ameaçados, conduzidos por olhares e atitudes misóginas de um âmbito político, que sequer reconhece, por exemplo, o feminicídio, ou ainda questões como violência obstétrica e discussões rasas sobre o aborto, propagando discursos e/ou materiais violentos e preconceituosos sobre as mulheres e seus modos plurais de ser-no-mundo, sempre apoiados e sustentados por instituições religiosas que se autodeclaram “em defesa da vida”, mas que, na verdade, propõem a defesa seletiva de vidas socialmente consideradas mais importantes. Me proponho, desta forma, a organizar junto aos órgãos competentes, meios de compartilhar o conhecimento construído através deste estudo com outras mulheres constituintes do espaço geopolítico aqui acentuado, a cidade de Limoeiro, visando a promoção de qualidade de vida e a requisição por um olhar contextualizado aos diversos interesses femininos em um contexto de configuração político-religioso majoritariamente masculino, como é o caso da cidade. Que este contexto não seja mais um tsunami de aculturação, que este trabalho venha no movimento contrário da embarcação e que nós, enquanto mulheres, nos vistamos de resistência e ciência para mergulharmos em busca de nossos direitos: o conhecimento e a reivindicação de si enquanto potência.

⁵⁸ Firmino D, Domêncio D, Mama, et al. História pra ninar gente grande. Rio de Janeiro: Mangueira; 2019. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/sambaenredo>.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M., PITANGUY, J. **O que é Feminismo**. São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense. 2017.
- AGAMBEM, G. **O que é um dispositivo?**. Ilha de Santa Caratina: 2005.
- AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018. Coleção Feminismos Plurais.
- ALVES, R.R. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, característica e transformações. **II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG**. 2009.
- AMATUZZI, M. M. O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. **Estud. psicol.** 2000. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/gqnDxvwn3Vsv6h8L5DHg9db/abstract/?lang=pt>>
- ANATEL, Agência nacional de Telecomunicações; **Relatório de Delegação nº 6/2020/AIN**. Disponível em:
<https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?eEP-wqk1skrd8hSlk5Z3rN4EVg9uLJqrLYJw_9INcO5T3W0qstB5F9RkPmymXvIRy9WkH7UU7eI19W1_TqgBkmieDEcwEoXoM0l6e0xMTLk5s5kbkisGOLFgJZK0Gonh>
- ARBEX JR. José. In: Moraes. Dênis. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BARCELOS, V. e MADERS, S. Habitantes de Pindorama - De nativos a estrangeiros. **Revista Pedagógica UNOCHAPECÓ**. Ano 15, n. 28, v. 01. 2012.
- BEAUVOIR, S, **Le combat féministe. La féminité, un piège** (Vogue: 15 de Março de 1947, v.109, n.6, páginas 171, 232, 234). In: LECARME - TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis (Org.). Simone de Beauvoir, Cahiers de L'Herne. Paris: Éditions de L'Herne. 2012.
- BÍBLIA, A. T. GÊNESIS. In: **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução: Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2014. p. 23.
- _____, A. T. PROVÉRBIOS. In: **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução: Donizete Scardelai. São Paulo: Paulus, 2014. p. 801.
- BRANDÃO, C. R. Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estud. av.** 18 (52). 2004.
- BRAKEMEIER, G. **Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo**. São Paulo: ASTE, 2004.

CANÔNICO. Significado. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/canonico/>>

CARLOTO, C. M. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. In: **Revista de Serviço Social**, v. 3, n. 2, 2001.

CARNEIRO, S. A batalha de Durban. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

CARVALHO, R. A.; ROCHA, S. P. **Movimento de Mulheres Negras e a Luta pela afirmação dos Direitos Humanos no Brasil. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.**

CAVALCANTE, J. R. B.; PASSOS, D. V. S. A relação Estado-Igreja na história Política do Brasil e atuação dos segmentos religiosos no âmbito dos Poderes Legislativo e Judiciário. **Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídicas II**. p. 233. 2014.

CHAGAS, T. R. **BANHO**. São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IF6rBaxDjqg>>

CODIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987. 763 p.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CUNHA, K. L. S. A Igualdade Formal e a Desigualdade Real: uma necessidade objetiva no mundo do capital. **IX Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão. 2019. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_902_9025cbb5dad99a8.pdf>

Documentos Pontifícios 268. **Sacerdócio de mulheres?** Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.

ELIAS, Jefferson. **Limoeiro se organiza para vacinação contra Covid-19**. 2021. Disponível em: <<https://www.limoeiro.pe.gov.br/2021/limoeiro-se-organiza-para-vacinacao-contr-covid-19/>>

ESPINOSA-MIÑOSO, Y. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. **El Cotidiano**. 2014.

FERRAZ, Kadu. **Tradição de 130 anos em Limoeiro, Festa de São Sebastião acontece por meio de lives**. 2021. Disponível em:

<<https://www.limoeiro.pe.gov.br/2021/tradicao-de-130-anos-em-limoeiro-festa-de-sao-sebastiao-acontece-por-meio-de-lives/>>

FIOCRUZ. **Impactos Sociais da Pandemia**. 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>

FIRMINO, D.; DOMÊNCIO, D. *et al.* **História pra ninar gente grande**. Rio de Janeiro: Mangureira; 2019. Disponível em: <http://www.mangureira.com.br/sambaenredo>.

FORMAÇÃO. **Nove virtudes da mulher que agrada o coração de Deus**. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/afetividade-e-sexualidade/nove-virtudes-da-mulher-que-agrada-o-coracao-de-deus/>

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do Santo Padre Francisco**. 2018.

FRAZÃO, F. **Por verbas, TVs católicas oferecem a Bolsonaro apoio ao governo**. 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,por-verbas-tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-apoio-ao-governo,70003326526>>

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GARCIA, C. C. **Breve História do Feminismo**. 3º edição. São Paulo: Claridade. 2015.

GEVEHR, D. L.; SOUZA, V. L. de. **As mulheres e a igreja na idade média: misoginia, demonização e caça às bruxas**. 2014. Disponível em: <<http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38/34>>

GOULD, L. FELIX, C. B. O jornalismo estampa a miséria: encarceramento identitário e ‘espetacularização’ da pobreza. **REVISTA DISPOSITIVA**, v. 8, n. 14. 2019.

GREGOLIN, M. do R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. ALFA: **Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>.

HENNING, M. C.; MOREÍ, C.L.O.O. Religião e psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de estudos da religião**. São Paulo, p. 84-114. 2009.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Paradigmas sociológicos e categorias de gênero. Que renovação aporta a epistemologia do trabalho? **Novos Cadernos NAEA**, v. 11, n. 1. 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNS 2019: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil**. São Paulo. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil>>

JUNG, C.G. **A vida Simbólica**. v. 11. 5 Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANDER, E. **A Colonialidade do saber**: Eurocentrismo e Ciências sociais – Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Lemos, F. C. S. **História, Cultura e Subjetividade**: Problematizações [Versão eletrônica]. Revista do Departamento de Psicologia-UFF v. 19, n.1, p.61-68, jan/jun. 2007.

LIBERAL, M. M. C. de. Religião, identidade e sentido de pertencimento. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra. 2004.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Rev. Estud. Fem.** v. 22, n. 3. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnbz/?lang=pt>>

_____. Hacia metodologías de la decolonialidad. In: SOLANO, L. *et.al.* **Prácticas otras de conocimiento(s) Entre crisis, Entre guerras**. p. 75-92, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180515115112/Practicas_Otras_3.pdf>

MACHADO, M. das D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Rev. Estud. Fem.** 26 (2). 2018.

MALDONALDO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, S; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.

MARQUES, L. H. Advento do marketing católico e o processo de mediação da religião: análise empírica da revista do IBMC. **Comun. & Inf.**, Goiânia, GO, v. 20, n. 1, p. 26-41, jan./jun. 2017.

MARQUES, V.; SARTRIANO, C. R. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. 2017.

MENEZES, V. Identidade e Processos de Identificação: um apanhado teórico. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, 6(1): 68-81, 2014.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de Identidade em Política. Traduzido por NORTE, A. L. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>

MIRANDA, A. **Que seja em Segredo**. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Painel de dados da ONDH**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh>>

MOTA-RIBEIRO, S. ‘Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo’, comunicação apresentada ao **IV Congresso Português de Sociologia**, Universidade de Coimbra. 2000. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf>

MOTT, L. M. E. **Relatório 2018**: Assassinatos de LGBT no Brasil. Brasil: Grupo Gay da Bahia - GGB; 2019. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>

NAGUMO, Estevon. **Youtube, estudos e desinformação**: dilemas dos estudantes universitários. 2022. 174 f., il. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

PAIVA, G. Teorias contemporâneas da psicologia da religião. In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, p. 347-366.

PAIVA, V. de; GRANATO, T. M. M. Cuidado Religioso E Cuidado psicológico: Uma questão De Fronteiras. **Memorandum**. 2014.

PATILHÃO, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/patilh%C3%A3o>>

POPULAÇÃO. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/limoeiro/panorama>>

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Entre América e Abya Yala** – tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2009.

QUIJANO, A. “Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina” em Anuario Mariateguiano (Lima: Amauta) v. 9. n. 9. 1997.

QUINTERO, P., FIGUEIRA, P., ELIZALDE, P. C. Uma breve história dos estudos decoloniais. **MASP Afterall**. 2019.

REY, F. L. G. **O social na psicologia e a psicologia no social**: a emergência do sujeito / Fernando Luis González Rey ; tradução de Vera Lúcia Mell Joscelyne. 2. ed. - Petrópolis. RJ : Vozes, 2009.

RIBEIRO, A. I. M.. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 79-94.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais).

RICH, A. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence**. Signs, v. 5, n. 4, Women: Sex and Sexuality. (Summer, 1980), p. 631-660. Disponível em: <<https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Compulsory-heterosexuality-and-lesbian-existence-2.pdf>>

ROCHA, S. M. (2015). O estilo televisivo e sua pertinência para a TV como prática cultural. **Revista FAMECOS**. 21(3). 2016.

ROIZ, D. da S. A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval. **Cadernos pagu**. 2009.

ROSADO-NUNES, M. J. Direitos, cidadania das mulheres e religião. **Dossiê - Sociologia da Religião**. Tempo soc. 20 (2). 2008.

SARLET, I. W.; NETO, J. M. Constituição, Religião, Feriados e Racismo. **R. Dir. Gar. Fund., Vitória**, v. 21, n. 1, p. 11-48. 2020.

SEGATO, R. L. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: y una antopología por demanda**. Buenos Aires: Prometeo, 2015.

SILVA, A. F. da., PROCOPIO, C. E. P. Colonialidade do crer, do saber e do sentir: apontamentos para um debate epistemológico a partir do Sul e com o Sul. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 50, n. 2. 2019, p. 15–30.

SILVA, M. B. N. A Educação da Mulher e da Criança no Brasil Colônia. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol. I: Séculos XVI-XVIII**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 131- 145, 2010.

SOBRE NÓS. **Católicas pelo Direito de Decidir**. Disponível em: <<https://catolicas.org.br/>>

SOLIDADE, R. M.; HOGEMANN, E. R. R. S. Direito e educação no Brasil desde as reformas pombalinas no período colonial até o Brasil Imperial: a imposição física e ideológica de uma ordem social. **Revista QUAESTIO IURIS**. v. 8, n. 4. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/20935>>.

STUCKY, J. L. **A Psicologia Política no Brasil**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul. Porto Alegre, RS. 2019.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

TIMASHEFF, N. S. **Teoria Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

TOMÉ, D. C.; QUADROS, R. D. S.; MACHADOS, M.C.G. A educação feminina durante o Brasil colonial. **Anais da Semana de Pedagogia da UEM**. 2012.

VARGAS, M. de. **A história das mulheres negras no Brasil, no enfrentamento da discriminação e violência.** 2016, p. 4.

VERGNE, C. de M.; VILHENA, J.; ZAMORA, M. H.; ROSA, C. M. A palavra... é genocídio: a continuidade de práticas racista no Brasil. **Psicologia & sociedade**, 27(3). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2015.

VERGÈS, F. **Um Feminismo Decolonial.** Tradução Jamille Pinheiro Dias. 2020. Disponível em:
<<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf>>

ZANOTTI, C. A. e CAMARGO, R. L. C. de. Paulo VI e a Midiatização do Catolicismo: um estudo das mensagens do Papa sobre os meios de comunicação social. **Intersecções**. Edição 26. Ano 11. n. 2. dezembro/2018. p.230.

ANEXO A - GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA REDE SÉCULO 21

Tabela 2. Programação - Rede Século 21

Programa: Ação Nacional Apresentação: Não especificado Proposta: Receber convidados para falar de diferentes temas como: Educação, Política, Economia, Saúde, Cultura, Meio Ambiente, Religião, entre outros. Frequência: Três vezes na semana. Duração da edição: 1 hora. Categoria: Jornalismo
Programa: Ajuda à Igreja pelo Mundo Apresentação: Pe. Evaristo Debiasi Proposta: Traz toda semana um documentário sobre projetos realizados pela Ajuda à Igreja que Sofre. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Jornalismo
Programa: Anunciamos Jesus Apresentação: Dom Murilo Krieger Proposta: Através de exemplos de vida entre leigos e religiosos, além de anunciar, o programa quer testemunhar e orientar para a vida em comunhão com Cristo. Frequência: Duas vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: Arena do Som Apresentação: Não especificado Proposta: A cada programa um artista diferente mostra o seu talento e faz música Frequência: Três vezes na semana. Duração da edição: Não especificado. Categoria: Entretenimento
Programa: Arquivo 21 Apresentação: Não especificado Proposta: Arquivo da Rede Século 21 reúne programas, minisséries e novelas. Frequência: 20 vezes na semana. Duração da edição: 15 minutos. Categoria: Entretenimento
Programa: Bom dia Sócio Apresentação: Simone Ramos Proposta: receber os sócios e preencher de fé e alegria os lares de todo Brasil. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 57 minutos. Categoria: Entretenimento
Programa: Brasil Cristão Criança Apresentação: Dudu e Rossi (fantoques) Proposta: Chega para levar aos corações dos pequenos os mais importantes ensinamentos de Deus. Frequência: 13 vezes na semana. Duração da edição: 15 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: Caminhos da Fé Apresentação: Frei Rinaldo Stecanela; Pe. Flavio Heliton; Pe. Adilson Ulprist; Pe. Alexander Dezotti; Pe. Heitor Proposta: Tem por objetivo levar até as pessoas uma nova dimensão de evangelização e promover o resgate da mística da Igreja

Frequência: Cinco vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 1 hora.
Programa: Clipes Musicais Apresentação: Não especificado Proposta: Preencher uma lacuna existente na TV brasileira: A música de qualidade Frequência: Três vezes na semana Categoria: Entretenimento	Duração da edição: 15 minutos.
Programa: Dai-nos a bênção Apresentação: Irmã Luiza Proposta: Um momento de oração e fé Frequência: 11 vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 2 minutos
Programa: Direto ao Coração Apresentação: Flávio Augusto da Silva Proposta: Espiritualidade, oração, alegria, esperança, muito louvor e música Frequência: Quatro vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 1 hora.
Programa: Ecclesia Apresentação: Cássio Abreu Proposta: Procura desvendar os mistérios da fé, discutindo temas religiosos e espirituais com base na Bíblia Sagrada, na Tradição, no Magistério e no Catecismo da Igreja Frequência: Três vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 1 hora.
Programa: Ele Vive Apresentação: Pe. Márcio Ferreira; Pe. Márcio Pereira; Pe. Daniel Vitor Proposta: Levar ainda mais a Palavra de Deus para todos os lares e famílias. Frequência: Duas vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 2 horas.
Programa: Encontro com Cristo Apresentação: Não especificado Proposta: Não especificado Frequência: Duas vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 30 minutos.
Programa: Igreja Militante Apresentação: Dom José Francisco Falcão de Barros Proposta: Comentar, refletir e aprofundar a fé; apresentá-la de forma clara, objetiva e fascinante, para todos que querem crescer na vida espiritual. Frequência: 22 vezes na semana. Categoria: Espiritualidade	Duração da edição: 5 minutos.
Programa: Interesse Público Apresentação: Não especificado Proposta: Tem como objetivo apresentar a atuação do Ministério Público Federal ao público não especializado. Frequência: Duas vezes na semana. Categoria: Jornalismo	Duração da edição: 30 minutos.
Programa: Louvemos o Senhor	

Apresentação: Não especificado Proposta: Seu objetivo principal é evangelizar e entreter através dos meios de comunicação Frequência: Duas vezes na semana. Duração da edição: 3(1ºed.) e 4 horas (2ºed.) Categoria: Espiritualidade	
Programa: Luz da Vida Apresentação: Dom José Falcão Proposta: Levar ao público, através de depoimentos no estúdio e reflexões, como cada pessoa pode seguir na luz de Jesus, como buscar essa luz Frequência: Três vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Madrugada de Bênçãos Apresentação: Não especificado Proposta: Tem como objetivo, orientar e ajudar os telespectadores que ligam ou que estão assistindo e esperam uma solução para seus problemas Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: Não especificado. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Meu Senhor e Meu Deus Apresentação: Pe. Eduardo Dougherty Proposta: Ensinos relacionados à maneira correta de orar, a vida no Espírito, os dons do Espírito Santo e a leitura orante da Palavra de Deus são apresentados de maneira simples, aplicados no nosso dia a dia. Frequência: 20 vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 10 minutos. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Mulher.com Apresentação: Rita Maria Proposta: Apresenta dicas de culinária, artesanato, moda, beleza, saúde e curiosidades. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 30 minutos. Categoria: Entretenimento	
Programa: Na verdade Apresentação: Viviani Berton Chaves; Mercedes Figueroa; Isabella Mantovani Proposta: Tem como objetivo levar o público a uma consciência mais aprofundada sobre as riquezas da Igreja, além de passar uma visão católica sobre o mundo atual. Frequência: Duas vezes na semana. Duração da edição: 45 minutos. Categoria: Jornalismo	
Programa: No coração de Maria Apresentação: Frei Rinaldo Stecanela Oliveira Proposta: É com o objetivo de mostrar a grandiosidade da mãe de Jesus, que o programa No Coração de Maria vai ao ar toda segunda-feira. Frequência: Quatro vezes na semana. Duração da edição: 1 hora. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Oficina da Canção Apresentação: Ricardo Sá Proposta: Projetar os artistas da música católica e seus novos talentos, e colocar em pauta a vivência na evangelização, através da dedicação desses homens e mulheres, que oferecem seus talentos em favor de Deus. Frequência: Duas vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 30 minutos. Categoria: Entretenimento	

Programa: Onde Deus chora Apresentação: José Lúcio Corrêa Proposta: Um programa independente, apresentado pelo diretor da AIS Brasil, e que nos leva a realidade nua e crua de como a Igreja de Jesus Cristo se encontra atualmente nos lugares mais diversos de um mundo muitas vezes desumano, mas onde a esperança nunca deixou de brilhar. Frequência: Quatro vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 30 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: O Terço Apresentação: Não especificado Proposta: Rezar o Santo Terço contemplando os mistérios da vida de Jesus desde seu nascimento até a morte e ressurreição. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 30 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: Santo do Dia Apresentação: Guido Motinelli Proposta: Apresentar a história dos santos e santas da Igreja Católica Frequência: 17 vezes na semana. Duração da edição: 5 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: Seu nome é Maria Apresentação: Padre Guido Motinelli Proposta: O programa busca analisar e meditar sobre os numerosos títulos que são atribuídos a Maria por meio das maiores e mais importantes definições que a Igreja dá à Nossa Senhora. Frequência: 13 vezes na semana. Duração da edição: Variam entre 5 e 10 minutos. Categoria: Espiritualidade
Programa: Século News Apresentação: Renata Moretto Proposta: Informações sobre Educação, Política, Economia, Saúde, Cultura, Meio Ambiente, Igreja. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Jornalismo
Programa: Século 21 Esporte Apresentação: Carlos Eduardo de Freitas; Gabriel Castro; Decimar Leite; Leandro Bollis Proposta: Novidades, notícias e comentários das mais variadas modalidades esportivas no Brasil e no mundo. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 20 minutos. Categoria: Jornalismo
Programa: Shopping Católico Apresentação: Não especificado Proposta: É uma vitrine onde você encontra os melhores produtos para o seu crescimento nos mais variados aspectos da vida: pessoal, social, emocional, espiritual e saúde Frequência: 64 vezes na semana. Duração da edição: Variam entre 5 e 25 minutos. Categoria: Não especificado
Programa: Sobriedade Sim Apresentação: Dom Irineu Danelon, Mônica Bortolin Proposta: Visa mostrar o testemunho de pessoas que viveram alguma dependência química, espiritual ou de outra ordem e que se encontram em processo de sobriedade Frequência: Três vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Espiritualidade

Programa: Terço da Misericórdia Apresentação: Não especificado Proposta: Reze o Terço da Misericórdia com Maria do Rosário e envie seu pedido de oração. Frequência: Cinco vezes na semana. Duração da edição: 25 minutos. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Terço das Mãos Ensanguentadas de Jesus Apresentação: Pe. Rafael André; Pe. Daniel Vitor; Pe. Adilson Ulprist; Pe. Alexander Dezotti; Pe. Rodolfo Faria Proposta: Mostrar testemunhos e depoimentos de pessoas que testemunharam as bênçãos de Deus por meio desta devoção. Frequência: Sete vezes na semana. Duração da edição: 1 hora e 5 minutos. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Terço dos Homens Apresentação: Gildo Almeida Proposta: Mesmo de seus lares, os telespectadores são convidados a unir-se na oração e formar uma corrente pelas famílias através da intercessão de São José Frequência: Quatro vezes na semana. Duração da edição: 30 minutos. Categoria: Espiritualidade	
Programa: Você pode ser Feliz Apresentação: Pe. Alexander Dezotti; Pe. Nilso Motta; Pe. Reginaldo Carreira; Pe. Márcio; Pe. Air José de Mendonça Proposta: Seu propósito é ajudar o espectador a alcançar qualidade de vida, paz e felicidade, através da informação, do conhecimento, da formação espiritual e da oração. Frequência: 14 vezes na semana. Duração da edição: 10 minutos (1ºed.) e 8 minutos (2ºed.) Categoria: Espiritualidade	

Fonte: Site da Rede Século 21. Aba “Programação Completa”. Disponível em:
<https://www.rs21.com.br/cat/programacao/domingo/>

ANEXO B - EPISÓDIOS DO PROGRAMA “NA VERDADE”

Tabela 3 Episódios - Programa Na verdade da Rede Século 21

Episódio 1 Tema: Famílias Generosas Convidada: Andréa Toledo Sinopse: Mãe de 11 filhos e avó de 2 netas, Andréa Toledo partilha sua experiência de viver uma família generosa. Testemunhando seus erros e acertos, Andrea conta como vê as graças de Deus no dia a dia de uma família a favor da vida.
Episódio 2 Tema: O aborto e a saúde da mulher Convidada: Adriana Misiara Sinopse: Fundadora da Comunidade Fiat Mihi, Adriana Misiara, combate o aborto há mais de 20 anos. Devido a disseminação da cultura da morte e do relativismo moral em nossa sociedade, o chamado a essa missão se fez ainda maior e mais urgente. Neste programa, vamos dissertar a favor da vida e da saúde da mulher, mostrando que o aborto nunca é uma opção.
Episódio 3 Tema: As Santas Doutoras da Igreja Convidado: Raphael Tonon Sinopse: Na história da Igreja, é fato de que as mulheres sempre tiveram um papel de destaque, haja visto que o número de santas é superior ao numero de santos. Mas os números aqui são meros detalhes, perto da vida e obra de algumas mulheres que se entregaram totalmente a Deus. Raphael Tonon, professor de filosofia e ensino proclamadas Doutoras da Igreja.
Episódio 4 Tema: Homeschooling Convidado: Fausto Zamboni Sinopse: A educação domiciliar, conhecida pelo termo em inglês Homeschooling, apesar de pouco conhecida no Brasil, já mostra grandes frutos em outros países. Fausto Zamboni, Doutor em Letras e professor de língua e literatura italiana na UNIOESTE de Cascavel\PR, mostra que a educação domiciliar pode ser um diferencial na formação do seu filho.
Episódio 5 Tema: Como superar uma crise conjugal Convidado: Fábio Toledo Sinopse: Os desafios do matrimônio são inúmeros, e muitas vezes não sabemos lidar com certas situações. Neste programa, vamos colocar em discussão algumas das principais causas de crise entre um casal: quais são as estratégias para superar uma crise matrimonial? Quem nos ajuda a responder essa pergunta é nosso convidado Fábio Toledo, especialista em matrimônio e educação familiar pela Universidade Internacional da Catalunya. Juiz de direito há 20 anos, Fábio é casado com a Andréa Toledo, pai de 11 filhos e avô de 2 netas.
Episódio 6 Tema: A decadência do ensino no Brasil Convidado: Felipe Nery Sinopse: A educação é um direito fundamental para o desenvolvimento de um indivíduo e consequentemente de uma sociedade. Não é novidade para ninguém que o Brasil se encontra numa profunda crise na educação. Mas, como viemos parar nessa letargia educacional? Neste programa, o Professor Felipe Nery fala sobre a decadência do ensino no Brasil.
Episódio 7

Tema: A degradação da arte

Convidado: Roberto Mallet

Sinopse: Nesse programa, Roberto Mallet, diretor e professor de teatro, nos revela uma degradação da arte nos últimos dois séculos e traz uma reflexão de como podemos resgatar a exaltação do belo dentro das artes.

Episódio 8

Tema: Filhos Especiais

Convidados: Fernando e Vanessa

Sinopse: Os filhos são uma bênção de Deus. Mas, e quando os filhos são enviados com necessidades especiais? Sabemos que em alguns países, essas necessidades são critérios que abrem precedentes para justificar o aborto. Neste programa, o casal Fernando e Vanessa, contam como administram a família de cinco filhos, onde três deles são autistas.

Episódio 9

Tema: O segredo para uma educação eficiente

Convidado: Felipe Nery

Sinopse: Diante da profunda crise da educação no Brasil, o professor e diretor do Instituto Sophia Perennis, Felipe Nery, fala sobre as soluções e dicas de como podemos complementar a educação dos filhos. Analizando a educação atual, o convidado fala sobre as bases para uma educação eficiente.

Episódio 10

Tema: Mudança de mentalidade

Convidado: Padre José Eduardo

Sinopse: Deus quer manifestar sua Glória e a Vida que tem para nós. Porém, só poderemos recebe-la se tivermos nossa mente curada. Padre José Eduardo, doutor em teologia moral, fala da importância da mudança de mentalidade através da Palavra de Deus.

Episódio 11

Tema: Aborto, Bioética e Defesa da Vida

Convidada: Não teve

Sinopse: Na “Semana em Defesa da Vida” da Rede Século 21, a apresentadora do programa Na Verdade e especialista em Bioética Isabella Mantovani, nos localiza em relação ao ponto em que a cultura da morte esta no Brasil e no mundo. Mantovani esclarece como foi iniciado, o nada natural, projeto para a equalização do aborto.

Episódio 12

Tema: Na Verdade Kids – Especial Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças

Convidado: Raphael Tonon

Participação: Crianças

Sinopse: Programa Especial do Na Verdade. Especial 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida e dia das crianças. Para falar sobre a formação catequética das crianças, temos como convidado o professor de filosofia e ensino religioso, Raphael Tonon. O programa conta também com crianças que vão à catequese e dão seu testemunho, sobre temas como a fé, família e como enxergam a Deus.

Episódio 13

Tema: O feminismo contra a natureza da mulher

Convidado: Pe. Wander Maia

Sinopse: Durante a história da Igreja, o magistério sempre propagou a dignidade e o direito das mulheres. Porém, a sociedade moderna insiste em deturpar a natureza da mulher. Nossa Santa Igreja

acredita que, somente no Espírito de Cristo, a mulher pode descobrir o significado completo da sua feminilidade, tal como saiu do coração de Deus. Alguns agentes da mente revolucionária, tal como o movimento feminista, insistem em desconstruir a natureza da mulher, pois tem uma visão relativista do que é natural.

Episódio 14

Tema: O Espírito Santo na História da Igreja

Convidado: Fernando

Sinopse: Para a doutrina da Igreja católica, Deus é Uno e Trino: Pai, filho e Espírito Santo. O nosso convidado de hoje foi transformado pelo carisma do Espírito Santo aos 14 anos, e hoje vem aqui para partilhar as maravilhas que o Espírito de Deus fez em sua vida. Este Na Verdade fala sobre a história do Espírito Santo na Igreja e sua ação concreta em transformar a vida das pessoas. Iniciamos assim com um trecho do credo Niceno-constantinopolitano: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: ele que falou pelos profetas”.

Episódio 15

Tema: Como o homem se relaciona com a culpa

Convidado: Padre José Eduardo

Sinopse: Padre José Eduardo, doutor em teologia moral, fala sobre a relação do homem com a culpa e como ela pode influenciar em nossa vida espiritual.

Episódio 16

Tema: Ser santo ou não ser, eis a questão

Convidado: Pe. Wander Maia

Sinopse: Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e nos convidou a sermos perfeitos, assim como o nosso Pai Celeste é perfeito. Perfeitos em pureza de coração, perfeitos em compaixão e amor, perfeitos em obediência e SANTIDADE. Neste programa, Pe. Wander Maia fala sobre a nossa escolha em seguir pelo caminho da santidade. Ser ou não ser santo, eis a questão.

Episódio 17

Tema: Ativismo Judicial

Convidado: Evandro Pontes

Sinopse: Este programa aborda um assunto que afeta a todos os brasileiros, mas que poucos sabem o que significa: O ativismo Judicial. O Brasil é uma república federativa constitucional presidencialista, sendo assim, o Estado brasileiro está organizado nos três Poderes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O Poder Judiciário, como parte da tríade de poderes contemplados pela Constituição Federal, possui funções e atuações específicas. Mas, será que essa separação é de fato, bem definida e respeitada? No Brasil estamos observando um excesso do poder Judiciário em relação aos demais poderes, constituindo assim, uma forma de ATIVISMO JUDICIAL. Para introduzir o assunto e esclarecer o tema, contamos com o professor doutor Evandro Pontes.

Episódio 18

Tema: Os avanços e desafios do meio ambiente no Brasil

Convidado: Evaristo de Miranda

Sinopse: Recentemente, o Brasil foi cenário de um caso ambiental que atingiu proporções mundiais: os incêndios na Amazônia. Este caso, trouxe à tona uma discussão sobre a preservação ambiental no país. Qual é a situação sobre a preservação do nosso meio ambiente, avanços e os desafios? Quais são os mitos e verdades propagados a esse respeito? Para falar sobre isso, recebemos o Dr. Evaristo de Miranda, pesquisador na Empresa Brasileira de Pesquisa agropecuária, a EMBRAPA.

Episódio 19**Tema:** A iconografia do nascimento de Jesus Cristo**Convidado:** Monsenhor Rafael Capelato

Sinopse: Hoje estamos em clima de festa, pois daqui alguns dias, vamos celebrar o nascimento do menino Jesus. Deus que se fez carne e habitou entre nós. O Natal é uma data especial para nós católicos. Nós celebramos o nascimento de Jesus Cristo, o nosso Salvador, e como seres simbólicos que somos, desenvolvemos formas de relembrar momentos importantes de nossa história. Considerando o nascimento de Jesus como o maior acontecimento da humanidade, é natural ter diversas manifestações que homenageiam este fato. Um exemplo disso, é o PRESEPIO. Hoje no programa, iremos entender como ao longo da história, a humanidade foi representando e homenageando o nascimento de Jesus por meio da arte. Para isso, contamos com o especialista, Dr. em História e Bens Culturais da Igreja, Monsenhor Rafael Capelato. Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Catedral (Campinas).

Episódio 20**Tema:** As pequenas virtudes do lar**Convidados:** Fábio e Andréa Toledo

Sinopse: As relações humanas, requerem atenção e cuidado contínuo. O matrimônio e a vida familiar, por serem as mais próximas e preciosas da vida de uma pessoa, exigem maior dedicação e zelo nos ajustes. Problemas do cotidiano, alguns triviais, podem gerar desconfiança, discussões, rancores e falta de perdão; abrindo assim, espaço à faltas morais mais graves, como infidelidade, violência e fortes discussões. De situações corriqueiras e aparentemente banais, pode-se chegar à destruição da harmonia na convivência familiar, machucando assim, as relações familiares. É comum encontrar casais que passaram dificuldades por conta desses pequenos atritos, (talvez você mesma faça parte de um casal assim). Mas o que fazer para que estes ruídos não se tornem grandes discussões? Hoje, no programa Na Verdade, vamos falar sobre pequenas atitudes que podem evitar grandes problemas. Estou falando das pequenas virtudes do lar. Quais são essas virtudes que podem deixar nossa convivência familiar mais saudável?

Episódio 21**Tema:** A virtude do nacionalismo**Convidado:** Evandro Pontes

Sinopse: A ascensão do pensamento conservador no Brasil trouxe à tona muitos conceitos, palavras e expressões que estavam escondidas do conhecimento popular. Compreender esses conceitos, faz parte do crescimento intelectual e nos permite entender as ideias organizadas por uma corrente de pensamento. Hoje, vamos falar sobre o Nacionalismo, termo que sugere a organização de estados nacionais independentes para garantia da liberdade. Segundo o autor do livro 'A virtude do nacionalismo', Yoram Hazony, esse modo de organização é o que oferece as melhores condições para a autodeterminação coletiva dos povos. Para falar sobre esse assunto, recebemos em nosso programa o Dr. Evandro Pontes, Mestre e Doutor em Direito Societário e tradutor da obra 'A virtude do nacionalismo'.

Episódio 22**Tema:** A manifestação do mal**Convidado:** Padre Guido Mottinelli

Sinopse: Todos nós católicos, buscamos nos aproximar de Deus e através do sacramento do batismo passamos a ser membros do corpo místico de Cristo. Fomos libertos do pecado original e começamos a trilhar nosso caminho em direção ao reino de Deus. Mas, mesmo com a graça de Deus a nosso favor, todos nós travamos uma batalha espiritual ao longo da nossa vida, a fim de que alcancemos o céu e a vida eterna diante de Deus. Mas contra o QUE nós estamos lutando? COMO o mal se manifesta em nossa vida? Como podemos vencê-lo? Recebemos hoje em nosso programa, o Padre Guido Mottinelli, Italiano de nascença, mas brasileiro de coração. Atualmente servindo a diocese de Bauru/SP, Padre Guido atua como exorcista, além de ser colaborador do programa

Ecclesia, aqui da Rede Século 21.

Episódio 23

Tema: Socioconstrutivismo: o relato de uma professora

Convidado: Simone Benedetti

Sinopse: Você sabe o que é Socioconstrutivismo? Se você e seus filhos foram educados no Brasil nos últimos 30 anos, você provavelmente sente os efeitos desta metodologia de ensino. Talvez, mencionando o maior representante do Socioconstrutivismo fique mais fácil entendermos sua proposta: Paulo Freire. O patrono da Educação brasileira. Para falar sobre o que é o Socioconstrutivismo, vamos receber Simone Benedetti, uma professora que conhece na prática este “método”, e está lançando o livro “A falácia socioconstrutivista”, um retrato lúcido sobre a educação brasileira.

Episódio 24

Tema: Igreja Doméstica

Convidados: Benê e Dodo

Sinopse: A sabedoria popular nos diz que a melhor forma de ensinar é pelo exemplo, e é por este motivo que a família é tão importante. Todo lar católico busca amar a Deus e viver segundo seus preceitos, ensinando os filhos a partir da própria convivência e prática cotidiana. Hoje falaremos sobre “Igreja Doméstica”. Igreja Doméstica não é uma construção arquitetônica dentro da nossa casa, a “igreja doméstica” é formada por todos os membros da família, NÓS como filhos de Deus somos os elementos constitutivos da Igreja. Para falar sobre este tema, tão caro às famílias, recebemos hoje, o casal Benê e Dodo, fundadores da Comunidade Católica Famílias Novas do Imaculado Coração de Maria.

Episódio 25

Tema: A provação

Convidada: Mara

Sinopse: Em Gênesis 22, Deus testou e provou a fé de Abraão, ao ordenar que ele sacrificasse Isaac, seu único filho. A gente sabe que Abraão não foi o único a ser provado por Deus. Diferente da tentação, que vem do demônio, a provação vem de Deus, que quer ver o amor e a santidade de seus filhos florescerem. O que santifica o homem é o AMOR. E querendo promover o amor, Deus permite as provações. Mas, por que Deus promove o crescimento do amor por meio do sofrimento? Hoje vamos conhecer a história da Mara e sua filha Priscila, que vivenciam o desafio de colher o AMOR diante de uma provação.

Episódio 26

Tema: Adoção

Convidados: Raquel e Douglas

Sinopse: No programa de hoje iremos falar sobre adoção. De acordo com relatório detalhado da CNJ – Comissão Nacional de Justiça – em 2014 o Brasil teve 5.485 crianças cadastradas no banco nacional de adoção, e 31.764 de pretendentes a adotar. Em 2019 esses números aumentaram em 72%. Apesar do número de interessados em adotar ser expressivamente maior do que a quantidade de crianças para adoção, esta conta que não fecha. Existem muitas exigências por parte de quem adota, como a idade e etnia da criança, por exemplo, e por isso mesmo muitas crianças permanecem em abrigos aguardando uma família e um lar. Um outro critério de seleção são crianças com irmãos, elas costumam ser recusadas pelos pretendentes. Contrariando este critério, recebemos hoje um casal que formou uma linda família ao adotar quatro irmãos.

Episódio 27

Tema: Síndrome de Down, o cromossomo do amor

Convidados: Daniel de Miranda e Liana John

Sinopse: Hoje iremos falar sobre a Síndrome de Down, também denominada trissomia 2, uma anomalia genética causada pela presença integral ou parcial de uma terceira cópia do cromossomo 21. Esse cromossomo a mais é carinhosamente chamado por muitos pais de ?Cromossomo do amor?, dada uma das maiores características destas pessoas ser o afeto irrestrito. Há uma estimativa de que existam 300 mil pessoas com síndrome de down no Brasil, e uma delas está aqui conosco hoje, Daniel de Miranda, criador do canal do YouTube Down News. E para falar sobre a educação do Dani, recebemos também a sua mãe, Liana John.

Episódio 28

Tema: A fé em tempos de crise

Convidado: Padre Douglas Pinheiro

Sinopse: O Brasil está vivendo um momento como nunca houve antes. Uma situação de isolamento devido a um vírus. Nós podemos questionar quais são as medidas mais eficazes, podemos questionar a gravidade e a forma como o tema vem sendo tratado, mas, o que não podemos questionar é que o mundo está sendo obrigado a se rever. Nós católicos enxergamos este momento como uma oportunidade de nos aproximarmos ainda mais de Deus. O que nos leva a pensar: Qual o papel da fé em situações de crise? Nós buscamos mais a Deus em momentos de dor? Recebemos hoje o Padre Douglas Pinheiro, da Diocese de Osasco.

Episódio 29

Tema: O custo de se defender a vida

Convidada: Bruna

Sinopse: Você já parou para pensar sobre algo que você ?não abre mão?, ou seja, algo que seja inegociável, algo pelo qual valha a pena dar a própria vida? Nós cristãos, sempre pensamos em Jesus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, quando falamos em verdade, já que Ele é a própria Verdade. Hoje falaremos com a escritora, fundadora e editora chefe da revista Esmeril, sobre como a busca da realidade, ou seja, da Verdade nos impele a ser coerente e como por conta disso, somos capazes de mudar a nossa vida diante disto.

Episódio 30

Tema: Os Dogmas Marianos

Convidado: Padre Fernando Neves

Sinopse: Neste episódio do programa NA VERDADE, Isabella Mantovani e Viviani Chaves recebem o Padre Fernando Neves, pároco na paróquia Santa Luzia de Hortolândia/SP. Padre Fernando vem esclarecer os dogmas da Igreja referente a Nossa Senhora.

Episódio 31

Tema: A Solenidade de Pentecostes

Convidado: Padre Luan de Oliveira

Sinopse: Nesse programa, Isabella Mantovani e Viviani Chaves recebem o Padre Luan de Oliveira, da Paróquia São Miguel Arcanjo de Sumaré/SP, para falarem sobre a Solenidade de Pentecostes.

Episódio 32

Tema: O sincretismo religioso

Convidado: Padre Douglas Pinheiro

Sinopse: Neste programa, Isabella Mantovani e Viviani Chaves recebem o Padre Douglas Pinheiro, da Diocese de Osasco SP. O Brasil, o maior país católico do mundo, foi inicialmente chamado ?Terra de Santa Cruz? e teve como a primeira ação dos portugueses a celebração da Santa Missa. Somos também um povo miscigenado, formado por várias etnias. Essa composição intercultural favorece o sincretismo religioso. Sincretismo é a fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova. Hoje vamos conversar sobre como essa junção de diferentes povos influencia no entendimento de religião de muitos brasileiros e como nós católicos devemos nos portar diante

dessa mistura. Afinal, onde está a nossa Sagrada Tradição?

Episódio 33

Tema: A Igreja Católica e a construção da civilização ocidental

Convidado: Raphael Tonon

Sinopse: É comum aprendermos na escola, que a Igreja Católica foi uma grande inimiga da ciência e que fomos responsáveis pela 'Idade das trevas'. No cinema, na mídia e até mesmo na arte, fomos ensinados a crer que a Igreja Católica foi uma grande repressora do desenvolvimento acadêmico e do progresso da civilização. Para quem busca a verdade dos fatos, sabemos que isso não procede. Ao contrário, sem a contribuição massiva da Igreja Católica, não teríamos inúmeras descobertas e avanços do conhecimento que norteiam a nossa sociedade até hoje. Para falar como a Igreja Católica foi fundamental para a construção da civilização ocidental, recebemos em nosso programa o Raphael Tonon, leigo consagrado da comunidade Pantokrator, da cidade de Campinas.

Episódio 34

Tema: A vida de Santa Edith Stein

Convidada: Magna Rocha

Sinopse: A vida de Santa Edith Stein. Program Na Verdade fala sobre essa Santa e conta com a presença da Dra. Magna Rocha.

Episódio 35

Tema: Eutanásia, ortotanásia e distanásia

Convidada: Nicole Tatit von Schaaffhausen

Sinopse: A preservação da própria vida é algo instintivo a todo ser vivo. A pessoa humana, porém, criada à imagem e semelhança de Deus é o único ser que tem a consciência de seu fim último: voltar à casa do Pai. E por isso mesmo entende a sacralidade da vida como um bem maior. Hoje falaremos sobre um tema que faz parte da vida: a doença e a morte. Conversaremos com a neurologista Nicole Tatit von Schaaffhausen, Especialista em doenças neurodegenerativas, sobre eutanásia, ortotanásia e distanásia.

Episódio 36

Tema: A Igreja Católica e os ritos orientais

Convidado: Diácono Eric Modolo

Sinopse: A Santa Igreja Católica é formada por 24 ritos. Dentre estes 24 ritos, o rito latino é o mais praticado e conhecido, porém, existem outros 23 ritos orientais. O Programa Na Verdade recebe o diácono maronita, Eric Modolo, para falar sobre os ritos orientais da Igreja Católica. Evidência que a Igreja é UNA e os diferentes ritos representam as múltiplas culturas e tradições em que a Igreja Católica é estruturada, todas iguais em dignidade e legitimidade.

Episódio 37

Tema: Os perigos dos anticoncepcionais e o pecado da contracepção

Convidado: Dr Carolina Dellage

Sinopse: Viviani Chaves e Mercedes Figueroa entrevistam a ginecologista Dr Carolina Dellage sobre os perigos dos anticoncepcionais e o pecado da contracepção.

Episódio 38

Tema: A história da liturgia Católica

Convidado: Michel Pagiossi

Sinopse: Programa Na Verdade, apresentado por Isabella Mantovani e Viviani Chaves, entrevista o historiador Michel Pagiossi sobre a história da liturgia.

Episódio 39

Tema: A Infertilidade e a Medicina Restaurativa

Convidado: Carolina Delage

Sinopse: Neste programa 'Na Verdade', Viviani Chaves e Mercedes Figueroa conversam com a Dra. Carolina Delage sobre 'A Infertilidade e a Medicina Restaurativa'. A Dra. Delage, médica ginecologista e obstetra, explica como a medicina restaurativa age em inúmeros casos de infertilidade, tratando as causas e não apenas os sintomas. As formas de acompanhamento do casal estão em sintonia com a doutrina da Igreja Católica. Confira o programa completo.

Episódio 40

Tema: A cultura da morte

Convidado: Andréia Medrado Serrano

Sinopse: Isabella Mantovani e Viviani Chaves entrevistam a professora e pesquisadora, Andréia Medrado Serrano, sobre a cultura da morte e como ela manipula a sociedade a fim de instaurar novos conceitos de civilização, desconstruindo os valores familiares.

Episódio 41

Tema: A luta por um Brasil Cristão

Convidado: Fernando Nascimento

Convidada: Drica Adamo

Sinopse: Como você já sabe, esse programa nasceu com a missão de levar A Verdade, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, a todas as pessoas. Porém, essa missão não foi incumbida somente a este programa. Estamos recebendo a dupla de apresentadores do programa Brasil Cristão, Fernando Nascimento e Drica Adamo, que vem fazendo um excelente trabalho de evangelização aqui na Rede Século 21. Este programa mostra as afinidades e o que nos mobiliza na "Luta por um Brasil Cristão"

Episódio 42

Tema: Por que a Igreja condena o Espiritismo?

Convidado: Padre Bruno Otenio

Sinopse: O diálogo e o respeito entre as religiões são essenciais para o bom convívio em sociedade. Porém, a falta de clareza entre diferentes doutrinas, atrapalha o amadurecimento da nossa fé. Você já deve ter notado, por exemplo, que alguns espíritas se auto denominam cristãos. Afinal, os espíritas são cristãos? A Igreja condena o espiritismo? Para responder a essas questões, recebemos em nosso programa o Padre Bruno Otenio, da diocese de Guarulhos.

Episódio 43

Tema: A engenharia social do novo normal

Convidado: Pe. Sala

Sinopse: Nesses tempos de pandemia, temos ouvido falar muito de um termo que visa ser emplacado pelos globalistas: O NOVO NORMAL. É um termo que de longe parece positivo, mas que de perto esconde uma grande mentira. Hoje, nós vamos refletir sobre esse termo, que tem jogado uma cortina de fumaça diante dos nossos olhos, a fim de nos afastarmos da verdade.

Episódio 44

Tema: Os erros da Ideologia de Gênero

Convidado: Andréia Medrado

Sinopse: Ouvimos muito o termo 'ideologia de gênero', mas afinal o que isso significa? E porquê todos os pais e adultos devem saber o significado deste termo e do desdobramento de suas propostas e entendimento. O que essa ideologia abrange? Isabella Mantovani e Viviani Chaves recebem a professora e pesquisadora Andréia Medrado para tratarem dos erros da ideologia de gênero que visam desconstruir o conceito de família. Confira a entrevista completa.

Episódio 45

Tema: Os ataques à dignidade da pessoa humana

Convidado: Bruna Torlay

Sinopse: Nós, como filhos de Deus, possuímos uma alma e uma dignidade que é própria da condição humana. Esta condição envolve uma dignidade que vem sendo agredida inclusive pelas próprias vítimas dessas agressões. Para falar sobre a natureza da condição humana e sua dignidade, recebemos a Fundadora e editora-chefe da revista Esmeril, a escritora Bruna Torlay

Episódio 46

Tema: Teologia do Corpo

Convidado: Padre Bruno Otenio

Sinopse: A Teologia do Corpo, sistematizada por São João Paulo II tem sido motivo de orientação e inspiração aos católicos que querem ser fiéis a Deus e à doutrina da Santa Igreja. Para falar sobre o tema, recebemos o padre Bruno Otenio, da Arquidiocese de Guarulhos.

Episódio 47

Tema: Divórcio e Nulidade Matrimonial

Convidado: Pe. Marcos Funchal

Sinopse: O Programa Na Verdade recebeu o padre Marcos Funchal para falar sobre divórcio e nulidade matrimonial. O que a Igreja Católica diz sobre o divórcio e sobre a segunda união? Quais são os casos em que o casamento é considerado nulo? Assista ao programa e entenda.

Episódio 48

Tema: Como atrair os jovens para a Igreja Católica?

Convidado: Padre Luiz Roberto

Sinopse: Como atrair os jovens para a Igreja Católica? O convidado de hoje, padre Luiz Roberto, o padre Beto, da Paróquia Imaculada Conceição de São Paulo, tem feito um trabalho admirável com a juventude. Ele viralizou na internet depois de ser filmado empinando a bicicleta com jovens da paróquia. Conhecido como um padre esportista, ele consegue mostrar aos jovens, por seu exemplo, que é possível buscar a santidade e ser jovem.

Episódio 49

Tema: Maria Madalena na Arte Sacra

Convidado: Wilma Tommaso

Sinopse: O programa Na Verdade tem o compromisso de trazer à luz tantos temas que, por diversos motivos, ficam esquecidos ou são tratados de forma equivocada. Maria Madalena é uma dessas figuras. Recebemos hoje a professora e escritora Dra. Wilma Tommaso, para falar sobre o tema, abordado de forma mais elaborada em sua mais nova obra: ‘Maria Madalena – história, tradição e lendas’.

Fonte: Site da Rede Século 21. Aba “O Programa”. Disponível em:
<https://www.rs21.com.br/na-verdade-o-programa/>